



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Tecnologia e Ciências

Instituto de Geografia

Marcelo Monroy Bentes

**Produção do espaço e favelização no Rio de Janeiro, RJ: existe um lugar no
Alto da Boa Vista**

Rio de Janeiro

2022

Marcelo Monroy Bentes.

**Produção do espaço e favelização no Rio de Janeiro, RJ: existe um lugar no
Alto da Boa Vista**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Gestão e Estruturação do Espaço Geográfico.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Regina Helena Tunes

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CTC/C

B475	Bentes, Marcelo Monroy. Produção do espaço e favelização no Rio de Janeiro, RJ: existe um lugar no Alto da Boa Vista / Marcelo Monroy Bentes. – 2022. 138 f: il. Orientadora: Regina Helena Tunes. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Geografia. 1. Geografia Humana – Planejamento urbano – Rio de Janeiro (RJ) – Teses. 2. Favela – Aspectos sociais – Alto da Boa Vista (Rio de Janeiro, RJ) – Teses. 3. Assentamentos humanos – Rio de Janeiro (RJ) – Teses. 4. Políticas públicas – Rio de Janeiro (RJ) – Teses. I. Tunes, Regina Helena. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. III. Instituto de Geografia. IV. Título. CDU 911.3(815.3)
------	--

Bibliotecária responsável: Fernanda Lobo - CRB7/5265

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Marcelo Monroy Bentes

**Produção do espaço e favelização no Rio de Janeiro, RJ: existe um lugar no
Alto da Boa Vista**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Gestão e Estruturação do Espaço Geográfico.

Orientador (a) (es): Prof.^a Dr^a. Regina Helena Tunes
Programa de Pós-graduação em Geografia – PPGeo/UERJ

Aprovada em 19/01/2023
Banca Examinadora:

Prof.^a Dr^a. Regina Helena Tunes
Instituto de Geografia – UERJ

Prof.^a Dr^a. Mariana Araujo Lamego
Instituto de Geografia – UERJ

Prof. Dr. Márcio Rufino Silva
Programa de Pós-graduação em Geografia – PPGGeo/UFRRJ

Rio de Janeiro

2022

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação à Alice e aos meus filhos Laura e Daniel.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha esposa Alice, por ter escutado com paciência e ternura minhas histórias sobre o Alto da Boa Vista, por ter aceitado morar comigo “no meio do mato”, pela compreensão com a falta de tempo nos momentos de pesquisa e pela ajuda durante toda a realização da dissertação.

Ao meu amado e saudoso pai, William, que nos deixou durante essa caminhada, minha querida mãe, Mercedes, amiga para todos os momentos e ao meu irmão William, pelo apoio em todas minhas escolhas e pela amizade dedicada ao longo de toda uma vida.

Ao pessoal de Miguel Pereira, Wanda, Argeu, Dhione, Maria e o saudoso Benício Mesquita, família que Alice me deu.

Aos moradores do Alto da Boa Vista meus amigos e vizinhos, que contribuíram com informações preciosas para esta dissertação.

À Professora Dra. Regina Helena Tunes, pela contundente orientação durante a elaboração da pesquisa, pelo carinho, pela atenção, pela dedicação, pela paciência e pelas conversas sobre a vida acadêmica, escolhas etc.

Aos meus colegas do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Geografia Econômica (NEPGE), professores e demais colegas do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGEO-UERJ), instituição de ensino que nos enche de orgulho a cada dia.

Agradeço também ao querido e saudoso Professor Gilmar Mascarenhas, Geógrafo de coração que muito me inspirou com sua paixão pela Geografia e deu o “pontapé inicial” desta pesquisa.

Alvorada lá no morro, que beleza
Ninguém chora, não há tristeza
Ninguém sente dissabor
O sol colorindo é tão lindo, é tão lindo
E a natureza sorrindo, tingindo, tingindo

Cartola

RESUMO

BENTES, Marcelo Monroy. **Produção do espaço e favelização no Rio de Janeiro, RJ: existe um lugar no Alto da Boa Vista**. 2022. 138 f. Dissertação de Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

O objetivo dessa dissertação de mestrado foi investigar o processo de produção do espaço, seus conflitos e contradições, as origens e, sobretudo, os motivos que levaram à expansão do processo de favelização no Alto da Boa Vista, no município do Rio de Janeiro. Para tanto, analisamos as favelas localizadas ao longo da Estrada das Furnas, área cortada pelo rio que possui o mesmo nome e se localiza na vertente sudoeste do Maciço da Tijuca. A partir da consideração de que a favela é uma das formas resultantes do processo de (re)produção do espaço no município do Rio de Janeiro, buscamos explicar a rápida favelização dessa área, que transformou o espaço com marcante presença de ruralidades em uma área de urbanização precária que segue em expansão. Outrossim, o trabalho analisou em que medida os elementos presentes no cotidiano, na percepção da materialidade produzida e na imaginação do espaço, reforçam o sentimento de pertencimento e de valorização do lugar, e como se deu a participação de seus habitantes no que diz respeito ao direito à cidade.

Palavras-chave: Alto da Boa Vista. Direito à cidade. Favela. Produção do espaço.

ABSTRACT

BENTES, Marcelo Monroy. **Production of space and favelization in Rio de Janeiro, RJ: there is a place in Alto da Boa Vista**. 2022. 138 f. Dissertação de Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

The objective of this master's thesis was to investigate the process of space production, its conflicts and contradictions, the origins and, above all, the reasons that led to the expansion of the favelization process in Alto da Boa Vista, in the municipality of Rio de Janeiro. To this end, we analyzed the favelas located along the Furnas Road, an area cut by the river that has the same name and is located on the southwest slope of the Tijuca Massif. From the consideration that the favela is one of the forms resulting from the process of (re)production of space in the municipality of Rio de Janeiro, we seek to explain the rapid favelization of this area, which transformed the space with marked presence of ruralities into an area of precarious urbanization that continues to expand. Moreover, the work analyzed the extent to which the elements present in daily life, in the perception of the materiality produced and in the imagination of space, reinforce the feeling of belonging and valorization of the place, and how the participation of its inhabitants with regard to the right to the city took place.

Keywords: Alto da Boa Vista. Right to the city. Slum. Space production.

RESUMEN

BENTES, Marcelo Monroy. **Producción del espacio y favelización en Rio de Janeiro, RJ: hay local en Alto da Boa Vista**. 2022. 138 f. Dissertação de Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

El objetivo de esta disertación fue investigar el proceso de producción del espacio, sus conflictos y contradicciones, los orígenes y, sobre todo, las razones que llevaron a la expansión del proceso de favelización en Alto da Boa Vista, en el municipio de Río de Janeiro. Para tanto, analizamos las favelas ubicadas a lo largo de la Estrada das Furnas, área atravesada por el río del mismo nombre y ubicada en la vertiente suroeste del Maciço da Tijuca. Partiendo de la consideración de que la favela es una de las formas resultantes del proceso de (re)producción del espacio en la ciudad de Rio de Janeiro, buscamos explicar la rápida favelización de esta zona, que transformó el espacio con una marcada presencia de ruralidades en un área de urbanización precaria que sigue expandiéndose. Además, el trabajo analizó en qué medida los elementos presentes en la vida cotidiana, en la percepción de la materialidad producida y en el imaginario del espacio, refuerzan el sentimiento de pertenencia y valoración del lugar, y cómo se dio la participación de sus habitantes en torno al derecho a la ciudad.

Palabras clave: Alto da Boa Vista. Derecho a la ciudad. Favela. Producción del Espacio.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Vista do Google Earth com destaque para o bairro do Alto da Boa Vista e os bairros vizinhos.....	19
Figura 2 - Adensamento urbano ao longo da Estrada das Furnas	25
Figura 3 - Favela Tijuaçu: partida de futebol no campo do Agrião	32
Figura 4 - Alto da Boa Vista: do rural ao urbano	49
Figura 5 - Alto da Boa Vista: principais vias de acesso.....	67
Figura 6 - Mata Machado e Tijuaçu	79
Figura 7 - Fragmento do jornal O Semanário: conflitos sobre a posse da terra	83
Figura 8 - Favela Mata Machado lado a lado com um condomínio de luxo	85
Figura 9 - Favela do Tijuaçu e Campo do Agrião	87
Figura 10 - Setor Furnas, favelas: Fazenda, Furnas, Agrícola e Biquinha.	91
Figura 11 - Favela Fazenda	92
Figura 12 - Proximidade entre as Favelas Furnas e Agrícola	97
Figura 13 - Favela Agrícola	104
Figura 14 - Favela Biquinha	107
Figura 15 - Nuvem de palavras: maiores qualidades do local de moradia	120
Figura 16 - Rivalidade reinventada entre Flamengo e Vasco.....	129

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1 - Furnas: ecolimites instalados na favela	27
Foto 2 - Tijuacu: casas construídas em área de encosta	40
Foto 3 - Favela Mata Machado: poluição no Rio Cachoeira - 2022.....	46
Mapa 1 - Áreas de Planejamento e Regiões Administrativas do município do Rio de Janeiro	52
Mapa 2 - APARU e do PNT: localização no Rio de Janeiro.....	55
Foto 4 - Alto da Boa Vista: antiga fazenda refuncionalizada em casa de festas.	57
Foto 5 - Alto da Boa Vista: casas com aspecto de abandono	58
Foto 6 - Panorama do antigo Largo da Boa Vista no início do século XX.	65
Foto 7 - Rua Boa Vista: antiga vila operária da fábrica de tecidos Lanifícios Boa Vista.	69
Foto 8 - Mata Machado: casa construída sob fundações de antiga construção.....	80
Foto 9 - Mata Machado: casarões da antiga fazenda	81
Foto 10 - Estrada do Tijuacu: carros estacionados tomando espaço dos antigos pés de Jamelão.....	90
Foto 11 - Favela Fazenda: ruínas de uma senzala	94
Foto 12 - Favela da Fazenda, Rio Cachoeira e Pedra Bonita ao fundo.	96
Foto 13 - Favela Agrícola: construção além dos ecolimites	100
Foto 14 - Campo do Agrícola: abandono com traves e alambrados caídos.....	102
Foto 15 - Loja de material de construção na Estrada das Furnas	114

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Alto da Boa Vista: população no período 1980 - 2010.....	59
Gráfico 2 - Alto da Boa Vista: renda média familiar per capita	60
Gráfico 3 – Formulário eletrônico: local de moradia	109
Gráfico 4 - Formulário eletrônico: trabalho nas fábricas	110
Gráfico 5 - Formulário eletrônico: trabalho nas fábricas – recorte das seis favelas.	111
Gráfico 6 - Formulário eletrônico: bairro em que trabalha atualmente	112
Gráfico 7 – Formulário eletrônico: problemas do local de moradia	115
Gráfico 8 - Formulário eletrônico: maior problema – recorte das seis favelas.....	116

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Alto da Boa vista: área, população e domicílios.	53
Tabela 2 - Temperaturas máximas e mínimas diárias no município do Rio de Janeiro.	54
Tabela 3 - Favelas do Alto da Boa Vista: área ocupada em 1999 e 2019.....	75
Tabela 4 - Favelas do Alto da Boa Vista: população e domicílios – 2000 e 2010	76

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABI	Agentes Bem-Informados
ABI1	Agente Bem- Informado Mata Machado
ABI2	Agente Bem- Informado Tijuacu
ABI3	Agente Bem- Informado Fazenda
ABI4	Agente Bem- Informado Furnas
ABI5	Agente Bem- Informado Agrícola
ABI6	Agente Bem- Informado Biquinha
AP	Área de Planejamento
APA	Área de Proteção Ambiental
APARU	Área de Proteção Ambiental e Recuperação Urbana
DER	Departamento de Estradas de Rodagem
CEDAE	Companhia Estadual de Águas e Esgotos do Rio de Janeiro
ICMBio	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
IPP	Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos
MPRJ	Ministério Público do Rio de Janeiro
PMERJ	Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro
PNT	Parque Nacional da Tijuca
PROFACE	Programa de Favelas da CEDAE
RA	Região Administrativa
RJ	Rio de Janeiro
SABREN	Sistema de Assentamentos de Baixa Renda
SFH	Sistema Financeiro de Habitação
UC	Unidade de Conservação
UPP	Unidade de Polícia Pacificadora
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1. A ORIGEM DAS FAVELAS NO RIO DE JANEIRO E SEU RECONHECIMENTO COMO PROBLEMA	35
2. O ALTO DA BOA VISTA – DAS FAZENDAS ÀS FÁBRICAS.....	48
3. A VIDA COTIDIANA NAS FAVELAS DO ALTO DA BOA VISTA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA TRÍADE LEFEBVRIANA	72
3.1 O Espaço vivido das favelas.....	74
3.1.1 Setor Cachoeira	78
3.1.2 Setor Furnas.....	90
3.2 Do vivido nas favelas ao concebido no Alto da Boa Vista.....	107
3.3 O Espaço percebido: o mito da tranquilidade	118
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	126
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	131
ANEXO 1 – Formulário eletrônico.....	138

INTRODUÇÃO

As favelas¹ estão presentes em praticamente todos os bairros do município do Rio de Janeiro, compondo paisagens juntamente com residências ocupadas pelas classes mais abastadas e com atributos naturais que conferem à capital fluminense a fama de uma das localidades mais belas do planeta. Nesse sentido, para um observador um pouco mais atento, o contraste entre pobreza e riqueza denota a profunda desigualdade em que a população carioca está inserida, característica que também se observa em diversas metrópoles brasileiras e que demanda ampla agenda de estudos e pesquisas em diversas disciplinas acadêmicas.

Como geógrafos, estamos particularmente interessados na espacialização dessa desigualdade, suas funções, formas e a estrutura na qual está inserida, direcionando nosso olhar para a infinidade de possibilidades que o processo de favelização nos oferece como campo de pesquisa. Assim, nossa análise é dirigida para o processo de urbanização precária, que vem se intensificando, nas duas últimas décadas, na área localizada ao longo da Estrada das Furnas, no bairro do Alto da Boa Vista.

Essa área possui localidades que apresentam diversas características em comum, tanto naturais como culturais, bem como o mesmo histórico de ocupação, com origens relacionadas com o passado rural do século XIX e industrial do século XX e, atualmente, tem diversos núcleos de favelização. Apesar dessas características específicas, a área apresenta fluxos totalmente integrados com os bairros no entorno, como veremos mais adiante.

Uma das principais características fisiográficas dessa área é o vale no qual encontramos a bacia do Rio Cachoeira, responsável pela drenagem de diversos afluentes que nascem nas matas do Alto da Boa Vista a montante, e desaguam na Lagoa da Tijuca, no bairro do Itanhangá. É também nessa área que encontramos a

¹ Neste trabalho trataremos como *favelas* as áreas caracterizadas por processos de urbanização precária, priorizando o uso do termo *comunidades* para os grupos populacionais que habitam essas áreas.

Estada das Furnas, pavimentada na década de 1950 e responsável pela integração urbana do bairro com a zona oeste do município. O nome Furnas se deve à presença marcante de diversos afloramentos rochosos e grutas, principalmente às margens do rio.

Em diversos trechos a estrada passa ao lado do rio, mudando de margem ao longo do caminho e fazendo a ligação entre o Alto da Boa Vista e os bairros do Itanhangá e da Barra da Tijuca, sendo a continuação da Avenida Edson Passos, via que faz ligação com o bairro da Tijuca, na zona norte do município. É justamente ao longo dessas vias que encontramos o maior número de residências e estabelecimentos comerciais em toda a área abarcada pelo Maciço da Tijuca.

Essa concentração da mancha urbana ao longo das principais vias, que são poucas, bem como a localização em uma área de relevo acidentado e com cobertura florestal, confere um aspecto diferenciado em relação aos demais bairros localizados ao redor do maciço, conforme mostra a Figura 1.

Figura 1 - Vista do Google Earth com destaque para o bairro do Alto da Boa Vista e os bairros vizinhos



Fonte: Google Earth. Elaborado pelo autor em junho 2021.

A problemática central desta dissertação foi elaborada por meio da evidente aceleração do processo de favelização na área localizada ao longo da Estrada das Furnas, sobretudo nas últimas duas décadas, posto que já havia, nessa área, antigos núcleos de favelização, mas que passavam despercebidos na paisagem, ocultos pela vegetação. As favelas analisadas nessa dissertação foram originadas ainda na primeira metade do século XX e, até recentemente, mantinham um ritmo lento de crescimento e características rurais, como criações de animais e agricultura de subsistência. Atualmente, essas atividades rurais são muito raras.

Assim, considerando a favela como uma das formas resultantes do contraditório processo de reprodução do espaço no município do Rio de Janeiro, como podemos explicar o rápido processo de favelização da área localizada ao longo da Estrada das Furnas, no Alto da Boa Vista, que transformou o espaço com marcante presença de ruralidades, até a década de 2000, em uma área de urbanização precária e em processo de favelização atualmente?

Por outro lado, o crescimento das favelas em áreas também ocupadas por residentes com grande poder aquisitivo denota a profunda desigualdade da sociedade capitalista, estampando na paisagem carioca o contraste entre os condomínios de luxo e as moradias precárias que se multiplicam em áreas pouco interessantes ao capital, quase sempre em encostas íngremes ou nas margens de rios.

No Alto da Boa Vista, o contraste entre riqueza e pobreza se dá em áreas florestadas e relativamente isoladas dos demais bairros, conferindo uma condição peculiar e única no município. Assim, as comunidades que habitam essas favelas possuem intensa relação com os demais moradores do bairro e com a natureza, o que nos levou a questionar em que medida os elementos presentes no cotidiano, na percepção da materialidade produzida e na imaginação do espaço, reforçam o sentimento de pertencimento e de valorização do lugar e como se dá a participação de seus habitantes no que diz respeito ao direito à cidade?

No desenvolvimento de nossas hipóteses, partimos do princípio de que o “espaço estaria essencialmente ligado à reprodução das relações (sociais) de produção” (LEFEBVRE, 2020, p.47). Nessa perspectiva, verificamos que o processo de favelização pode ilustrar a problemática do urbano como produto das características da sociedade que o produz. Assim, dado que o espaço é, por uma

perspectiva, produto das relações sociais capitalistas e que estas se reproduzem desigualmente, notamos o desenvolvimento de processos de urbanização desigual nas adjacências da Barra da Tijuca, bairro que recebeu significativas intervenções do capital imobiliário nas últimas duas décadas, configurou um setor residencial seletivo e elitista com a construção de grandes condomínios fechados e se consolidou como um centro de negócios com importante oferta de empregos, impulsionando o mercado imobiliário informal no seu entrono. De acordo com Henri Lefebvre (2020, p.145):

Hoje as classes dominantes se servem do espaço como de um instrumento. Instrumento para vários fins: dispersar a classe operária, reparti-la nos lugares prescritos; organizar os fluxos diversos subordinando-os a regras institucionais; subordinar, por conseguinte, o espaço ao poder; controlar o espaço e reger, tecnocraticamente, a sociedade inteira, conservando as relações de produção capitalistas.

Sobre a vida cotidiana dessas comunidades, baseamos nossa discussão na tríade, concebida por Henri Lefebvre, do espaço vivido, concebido e percebido, dado que acreditamos na importância da análise espacial para a compreensão da realidade. De acordo com Lefebvre, como veremos mais detalhadamente no Capítulo 3, essa tríade é formada por dimensões indissociáveis da produção do espaço (LEFEBVRE, 2006). Esse entendimento holístico do espaço, a partir da indissociabilidade dessas três dimensões, nos permite romper com as dicotomias favela e bairro, asfalto e morro, partindo para o entendimento do espaço urbano carioca como uma trama, composta por áreas distintas, mas profundamente integradas.

Desse modo, partimos da hipótese de que a proximidade com a natureza e a aparente sensação de segurança, relacionada com a baixa ocorrência de eventos violentos e a presença ainda discreta do tráfego de entorpecentes reforçam o sentimento de pertencimento e de valorização do lugar por parte das comunidades que habitam as favelas do Alto da Boa Vista.

Nesse sentido, essa percepção do espaço, ou seja, o espaço percebido pelos moradores dessas favelas é fruto de uma prática social, vivida no dia a dia das comunidades (espaço vivido) em alinhamento com uma ordem instituída, planejada,

dado que as favelas em questão estão localizadas em uma área de proteção ambiental, sob constante ameaça de remoção por parte do poder público.

Essa relação de identidade com o espaço vivido é potencializada entre os moradores mais antigos, que compartilham o mesmo histórico de vida e desenvolveram laços comunitários ao longo dos anos, o que contribui para atrair novos moradores, estimulados também pelo recente aquecimento do mercado imobiliário nessas áreas. No entanto, estas amenidades, presentes no cotidiano das favelas em questão, apenas mascaram as condições precárias de moradia, transporte, lazer, saúde e educação dos seus moradores, mantendo-os alienados do direito à cidade e alimentando uma sensação ilusória de cidadania, fetichização que denominamos como o mito da tranquilidade.

Os versos de Cartola, retirados da música *Alvorada*² e destacados na epígrafe desta dissertação, chamam a atenção de como a tristeza e os dissabores da vida no Morro da Mangueira, favela localizada na zona norte do município, são romantizados e amenizados pela natureza, representada na letra da música pela luz da alvorada³. Notamos que ocorre algo semelhante nas favelas do Alto da Boa Vista, pois durante o trabalho de campo, tanto nas conversas informais quanto nas entrevistas semiestruturadas, foi frequente a caracterização do lugar como favela tranquila, lugar tranquilo, área de tranquilidade e paz, vizinhança tranquila etc. No entanto, entendemos que em áreas com histórico de escravidão, violentas disputas territoriais e caracterizadas por processos de urbanização precária, tais adjetivações devem ser problematizadas.

Acreditamos que a relatada tranquilidade seja fruto de uma percepção relacional dos moradores dessas favelas, representação do espaço oriunda da experiência de moradia em áreas mais violentas e precárias, reforçada pela identidade com a comunidade e potencializada pelo relativo isolamento propiciado pela proximidade do lugar com áreas florestadas. De acordo com Lefebvre (2019, p.120):

O mito de Atlântida, no Critias de Platão, pode ser considerado como um mito urbano, antecipação ou pressentimento? O mito mostra a

² CARTOLA. Alvorada, in Cartola 1974. Rio de Janeiro, Discos Marcus Pereira, 1974. Disco.

³ Interpretação livre do autor da dissertação.

contemporaneidade, a coexistência não pacífica do campo e da cidade desde o início da civilização ocidental.

Nesta dissertação, consideramos que os mitos respondem à busca por respostas, interrogações e problemas de uma sociedade. Assim, o mito da tranquilidade se trata de uma Atlântida às avessas, posto que está fundamentado na percepção de um lugar com características paradisíacas em meio ao caos urbano.

Assim, cremos que o processo de favelização no município do Rio de Janeiro não seja uma simples consequência indesejável do processo de acumulação capitalista, mas sim a materialização da desigualdade inerente a este modo de produção. No caso do Rio de Janeiro, município que sempre apresentou elevado déficit habitacional (ABREU, 1992), as favelas representam uma solução encontrada pelas classes menos favorecidas para habitar e sobreviver. Para o filósofo Henri Lefebvre, ao interpretar a realidade urbana “o ser humano só pode habitar como poeta. Se não lhe é dado, como oferenda e dom, uma possibilidade de habitar poeticamente ou de inventar uma poesia, ele a fabrica à sua maneira” (LEFEBVRE, 2019, p.98).

Nesse sentido, advogamos nesta dissertação que a favela não deve ser tratada como um problema a ser eliminado, visto que ela não é a causa, mas sim um elemento desta reprodução desigual, uma maneira fabricada de residir. Ademais, o processo de favelização gera outros efeitos, algumas vezes negativos, como o aumento da violência e a poluição ambiental, e outros positivos, como toda a produção cultural e o cotidiano da vida que oriunda das comunidades que ocupam essas áreas.

Apesar de ser constantemente caracterizada pela mídia nacional como problema urbano, a favela costuma ser exaltada nos eventos em que o Brasil aparece para o mundo, como ocorre, anualmente, no desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro e se deu nas cerimônias de abertura da Copa do Mundo de Futebol de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016. Em todos esses eventos, a favela surgiu como elemento importante da cultura nacional.

Embora os processos relacionados com a reprodução do espaço nas favelas sejam a concentração de renda, o favorecimento das elites pelo poder público, as relações de trabalho e disputas de classes, a especulação imobiliária, entre outros,

não se esgotam as discussões sobre a existência de tais localidades marcadas por uma urbanização precária. Mediante o exposto, a investigação dos fatores que impulsionam a expansão de favelas em uma área específica pode servir como base para a análise e discussão de políticas públicas gerais que busquem a mitigação dos problemas que afetam a vida dos moradores das favelas em geral e, por conseguinte, do município como um todo.

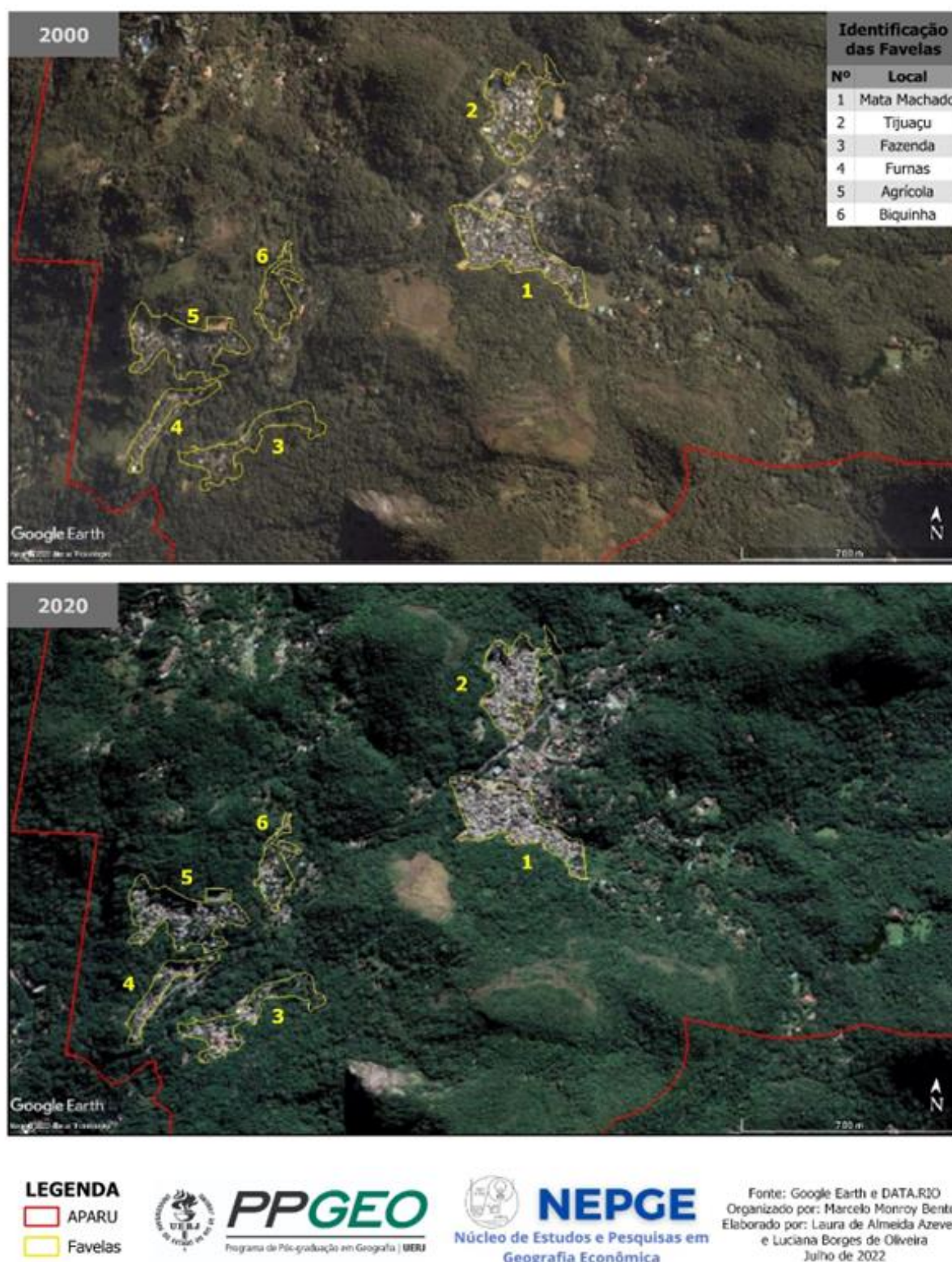
O Alto da Boa vista exemplifica bem essa problemática urbana, sobretudo na área cortada pela Estrada das Furnas, pois apresenta diversas favelas, algumas, inclusive, já receberam programas de urbanização⁴ e outras em pleno processo de expansão, em contraste com residências ocupadas pelas classes mais abastadas e com áreas com predominância de florestas.

A gênese da favelização nessa área, como veremos no Capítulo 3, está relacionada com a implantação, ainda na primeira metade do século XX, de diversas fábricas e suas vilas operárias, com o desenvolvimento de atividades comerciais que não prosperaram e com o abandono e a ocupação de propriedades rurais desocupadas na mesma época.

Esse surto industrial, além de representar um fator atrativo de força de trabalho, foi determinante para o desenvolvimento do comércio local, contribuindo para a redução das características rurais da área, à medida que as favelas se consolidavam no entorno das fábricas e das mansões, nos entremeios da floresta. Após um período de relativa estagnação durante o último quartil do século passado, a aceleração da favelização na área é notória, sobretudo na última década, como podemos comprovar na Figura 2, o que oferece campo para novas investigações e pesquisas.

⁴ As favelas Mata Machado e Tijuacu já receberam programas de urbanização nas décadas de 1990 e 2000.

Figura 2 - Adensamento urbano ao longo da Estrada das Furnas



Com base nas imagens de satélite acima, constatamos que a mancha urbana aumentou consideravelmente nas últimas décadas, sobretudo nas seis favelas em

destaque, em que notamos o adensamento das construções na comparação entre as duas imagens. Para fins didáticos, agrupamos as seis maiores favelas da área em dois setores: Cachoeira e Furnas. O setor Cachoeira contempla as favelas Mata Machado e Tijuçu, que apresentaram notório adensamento e estão referenciadas no mapa com os números 1 e 2, respectivamente. O setor Furnas, que também registra um contundente adensamento, agrupa as favelas numeradas de 3 a 6, nesta ordem: Fazenda, Furnas, Agrícola e Biquinha.

A escolha por agrupar as seis favelas em dois conjuntos está embasada na proximidade entre as favelas de cada setor, conforme apresentado na Figura 2, e com a toponímia dos lugares percebida durante as conversas informais do trabalho de campo. No entanto deve-se ressaltar que os nomes Furnas e Cachoeira, que tratamos como setores, foram mais citados por moradores antigos, que já habitavam a área antes do reconhecimento das favelas como tal. Os moradores mais recentes já identificam as áreas pelo nome de cada uma das seis favelas, o que já é um sinal do crescimento populacional na área.

As seis favelas apresentam características que já provocaram debates em outras áreas marcadas por processos de urbanização precária, como a presença de um posto da Polícia Militar, nos moldes das Unidades de Polícia Pacificadora (UPP); a criação de muros e ecolimites⁵, que cercam algumas favelas como tentativa de conter sua expansão; o histórico de processos de remoção de moradores; grilagem de terras e projetos de revitalização, que surgem de tempos em tempos prometendo resolver o *problema* favela.

Essas características mostram a atuação de políticas públicas que teimam em repetir os erros do passado, sempre favorecendo as classes hegemônicas e relegando aos moradores destas comunidades os mesmos dilemas de outrora. Acrescente-se que a pesquisa apresenta relevância ambiental, por causa da proximidade dessas favelas com o Parque Nacional da Tijuca (PNT), bem como científico, posto que reúne características relacionadas com distintos momentos do desenvolvimento urbano da cidade.

Durante a década de 1990, após a forte reação da sociedade contra a proposta, por parte do poder público, de construir muros como forma de conter o

⁵ Estrutura formada por cabos de aço fixados ao solo em pedaços de trilhos de trem.

crescimento das favelas, a Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro optou, em 2001, pela instalação de uma estrutura menos impactante e com apelo ecológico, assim, batizou de ecolimites o cercamento de algumas favelas por meio da utilização de cabos de aço fixados ao solo em pedaços de trilhos de trem, conforme Foto 1.

Foto 1 - Furnas: ecolimites instalados na favela



Fonte: Foto do autor em janeiro de 2022

De acordo com Marcelo Lopes de Souza (2015, p. 29):

Os ecolimites exemplificam perfeitamente a maneira como se vem tentando, em meio a uma conjuntura "democrática", viabilizar os interesses de valorização do espaço e retirada daqueles que são vistos como indesejáveis em certos espaços. A ideia da administração estadual de cercar umas tantas favelas da Zona Sul carioca com muros de concreto ou cabos de aço, o que gerou protestos e terminou com o recuo e um desgaste político para o governo, é sintomática do desejo das elites cariocas de lançar mão de todos os artifícios possíveis para "estancar" o crescimento das favelas.

A favela foi tratada por muito tempo como um problema a ser eliminado, como fica evidente na citação acima, e não como uma parte da cidade que possui problemas e está profundamente relacionada com as demais, com o todo. Acreditamos que outro olhar, uma análise da cidade com base na produção social do espaço, seja capaz de indicar novas perspectivas e possibilidades para essas áreas.

Atualmente existem diversos núcleos de favelização no Alto da Boa Vista, como já dissemos, entendemos que essas formas urbanas estejam associadas ao desenvolvimento de processos de urbanização desigual, dado que a produção do espaço está essencialmente ligada à reprodução das relações sociais de produção, como também já dissemos. Assim, a busca pelo êxito em nossa investigação foi guiada de acordo com a perspectiva do método dialético, refutando o senso comum por meio do exame crítico e totalizante das relações do processo de favelização com o desenvolvimento urbano, seus conflitos e contradições, além de suas ligações com outros processos, sejam estes sociais, culturais ou econômicos.

Diante disso, partimos de uma base material e histórica, que começa no momento atual de análise das formas existentes, levando em conta um olhar crítico, para em seguida buscar no passado aquilo que deu origem às condições para a concretização dessa realidade. Por fim a realidade presente é revisitada para a elaboração de conclusões. Neste sentido, nos baseamos nas discussões propostas por Henri Lefebvre em alinhamento com suas ideias formuladas para a elucidação das contradições presentes no espaço urbano e do seu entendimento como um todo.

A pesquisa bibliográfica foi realizada ao longo da pesquisa e teve como bases, além da produção do espaço proposta por Lefebvre, o desenvolvimento desigual, apontado como a dimensão espacial do capitalismo (CARLOS, 1994; SMITH, 1988), a expansão urbana do município do Rio de Janeiro (ABREU, 1987; FERREIRA, 2011; RIBEIRO, 1997), seu processo de favelização (BURGOS, 1998; GONÇALVES, 2013; VALLADARES, 1978, 2005; PERLMAN, 1997; VALLA, 1986; SANTOS, 1981; PARISSE, 1969;) e o histórico de ocupação populacional, e apropriação das terras localizadas no Alto da Boa Vista (ABREU 1992; BANDEIRA, 1993; LEMOS, 2002; MAYA, 1967).

Também utilizamos diversos trabalhos acadêmicos que trazem discussões sobre a relação entre as favelas e o meio ambiente e a instrumentalização da atual legislação ambiental, apontada como a principal justificativa para a abertura de novos processos de remoção no Alto da Boa Vista. (SOUZA, 2015; COMPANS, 2007).

Além dessa etapa de gabinete, realizamos trabalho de campo entre maio de 2021 e março de 2022 para a coleta de dados quantitativos, sobretudo nas associações de moradores, e qualitativos, por meio de entrevistas semiestruturadas e conversas informais com líderes comunitários, moradores antigos e recentes, comerciantes e frequentadores do bairro. O longo período do trabalho de campo se deveu à extrema dificuldade de circulação e aproximação com os moradores durante a pandemia de COVID-19.

Em um primeiro momento, iniciamos uma série de visitas preliminares em que procuramos identificar agentes capazes de fornecer informações relevantes sobre as comunidades e a lógica de produção do espaço nessas áreas. Para tanto, realizamos uma primeira aproximação com as Associações de Moradores, as igrejas e os principais estabelecimentos comerciais. As conversas fruto desses encontros são decorrentes da vivência do autor, que é morador do bairro, foram registradas na caderneta de campo e estão indicadas ao longo do texto como *informação verbal*.

Para iniciar uma conversa mais direcionada aos objetivos do trabalho, identificamos seis lideranças comunitárias, uma em cada favela, que se configuraram como agentes bem-informados (ABI), dado seu “conhecimento empírico e detalhado” (SPOSITO e SPOSITO, 2022, p.316) que contribuíram sobremaneira para a coleta de dados qualitativos com base em entrevistas semiestruturadas que foram gravadas, com a devida autorização.

De acordo com a metodologia proposta, os agentes bem-informados foram identificados de acordo com a numeração de cada favela apresentada na Figura 2. Destarte, estão identificados ao longo do texto da seguinte maneira:

- Agente Bem- Informado Mata Machado – ABI1
- Agente Bem- Informado Tijuaçu – ABI2
- Agente Bem- Informado Fazenda – ABI3

- Agente Bem- Informado Furnas – ABI4
- Agente Bem- Informado Agrícola – ABI5
- Agente Bem- Informado Biquinha – ABI6

Para averiguar o avanço do processo de favelização também fizemos pesquisa documental e curadoria de imagens. Utilizamos imagens de satélite, Fotos antigas, reportagens, material jornalístico, além de dados quantitativos disponíveis no site da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro.

A busca por dados quantitativos se fez necessária por causa do longo período transcorrido desde o censo de 2010⁶, fato que reduziu a disponibilidade de dados e reforçou a importância das informações levantadas pelos agentes bem-informados. Infelizmente, tivemos muita dificuldade de obter documentos oficiais das associações de moradores, dado as más condições de infraestrutura das sedes dessas associações. Também é marcante, nas favelas, a falta de interesse pela história das comunidades e a falta de zelo com a guarda de documentos. Em duas oportunidades recebemos a informação de que os documentos haviam sido perdidos em mudanças de sede ou em alagamentos que inutilizaram o arquivo das associações.

Como outro objetivo do trabalho de campo, também buscamos dados qualitativos e quantitativos com base em um questionário eletrônico com cinco perguntas (três fechadas e duas abertas), disponíveis no ANEXO 1, com o objetivo de avaliar a relação do processo de favelização como o acelerado desenvolvimento urbano existente no bairro vizinho, a Barra da Tijuca, seja por meio da oferta de empregos, seja pela proximidade com essa nova centralidade urbana. Ademais, o exame de tais dados nos trouxe luz sobre a relação de identidade com o espaço vivido experimentada pelas comunidades que habitam as favelas do Alto da Boa Vista e sua inserção na comunidade do bairro como um todo.

O formulário ficou aberto durante o período de dezembro de 2021 até março de 2022 e contou com 330 respostas. As cinco perguntas contidas também foram base de inúmeras conversas informais realizadas ao longo do trabalho de campo.

⁶ O censo demográfico previsto para 2020 ainda não havia sido finalizado durante a redação deste trabalho.

Nesse sentido, a divulgação do formulário em redes sociais e grupos de mensagens de moradores facilitou a aceitação destes em contribuir como trabalho e conversar com o pesquisador. No entanto, em diversas oportunidades, fomos rechaçados e tratados com desconfiança por parte de alguns. Esse comportamento, que será abordado mais detalhadamente no Capítulo 3, denota parte das tensões e contradições presentes na reprodução do espaço das favelas do Alto da Boa Vista.

Ao longo dos dias, estivemos presentes em diversos eventos organizados pelos moradores das favelas. Durante o trabalho não faltaram nesses lugares oportunidades de fazer festas, inaugurações, shows e campeonatos de futebol. Sem dúvida, foram nessas ocasiões que conseguimos nos aproximar mais da realidade destas comunidades, percebendo seus anseios, medos e expectativas para o futuro.

De acordo com Ana Fani Alessandri Carlos (1994, p.17):

Como o homem percebe o mundo? É através de seu corpo de seus sentidos que ele constrói e se apropria do espaço e do mundo. O lugar é a porção apropriável para a vida – apropriada através do corpo - dos sentidos - dos passos de seus moradores, é o bairro é a praça, é a rua (...) é o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo.

Na Figura 3, como exemplo de lugar de encontro, apresentamos o Campo de Futebol do Agrião⁷ em dois momentos: no final da década de 1990 e em 2022. Localizado ao lado da favela Tijuacu, o nome do campo faz referência ao passado rural da área, que até meados da década de 1990, guardava características da antiga plantação dessa hortaliça, ainda com a presença de chácaras e granjas no lugar. Em vista disso, a Foto é representativa de nossa investigação, pois além de denotar o passado rural, retrata uma área em acelerado processo de favelização, juntamente com o lugar de encontro da vida cotidiana de moradores pertencentes a diferentes classes sociais, o campinho de futebol.

⁷ O nome do campo se deve à presença de valas para o cultivo dessa hortaliça na área onde o campo foi construído.

Figura 3 - Favela Tijuacu: partida de futebol no campo do Agrião



Fonte: Foto do autor em dezembro de 2020 e registro da década de 1990 - Acervo do Clube Boa Vista Futebol Clube.

Como já identificado por Gilmar Mascarenhas, ocorrem “transformações operadas na espacialidade do futebol informal, caracterizada pela redução, periferização ou mercantilização de espaços disponíveis para sua prática” (MASCARENHAS, 2014, p.210). Notamos que alguns campinhos de futebol das favelas do Alto da Boa Vista também passaram por processos semelhantes, como o Campo do Agrião e o Campo dos Cavalos, transformados em espaços de uso privado. Além disso, outros campinhos foram abandonados dando lugar à construção de casas e empreendimentos comerciais. No entanto, nos campos que

resistiram, ainda é marcante sua vocação como lugar de encontro e convivência dos moradores do bairro, inclusive como palco de reuniões e debates que sempre ocorrem no final dos jogos (quase sempre acompanhados por cerveja e churrasco). Foi justamente nesse campo, há mais de 30 anos, que o autor desse texto teve o primeiro contato com moradores de favelas, em uma partida de futebol.

No presente texto, realizamos uma série de viagens no tempo, idas e voltas na história da ocupação das matas do Maciço da Tijuca e nas diversas organizações sociais desenvolvidas ao longo dos anos. Ademais, o texto conta com uma série de reflexões em busca da construção de uma virtualidade possível para as favelas do Alto da Boa Vista, produzida a partir do real, mas mirando algo que vai além do previsível. A construção desse possível virtual, aberto ao devir, mas com raízes no real, é o que Lefebvre denominou de transdução, “reflexão sobre o objeto possível” (LEFEBVRE, 2019, p.21).

Assim, acreditamos que a construção do possível virtual, que rompe com as barreiras do previsível, deve partir de uma análise crítica da realidade, despida de ideologias que normalizam a desigualdade e de dicotomias que fracionam o espaço e a sociedade. As favelas são partes indissociáveis do espaço urbano carioca, e compõem, com as demais formas, uma trama urbana extremamente complexa. Advogamos que o possível virtual seja viável por meio da redução da desigualdade e produção de espaços mais justos, integrados e democráticos, para todos.

Pessoalmente, a escolha do tema para a dissertação de Mestrado representa a busca pela compreensão de um processo que sempre inquietou o autor deste texto e que entendemos ser fruto da profunda desigualdade na qual a sociedade brasileira está inserida e que é reproduzida cotidianamente. Como morador do Rio de Janeiro e do Alto da Boa Vista, questiono como podemos nos acostumar com a contundente desigualdade estampada nas paisagens da cidade, evidenciada no contraste entre pobreza e riqueza, e como a sociedade naturaliza as péssimas condições de moradia de parte da população. A proliferação das favelas representa a solução de moradia para as classes menos favorecidas economicamente e denota o grave déficit habitacional carioca.

No entanto, a presença das favelas também atesta a anuência por parte do poder público, que ao reconhecer sua existência e não buscar sua integração à

cidade, também se exime da busca por um planejamento habitacional igualitário. Além do mais, as classes hegemônicas, formadoras de opinião e ideologias, normalizam a presença de favelas e de suas comunidades por meio da reprodução de uma cultura elitista e segregadora, que valoriza a divisão de classes, a manutenção do *status quo* e a proximidade da força e trabalho barata e submissa. Assim, não podemos deixar de concordar com Marilena Chaui (2012, p.7):

Nossa tarefa aqui, será desfazer a suposição de que a ideologia é um ideário qualquer ou qualquer conjunto encadeado de ideias e, ao contrário, mostrar que a ideologia é um ideário histórico, social e político que oculta a realidade, e esse ocultamento é uma forma de assegurar e manter a exploração econômica, a desigualdade social e a dominação política.

O texto desta dissertação foi estruturado em três capítulos, além da introdução e das considerações finais. No primeiro capítulo, resgatamos, brevemente, o histórico do processo de favelização no município do Rio de Janeiro, desde os seus primórdios até os dias atuais, em que relacionamos o avanço da favelização com a marginalização de seus habitantes. No segundo capítulo, abordamos a evolução urbana do Alto da Boa Vista, buscando, por meio da análise das principais transformações espaciais ocorridas no bairro, recuperar elementos associados ao processo de favelização e à manutenção de características rurais, ainda no século XXI. No terceiro e último capítulo analisamos os processos de favelização em andamento no bairro do Alto da Boa Vista, especificamente na área localizada ao longo da Estrada das Furnas, dado que o adensamento das favelas ali presentes é notório, sobretudo, nas duas últimas décadas.

Ao longo de todo o texto, nos valem os dados coletados durante o trabalho de campo sobre a vida cotidiana das comunidades faveladas para tecer reflexões sobre as suas condições precárias de moradia, transporte, lazer, saúde e educação, que configuram uma verdadeira alienação urbana, haja vista que o espaço é socialmente produzido e o favelado é alijado de sua produção. Além disso, buscamos resposta para a percepção interna de paz, tão mencionada pelos moradores dessas comunidades e que nos parece ser um fetiche, ou como denominamos: um mito da tranquilidade.

1. A ORIGEM DAS FAVELAS NO RIO DE JANEIRO E SEU RECONHECIMENTO COMO PROBLEMA

Antes de partirmos para a análise das favelas do Alto da Boa Vista, é necessária uma breve contextualização do processo de favelização no município do Rio de Janeiro e da estigmatização sofrida pelos habitantes favelados ao longo dos anos. Tal revisão se faz importante para demonstrar que as mesmas dinâmicas ocorrem em diferentes áreas e tempos no processo de evolução urbana do município.

Nesse sentido, o objetivo deste capítulo é resgatar o histórico do processo de favelização no município do Rio de Janeiro, desde as suas origens até os dias atuais, demonstrando que o avanço da favelização foi acompanhado pela estigmatização de seus habitantes fundamentada em uma relação, posta pelo senso comum, entre favela e marginalidade. Como veremos adiante, esta relação preconceituosa e segregadora se repete no caso das favelas do Alto da Boa Vista.

O termo favela é polissêmico e admite diversas acepções. O Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Sustentável do Município do Rio de Janeiro (Lei Complementar nº 111 de 1º/2/2011) estabelece, no artigo 234 (Anexo 1), o seguinte:

Área predominantemente habitacional, caracterizada por ocupação clandestina e de baixa renda, precariedade da infraestrutura urbana e de serviços públicos, vias estreitas e alinhamento irregular, ausência de parcelamento formal e vínculos de propriedade e construções não licenciadas, em desacordo com os padrões legais vigentes.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Censo Demográfico 2010):

aglomerado subnormal (favelas e similares) é um conjunto constituído de, no mínimo, 51 unidades habitacionais, ocupando ou tendo ocupado até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou não), dispostas de forma desordenada e densa, carentes, em sua maioria, de serviços públicos essenciais.

As favelas surgiram e se espalharam pela paisagem do município ao longo dos séculos XIX e XX e, ocupam áreas que, a princípio, não despertavam interesse para o capital imobiliário, estando inseridas na lógica da formação econômica e social da cidade. Neste sentido, o entendimento da origem das favelas e de como elas se desenvolveram no Rio de Janeiro é importante para compreendermos os conflitos e as contradições que envolvem a relação entre os moradores de favelas e os demais habitantes dos bairros.

Segundo Abreu (1987, p. 35) é somente a partir da segunda metade do século XIX e início do século XX que a cidade passa por um processo de transformação em sua forma urbana, apresentando, pela primeira vez, uma estrutura de classes espacial marcada pela estratificação em termos de classes sociais. Rose Compans (2007, p.83) apresenta a seguinte reflexão sobre essa dinâmica:

Há mais de um século a ocupação das encostas dos morros do Rio de Janeiro tem sido objeto de disputa entre classes. Inicialmente, eram os imigrantes estrangeiros e as camadas mais favorecidas que procuravam construir ali suas residências, em função do clima mais ameno e da incidência de diversas epidemias que dizimavam parcelas da população da cidade. A crença de que as doenças eram transmitidas pela atmosfera carregada de “miasmas” – partículas que se desprendiam de matérias orgânicas em estado de putrefação e exerciam ação deletéria –, impulsionou a busca pela localização residencial em áreas elevadas, onde os miasmas, por seu peso específico, não conseguiam alcançar. Ao final do século XIX, entretanto, ocorreu uma tendência inversa. As encostas dos morros tornaram-se alternativa habitacional para os grupos sociais marginalizados – dentre os quais, ex-escravos recém-libertos, imigrantes pobres despejados dos cortiços do Centro e ex-combatentes da Guerra de Canudos –, com a construção dos primeiros casebres no Morro da Providência, naquela época conhecido como Morro da Favela.

A abolição da escravatura, o surgimento da indústria e o incremento do comércio e de serviços na área central da cidade, aliados às péssimas condições de mobilidade urbana, contribuíram para a solidificação da sociedade em classes sociais e o início de uma verdadeira luta por moradia, gerando conflitos que vão se refletir claramente no espaço urbano do município, sobretudo nas suas encostas.

Durante o trabalho de campo, em uma das entrevistas para esta pesquisa, um entrevistado idoso, que chamaremos de Alemão, ao ser perguntado sobre a origem das favelas no Alto da Boa Vista, respondeu objetivamente que “a culpa disso foi daquela menina que libertou os escravizados. Depois disso, eles ficaram por ali e

foram ficando até hoje”⁸. Esta entrevista reforça a presença de ex-escravizados e seu papel no início da ocupação populacional do bairro, fato corroborado pela fala de diversos moradores idosos e pelas ruínas de antigas senzalas que persistem até os dias de hoje.

Existe consenso na literatura que a sua origem das favelas no município do Rio de Janeiro remonta às últimas décadas do século XIX e sua gênese estaria relacionada com a profunda desigualdade da sociedade capitalista. Luiz Cesar Ribeiro (1997, p.18) argumenta que o mercado de terras é considerado o principal mecanismo gerador dos problemas urbanos, apontando o déficit habitacional e o alto custo da habitação formal como elementos propulsores da favelização.

Lícia do Prado Valladares, em sua análise dos programas de remoção de favelas, no qual teve como base o conjunto habitacional da Cidade de Deus, na zona oeste, integra elementos que vão além da crise habitacional direcionando sua argumentação para as características da população e os fatores que a levam a morar em favelas (VALLADARES, 1978, p.44).

Não se trata apenas de uma questão de déficit de moradia ou de incapacidade do mercado imobiliário (setores público e privado) de produzir habitações populares em ritmos capazes de atender a uma demanda crescente. A favela resulta, sobretudo, da exploração da força de trabalho em uma sociedade estratificada, onde as desigualdades tendem a se perpetuar e o processo de acumulação de capital é cada vez maior. Resulta ainda de uma situação onde o uso do solo é cada vez mais determinado pelo seu valor, e onde o controle do espaço urbano é exercido pelas ou em nome das camadas dominantes.

Victor Vicent Valla, em trabalho que detalha as políticas públicas sobre favelas ao longo dos anos, sintetiza: “A questão habitacional é como se fosse a ponta do iceberg. Parte visível, aparente, no entanto, a parte mínima da questão” (VALLA, 1986, p.166). O autor ao desvelar a análise da favela para além de sua aparência, conclui que as raízes da favela estão nas relações sociais estabelecidas historicamente e permeadas pela lógica do capital.

Portanto, a profunda desigualdade da sociedade capitalista, aliada ao déficit habitacional e com as péssimas condições de mobilidade, existentes no município desde sempre, obriga as camadas menos favorecidas a buscar áreas e formas de

⁸ O morador estava se referindo à assinatura da Lei Aurea pela Princesa Isabel.

habitação que associam baixo custo à proximidade do trabalho. Nesse sentido, já na última década do século XIX, houve a proliferação de cortiços na área central. Vaz define o cortiço como a “semente da favela” e o caracteriza conforme descrito a seguir (VAZ, 1994, p.583):

Nesse sistema, os proprietários cediam seus imóveis (térreos, sobrados, quintais e terrenos) a terceiros que investiam pequenas economias na construção de casinhas ou na subdivisão das existentes. Os proprietários pertenciam muitas vezes à nobreza, e os arrendatários eram pequenos comerciantes, geralmente portugueses, que produziam casinhas e exploravam também a venda ou a taverna anexa à estalagem. (...) Os aluguéis eram, em geral, exorbitantes e os rendimentos, fabulosos. Construir habitações coletivas tornou-se uma prática comum entre os proprietários e arrendatários de imóveis.

Como já era de se imaginar, dado a marcante estratificação da sociedade carioca, a presença dos cortiços não era bem-vista pelas classes sociais mais abastadas. Ademais, a imprensa e o poder público também tiveram papel decisivo na construção de uma identidade dos cortiços como foco de infecções sanitárias e marginalidade. (CHALHOUB, 2004; VALLADARES, 2005; ABREU, 1987; VALLA, 1986; LEEDS & LEEDS, 1978). Essa associação fica evidente no trecho da tese de medicina de 1877 do prefeito do município do Rio de Janeiro (1892-1893), Dr. Barata Ribeiro⁹ (CHALHOUB, 2004, p. 51):

No cortiço acha-se de tudo: o mendigo que atravessa as ruas como um monturo ambulante; a meretriz impudica, que se compraz em degradar corpo e alma, os tipos de todos os vícios e até (...) o representante do trabalho (...). Só vemos um conselho a dar a respeito dos cortiços: a demolição de todos eles, de modo que não fique nenhuma para atestar aos vindouros e ao estrangeiro, onde existiam as nossas sentinas sociais, e a sua substituição por casas em boas condições higiênicas.

Como veremos adiante, essa identidade foi transmitida e continuou sendo disseminada para as favelas. Antes, porém, surgiram as primeiras ações com vistas à erradicação dos cortiços, sobretudo aqueles localizados nas áreas mais valorizadas, configurando uma política higienista que mascarava interesses econômicos, e que se iniciou no período do Império e foi intensificada

⁹ Barata Ribeiro, Quais as medidas sanitárias que devem ser aconselhadas para impedir o desenvolvimento e propagação de febre amarela na cidade do Rio de Janeiro, 1877. Citado por (CHALHOUB, 2004, p.51)

progressivamente após a Proclamação da República. Seu ápice foi certamente durante a reforma urbana promovida pelo prefeito Pereira Passos¹⁰ (Gonçalves, 2013, p.52).

Ao longo do tempo ocorreram diversos episódios semelhantes, moradores pobres foram removidos de áreas de interesse do capital e tal ação foi apresentada à sociedade disfarçada por alguma concepção dita nobre, como foi o caso da retirada de moradores da antiga Praça XVI para a abertura da Avenida Presidente Vargas, na década de 1940. Representações do espaço promovidas por agentes planejadores que, na lógica da produção capitalista do espaço, muitas vezes passam por cima de aspectos culturais e representativos do lugar, destruindo laços de pertencimento da comunidade local em busca de benefícios voltados para a classe alta.

Ocorre que as mesmas práticas que deram origem aos cortiços se repetiram em outras áreas do município, dado que a população pobre não poderia simplesmente desaparecer, como queriam alguns. Assim, os antigos moradores dos cortiços começaram a ocupar outras áreas: uns buscaram residência nos subúrbios e em cortiços que resistiram à reforma e outros ocuparam as encostas dos morros situados na área central, muitas vezes pagando aluguel para os mesmos donos dos antigos cortiços demolidos. Essas outras áreas, no entanto, já contavam com a presença de barracos construídos por pobres, ex-escravizados e combatentes das guerras do Paraguai e de Canudos (GONÇALVES, 2013, p.44).

Assim, percebemos que a busca pela renda auferida pela terra, aliada à anuência do poder público em áreas pouco interessantes ao capital e a necessidade de residir perto do trabalho, direcionaram o processo de favelização no município do Rio de Janeiro, muitas vezes obrigando os moradores a construírem suas residências em áreas de mata, conforme Foto 02.

¹⁰ Inúmeras ações governamentais foram adotadas para acabar com os cortiços. Uma que se destacou foi a reforma urbana do prefeito Pereira Passos (1902-1906), conhecida popularmente como “bota-abaixo”, que visava o saneamento e o urbanismo. Essa referida política de eliminação dos cortiços obteve sucesso no Rio de Janeiro, No entanto, o “sucesso” da erradicação significou tão-somente a transferência do problema para outros lugares.

Foto 2 - Tijuáçu: casas construídas em área de encosta



Fonte: Foto do autor em maio de 2022.

Devemos notar que já havia traços da mesma opinião pejorativa para se referir a essas áreas tal qual a dos cortiços, conforme destacado abaixo em carta disponível no Arquivo Nacional, de 1900, enviada pelo delegado da 10^a circunscrição ao chefe de polícia, dr. Enéas Galvão.

Obedecendo ao pedido de informações de V. Excia., em ofício nº 7.071, ontem me dirigiu relativamente a um local do Jornal do Brasil, que diz estar o morro da Providência infestado de vagabundos e criminosos que são o sobressalto das famílias no local designado, se bem que não haja famílias no local designado, é ali impossível ser feito o policiamento porquanto nesse local, foco de desertores, ladrões e praças do Exército, não há ruas, os casebres são construídos de madeira e cobertos de zinco, e não existe em todo o morro um só bico de gás, de modo que para a completa extinção dos malfeitores apontados se torna necessário um grande cerco, que para produzir resultado, precisa pelo menos de um auxílio de 80 praças completamente armados¹¹.

¹¹ Citado por Rafael Gonçalves (2013, p.56)

Ao longo das três primeiras décadas do século XX, as favelas foram se espalhando por outros bairros, segundo Maurício de Almeida Abreu (1994, p.40) foi durante esse período que favela se configurou como categoria para designar um espaço segregado da cidade. Localidades que, pouco a pouco, passaram a receber as mesmas representações dos cortiços; antro de migrantes, vagabundos, meretrizes, desvalidos e bêbados, dando origem ao que Janice Perlman identificou como mitos da marginalidade (PERLMAN, 1997) em seu trabalho sobre a relação entre política e favelas no Rio de Janeiro.

A autora elabora uma profunda crítica à homogeneização dos espaços favelados bem como a caracterização dos seus habitantes como pessoas avessas ao trabalho e desajustados em geral. Argumentando que as políticas públicas adotadas ao longo do tempo, possuem relação direta com a maneira como as favelas eram identificadas: aglomerações patológicas; comunidades em busca de superação; uma calamidade inevitável. (PERLMAN, 1997, p.44).

Segundo a autora, a visão das favelas como aglomerações patológicas é o mito dominante sobre o assunto. Tal visão “é compartilhada não apenas por alguns estudiosos e teóricos, como também por amplos segmentos da população na América Latina e, o que é mais importante, por governantes e formuladores de políticas”.

É com base nessa lógica que a presença das favelas continua a ser tratada como um problema a ser eliminado, tendência agravada com a rápida expansão das favelas no município. Diversos autores relacionaram o crescimento das favelas com a necessidade de proximidade com o trabalho. Tratando do período entre 1930 e 1950, Maurício de Almeida Abreu (1987, p.103) considera esse intervalo como o de maior intensidade desse fenômeno:

A localização de favelas na proximidade das áreas industriais já era uma regra bastante comum, sendo que, em alguns casos, como o Jacarezinho, era mesmo um dos fatores determinantes da localização de algumas indústrias, que buscavam mão de obra farta, barata e especialmente concentrada. As favelas localizavam-se ainda no centro (onde já estavam desde o final do século passado) e na zona sul, cujo mercado de trabalho cada vez mais aumentava, principalmente no que toca à prestação de serviços, sobretudo domésticos.

Essa relação de proximidade entre a favela e o trabalho já bastaria para confrontar a narrativa que caracteriza a favela como lugar de vagabundos e desvalidos, o que nos parece mais revelador da visão deturpada das classes mais altas e demonstra que o trabalho não é visto como algo engrandecedor e necessário para o pleno desenvolvimento do ser humano, mas, sim, como atividade relegada aos pobres. Embora existam diversos dados e pesquisas que comprovem a existência dos mitos da marginalidade, as favelas e seus moradores ainda convivem com o preconceito e com generalizações que reforçam a dicotomia morro e asfalto.

Fato é que o primeiro censo oficial das favelas, em 1948, apurou uma população total de 138.837 habitantes, distribuídos em 105 favelas, população que já representava 7% do total do antigo Distrito Federal (VALLADARES, 1978, p 22). Nessa época, a favela já era encarada como problema: “A cidade olha a favela como uma realidade patológica, uma praga, um quisto, uma calamidade pública” (PARISSE, 1969 p. 36), e as políticas públicas implantadas foram contraditórias em seus objetivos, ora pleiteando a remoção e o deslocamento do problema para outras áreas menos interessantes ao capital imobiliário, ora propiciando ações que visavam à urbanização e integração das favelas aos seus bairros de origem.

Como exemplos dessas políticas contraditórias, podemos citar a criação, pela Prefeitura do Rio de Janeiro, das Comissões para a Extinção de Favelas, em 1947, apenas um ano depois da criação da Fundação Leão XIII, em parceria com a Arquidiocese que propunha a recuperação das favelas, o que era visto como forma de conter a infiltração de comunistas nessas áreas¹².

De acordo com Gonçalves (2013, p.205), foi a partir da década de 1960, com mais ênfase após o golpe militar de 1964, que se consolidou a vertente pró-remoções dando início a um período de intensos conflitos nas favelas localizadas em áreas que despertavam interesse do capital imobiliário, sobretudo aquelas localizadas na zona sul. Entre 1962 e 1974, mais de 139 mil pessoas foram removidas para conjuntos habitacionais construídos em áreas distantes e pouco valorizadas (VALLADARES, 1978, p39). São muitos os exemplos de famílias incluídas no Sistema Financeiro de Habitação (SFH), criado em 1964, sem a menor condição de arcar com os custos de tal empreendimento. O que, segundo Lícia

¹² “É preciso subir o morro antes que dele desçam os comunistas” Trecho do relatório SAGMACS publicado pelo jornal *O Estado de São Paulo* em 15 de abril de 1960

Valladares (1978, p.112), resultou no retorno de diversas pessoas para as favelas de origem e até mesmo no surgimento de outros núcleos de favelização no município.

[...] em certo nível, as remoções criaram mais problemas de que resolveram, traduzindo-se esse fracasso pela volta ou pela vontade de voltar para a favela, como aconteceu com inúmeras famílias. Os residentes tiveram que se adaptar a uma operação que não correspondia às suas possibilidades, nem tampouco às suas aspirações. Viram-se obrigados a procurar os meios para enfrentar a nova situação: sua resposta adaptativa foram as práticas de distorção do sistema.

Aos poucos os programas de remoções foram perdendo força, em parte pelo alto custo político associado aos traumáticos episódios de remoção e pelos péssimos resultados obtidos:

As remoções não conseguiram deter o processo de favelização, enfraqueceram ainda mais a legitimidade política do regime militar junto às massas e se mostraram um desastre financeiro (GONÇALVES, 2013, p.247).

Além do surgimento de diversos outros núcleos de favelização, aos poucos os conjuntos habitacionais, destino dos favelados removidos, foram absorvendo novas identidades também segregadas e marginalizadas, passando a também receber processos de urbanização precária, como os casos da Cidade de Deus e da Vila Kenedy.

Com a redemocratização, na década de 1980, quando a população favelada já correspondia a 12,3% (628 mil habitantes) da população do município (Gonçalves, 2013, p.29), passou-se a ser preponderante a vertente favorável à urbanização das favelas, o que demonstra a não aceitação, por parte da sociedade, de ações truculentas e descabidas com os moradores dessas áreas, bem como uma nova estratégia política para lidar com a favela, dado o fracasso social oriundo da política de remoção e seu custo eleitoral.

Como exemplos dessa nova fase de urbanização, podemos citar o PROFACE, Programa de Favelas da Companhia Estadual de Águas e Esgotos do Rio de Janeiro (CEDAE), que tinha como objetivo garantir o abastecimento de água e a instalação de redes de esgotamento, em mais de 60 favelas durante o primeiro

Governo de Leonel Brizola (1983-1987) e o programa Favela-Bairro¹³, nas décadas de 1990 e 2000, sob o comando dos prefeitos Cesar Maia (1993-1996) e Luiz Paulo Conde (1997-2000). Esse programa atingiu cerca de 115 favelas e tinha como objetivo a integração das favelas com os bairros.

Ademais, a supremacia das políticas favoráveis à urbanização em detrimento das remoções, desencadeou uma nova faceta da produção do espaço no município do Rio de Janeiro, o crescimento do mercado imobiliário informal nas favelas. De acordo com Rafael Gonçalves (2013, p.58):

Essa fase é representada pela institucionalização da favela como negócio e amplia a lógica da produção do espaço na lógica capitalista, abarcando também as favelas, configurando uma nova expropriação e mudando o perfil dos moradores de favelas, agora inquilinos e proprietários de imóveis, mesmo que ilegais. Velhas práticas ganham força no século XXI, gerando adensamento e expansão das áreas faveladas.

Assim, a lógica capitalista é reinventada pela construção, nas favelas, de edifícios de vários andares, divididos em quitinetes e apartamentos minúsculos que, muitas vezes, são vendidos ou alugados antes mesmo do término da obra.

Foi também nesse período, que outros problemas tornaram ainda mais complexa a questão das favelas, trazendo outros estereótipos e tornando ainda mais difícil a vida dos seus moradores. A partir de então, o morador de favelas, que já era rotulado de não afeito ao trabalho e sem higiene, passa a receber também a fama de bandido. A grave crise de segurança pública em que a cidade mergulhou a partir da década de 1980 reforça esses estereótipos. No município do Rio de Janeiro, o crime organizado adotou as favelas como pontos de venda de drogas e sede das organizações, se valendo do controle territorial de áreas estrategicamente localizadas para a logística do tráfico, o que desencadeou uma verdadeira guerra pelos pontos de venda com a ocorrência de diversos episódios extremamente violentos.

Essa guerra é alimentada pelo Estado, que adotou a estratégia do confronto para combater, em alguns casos, o tráfico de entorpecentes no município, transformado a Polícia Militar do Rio de Janeiro (PMERJ) em um verdadeiro exército, armado para matar. Esta política de confronto já se mostrou ineficaz para inibir o

¹³ Para uma análise completa desses programas, ver (GONÇALVES, 2013)

tráfico, dado que os pontos de venda não param de se espalhar, situação responsável por cenas lastimáveis transmitidas diariamente nos noticiários cariocas, com imagens de operações policiais, geralmente no interior de favelas, tiroteios que impedem o direito de ir e vir da população e uma enxurrada de balas perdidas, que quase sempre acham pessoas pobres, pretas e moradores de favelas.

Velhos fantasmas do passado que voltam a assombrar a vida dos moradores de favela, mais uma vez tratados à margem e culpados pelos problemas da sociedade, ou será que o consumo de drogas ocorre apenas nas favelas do município? O tráfico de armas e munições, que garante o domínio territorial dos pontos de venda de entorpecentes também é exclusivo das favelas? Acreditamos que não, já que, assim como as drogas, os armamentos não são produzidos nesses espaços. No entanto, não vamos estender essa discussão, o que extrapolaria os objetivos do presente trabalho¹⁴.

De volta ao século XXI, percebemos que as favelas correspondiam em 2010 a 22% da população do município¹⁵ e que provavelmente já representam mais de um quarto da população nos dias de hoje. Observamos que é impossível circular pela cidade sem notar sua presença e constatamos que os conflitos e as contradições são cada vez mais evidentes na reprodução do espaço carioca, pois o interesse por áreas valorizadas continua gerando confronto entre parcelas antagônicas da sociedade.

Reparamos também que malograram todas as políticas que tratavam a favela como problema e visavam a qualquer tipo de controle sobre sua expansão, tanto as que objetivavam sua erradicação quanto aquelas que previam sua urbanização. Logo, cremos que a falta de atenção à realidade das pessoas e com os problemas existentes nas favelas tenha relação direta com tais falhas. Aliás, não deixa de ser curioso o termo urbanização de favelas, já que, no caso do município do Rio de Janeiro, elas já não fazem parte do fenômeno urbano?

Ocorre que mesmo com as garantias de não remoção presentes na Constituição Federal de 1988¹⁶ o interesse em áreas valorizadas fez surgir uma

¹⁴ Toda a evolução do jogo do bicho, do tráfico de entorpecentes e a ação de milícias é minuciosamente detalhada em Bruno Paes (MANSO, 2020)

¹⁵ Dados do censo 2010: <https://censo2010.ibge.gov.br>

¹⁶ Ver artigo 182 da Constituição Federal. Disponível em: [Art. 182 da Constituição Federal de 88 | Jusbrasil](#)

nova forma de remover pessoas indesejáveis, a saber, os favelados. A produção capitalista do espaço, por meio de um arcabouço jurídico sofisticado e baseado no entendimento de risco ambiental, articula a remoção de favelas sob a alegação de risco ambiental. Desta maneira, essa instrumentalização da legislação ambiental vem sendo sistematicamente utilizada.

É neste sentido que em 2007, uma ação foi movida pelo Ministério Público do Rio de Janeiro (MPRJ) contra o então prefeito César Maia, sob a alegação de que a PMRJ não estava cumprindo a legislação ambiental e prevendo a remoção de treze favelas no Alto da Boa Vista. Essa foi também a estratégia utilizada para as remoções que ocorreram na favela Vila Autódromo, área que mais tarde seria utilizada para as obras dos Jogos Olímpicos de 2016. Segundo Rose Compans (2007, p.98):

Ou seja, o favelado, que já foi acusado de ser “avesso à higiene” e sugerido como um delinquente em potencial, agora é anunciado subliminarmente como um predador. Trata-se, portanto, da renovação do estigma da inadequação para o convívio social urbano.

Assim, mais um estigma é atribuído ao favelado, o de poluidor ambiental, o que uma análise superficial da Foto 03, poderia supor.

Foto 3 - Favela Mata Machado: poluição no Rio Cachoeira - 2022



Fonte: Foto do autor em janeiro de 2022.

Com efeito, existem diversas propriedades das classes mais altas que também desrespeitam a legislação ambiental, mas seus donos nunca foram tratados como agressores do meio ambiente. Como exemplo podemos citar o caso de uma cascata, conhecida atualmente como Cachoeira do Amor, localizada no Rio Cachoeira em um ponto acima das favelas, mas abaixo de algumas casas de luxo localizadas na Rua Boa Vista. Ocorre que, mesmo sem nenhuma favela em seu trajeto, as águas do rio já chegam totalmente poluídas à queda d'água e às favelas a jusante, com cheiro de esgoto e presença de detritos sólidos, características que fizeram com que os moradores do bairro, mais atentos que os incautos visitantes, apelidassem a cachoeira com um nome nada romântico, Cachoeira do Cocô.

Essa nova corrente remocionista, a ambiental, ganhou eco nas últimas duas décadas com a apropriação do discurso ambiental, e foi alavancada pela escalada de violência relacionada com a disputa territorial nas favelas entre organizações criminosas para controle e comercialização de entorpecentes, reeditando os estigmas da marginalidade sobre os moradores de favelas.

Assim, a recente aceleração da favelização no Alto da Boa Vista, se dá simultaneamente a esses dois processos: aumento da violência associada ao tráfico de entorpecentes e possibilidade de remoção de moradores com base na noção de risco ambiental. No entanto, antes da análise destas contradições, é preciso uma breve contextualização por meio da evolução urbana do bairro, revisão histórica realizada no Capítulo 2, a seguir.

2. O ALTO DA BOA VISTA – DAS FAZENDAS ÀS FÁBRICAS.

O objetivo deste capítulo é discutir em que medida a evolução urbana do Alto da Boa Vista conservou no bairro, até a última década do século XX, características de uma ilha de ruralidade. Ao mesmo tempo, ressaltamos que, na atualidade, esses atributos são cada vez menos evidentes na paisagem, sobretudo, em razão do espraiamento de processos de urbanização precária.

De acordo com Lefebvre, em sua análise sobre o desenvolvimento urbano (LEFEBVRE, 2001, p.19):

Entre as malhas do tecido urbano persistem ilhotas e ilhas de ruralidade “pura”, torrões natais frequentemente pobres (nem sempre) povoados por camponeses envelhecidos, mal “adaptados”, despojados daquilo que constitui a nobreza da vida camponesa nos tempos de maior miséria e da opressão.

Nesse sentido, além de resgatar as origens do processo de ocupação do bairro, verificamos nas últimas duas décadas a intensificação de um processo de empobrecimento da população residente, evidenciado pela redução de população associada às classes econômicas mais elevadas e ao aumento percentual de moradores pertencentes às classes menos favorecidas. Assim, iniciamos o capítulo com uma breve apresentação das principais características do bairro, para, em seguida, detalhar a recente mudança no perfil de sua população.

Apesar de ser reconhecido como bairro ocupado pela classe alta e média, fato corroborado pela presença de diversas mansões e condomínios de luxo, até meados nos anos 1990 era relativamente comum encontrarmos moradores que ocupavam parte do seu dia com atividades rurais, como o cultivo de agrião, hortas, pomares e flores, além de pequenas criações de animais.

Como com Lefebvre (2001), notamos que estas atividades eram desenvolvidas justamente na área mais empobrecida do bairro, notadamente na face oeste do Maciço da Tijuca, área que abrigou diversas fazendas no século XIX, onde foram desenvolvidas atividades rurais no século passado, como o cultivo de

agrião e a floricultura, e que apresenta núcleos de favelização na atualidade, conforme mostra a Figura 4.

Figura 4 - Alto da Boa Vista: do rural ao urbano



Foto da década de 1950 das antigas valas de agrião na Cachoeira.
Fonte: acervo e foto do autor em janeiro de 2022.

A figura anterior, em que notamos parte da Igreja Nossa Senhora de Fátima (à direita), localizada na Estrada de Maracaí, no setor Cachoeira, demonstra o avanço do processo de urbanização precária em áreas antes destinadas ao cultivo de hortaliças. Na parte inferior da Foto mais antiga, verificamos a existência de valas de agrião que não constam do retrato atual, em que observamos telhados de construções recentes. Embora a Foto mais antiga seja da década de 1950, os moradores da área atestaram que o cultivo de agrião no Alto da Boa Vista esteve presente na paisagem do bairro até meados da década de 2000.

As favelas do Alto da Boa Vista, localizadas ao longo da Estrada das Furnas, abrigam comunidades que originalmente se instalaram, como veremos no Capítulo 3, em locais onde eram desenvolvidas atividades que demandavam força de trabalho, como as fábricas de papel, tecidos e discos, que chegaram ao bairro entre as décadas de 1900 e 1950, e as residências das famílias mais abastadas. Ocorre que, ao longo da segunda metade do século XX, as fábricas fecharam suas portas no Alto da Boa Vista, reduzindo a oferta de emprego e moradia barata, fato que desacelerou o processo de ocupação da área em questão.

Segundo um morador que trabalhou na fábrica Lanifícios Boa Vista até o seu fechamento, em 1969, as fábricas migraram para o interior do Estado em busca de incentivos fiscais. O morador informou que apenas na fábrica de tecidos havia 1200 funcionários, a maioria composta por moradores do bairro.

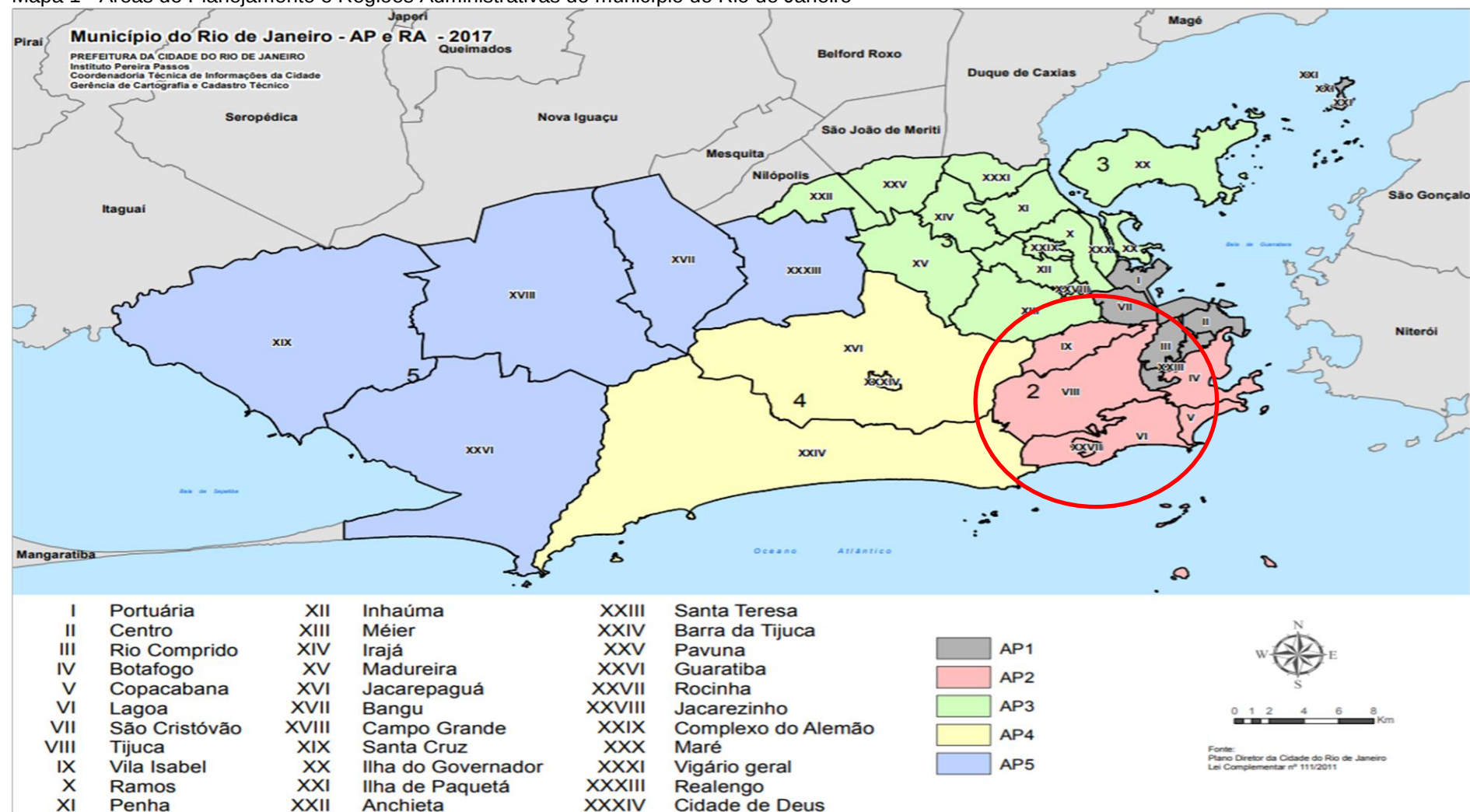
Nesse sentido, a dinâmica da favelização no Alto da Boa Vista repete a mesma lógica de outras áreas da cidade do processo de urbanização atrelado à indústria, na qual os trabalhadores são levados a residir nas proximidades das fábricas, embora a condição de isolamento e a ausência de vagas de trabalho alternativas tenham colaborado para um ritmo lento de urbanização, mesmo que precária. Por conseguinte, à medida que o bairro foi urbanizado o antagonismo entre riqueza e pobreza sempre esteve presente, resultando na fragmentação do espaço e denotando suas contradições.

Desse modo, a estrutura urbana e as contradições do espaço no Alto da Boa Vista foram analisadas com base nas formas e funções estampadas e desenvolvidas ao longo do tempo. Para tanto, após breve análise da realidade atual, retornaremos

no tempo em busca dos elementos, das principais transformações sociais, que resultaram nas características atuais do espaço produzido.

A Prefeitura do Município do Rio de Janeiro, para fins de elaboração de políticas públicas e planejamento, divide o município em cinco Áreas de Planejamento (AP) e 34 Regiões Administrativas (RA). O Alto da Boa Vista está inserido na AP2 e na RA VIII, denominada TIJUCA, conforme Mapa 1, a seguir. É um bairro da zona norte do Rio de Janeiro, entranhado no Maciço da Tijuca e com acesso por diversas vias que permitem a ligação do bairro com as zonas sul (Horto e Cosme Velho), oeste (Itanhangá e Barra), Centro (Santa Teresa) e da Tijuca, na zona norte. Embora existam diversas formas de acessar o bairro, apenas as ligações com a Tijuca e o Itanhangá oferecem transporte público regular por meio de linhas de ônibus, o que configura uma condição de certo isolamento ao lugar, pois todas as demais vias são exclusivas para automóveis.

Mapa 1 - Áreas de Planejamento e Regiões Administrativas do município do Rio de Janeiro



Fonte: Prefeitura do Município do Rio de Janeiro, IPP, mapa 1313. Disponível em:

<http://www.data.rio/datasets/3f105a10dcf7475eae69b2514b9d6262?fullScreen=true> , acesso em mai.2021

Localizado no topo do Maciço da Tijuca, com altitudes que ultrapassam os quinhentos metros em determinadas localidades e cercado por morros e florestas, ali são registradas frequentemente as temperaturas mínimas do município, dada a relação inversa entre altitude e temperatura.

Esse fenômeno também é influenciado pela cobertura vegetal presente no Parque Nacional da Tijuca¹⁷ (PNT), que abriga uma das maiores florestas urbanas do mundo, a Floresta da Tijuca. Acreditamos que a presença do PNT, além do relevo acidentado, seja fator importante para a baixa densidade demográfica percebida no Alto da Boa Vista, como podemos constatar analisando os dados da tabela 1.

Tabela 1 - Alto da Boa vista: área, população e domicílios.

2010	ÁREA (Ha)	POPULAÇÃO	DENSIDADE DEMOGRÁFICA
Alto da Boa Vista	3.150	9.343	3
Município do Rio de Janeiro	120.415	6.320.446	52

Fonte: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro

<https://pcrj.maps.arcgis.com/apps/MapJournal/index.html?appid=7fe1b0d463e34b3b9ca2fafd50c3df76>

Na tabela 2, consta a lista de bairros onde foram registradas as temperaturas máximas e mínimas em janeiro de 2022, com o Alto da Boa Vista registrando todas as mínimas do mês. A Estação Meteorológica¹⁸ do bairro fica localizada próxima de da entrada principal do PNT.

¹⁷ O Parque Nacional da Tijuca é uma unidade de conservação integral fundada em 1961. Ver: <http://www.parquedatijuca.com.br/>

¹⁸ Conjunto de sensores e equipamentos, instalados pela Prefeitura, capazes de medir e gravar dados sobre o tempo.

Tabela 2 - Temperaturas máximas e mínimas diárias no município do Rio de Janeiro.

Janeiro	Temp. Máx.(°C)	Local	Temp. Mín. (°C)	Local
01/01/2022	32,1	Santa Cruz	19,8	Alto da Boa Vista
02/01/2022	33,3	Santa Cruz	22,7	Alto da Boa Vista
03/01/2022	36,5	Barra e São Cristóvão	22,0	Alto da Boa Vista
04/01/2022	36,7	Barra/Riocentro	24,7	Alto da Boa Vista
05/01/2022	36,7	Barra/Riocentro	22,5	Alto da Boa Vista
06/01/2022	34,0	Barra/Riocentro	22,0	Alto da Boa Vista
07/01/2022	26,6	Barra/Riocentro	22,0	Alto da Boa Vista
08/01/2022	26,5	Barra/Riocentro	19,8	Alto da Boa Vista
09/01/2022	26,7	São Cristóvão	19,6	Alto da Boa Vista
10/01/2022	28,6	São Cristóvão	18,8	Alto da Boa Vista
11/01/2022	31,8	São Cristóvão	20,8	Alto da Boa Vista
12/01/2022	30,8	São Cristóvão	21,5	Alto da Boa Vista
13/01/2022	31,9	Barra/Riocentro	21,0	Alto da Boa Vista
14/01/2022	34,3	São Cristóvão	21,0	Alto da Boa Vista
15/01/2022	32,3	São Cristóvão	21,3	Alto da Boa Vista
16/01/2022	35,5	Santa Cruz	21,5	Alto da Boa Vista
17/01/2022	37,8	Santa Cruz	20,5	Alto da Boa Vista
18/01/2022	39,2	Santa Cruz	22,5	Alto da Boa Vista
19/01/2022	35,1	São Cristóvão	22,0	Alto da Boa Vista
20/01/2022	33,9	Santa Cruz	21,0	Alto da Boa Vista
21/01/2022	32,6	São Cristóvão	21,5	Alto da Boa Vista
22/01/2022	34,7	Santa Cruz	20,3	Alto da Boa Vista
23/01/2022	37,1	Santa Cruz	21,3	Alto da Boa Vista
24/01/2022	35,3	Santa Cruz	21,0	Alto da Boa Vista
25/01/2022	37,1	Santa Cruz	20,8	Alto da Boa Vista
26/01/2022	38,6	Santa Cruz	20,8	Alto da Boa Vista
27/01/2022	40,0	Barra/Riocentro	25,9	Alto da Boa Vista
28/01/2022	35,1	São Cristóvão	22,3	Alto da Boa Vista
29/01/2022	32,3	São Cristóvão	20,5	Alto da Boa Vista
30/01/2022	30,6	São Cristóvão	20,8	Alto da Boa Vista
31/01/2022	31,9	São Cristóvão	20,8	Alto da Boa Vista

Maior Temperatura Máxima no Mês

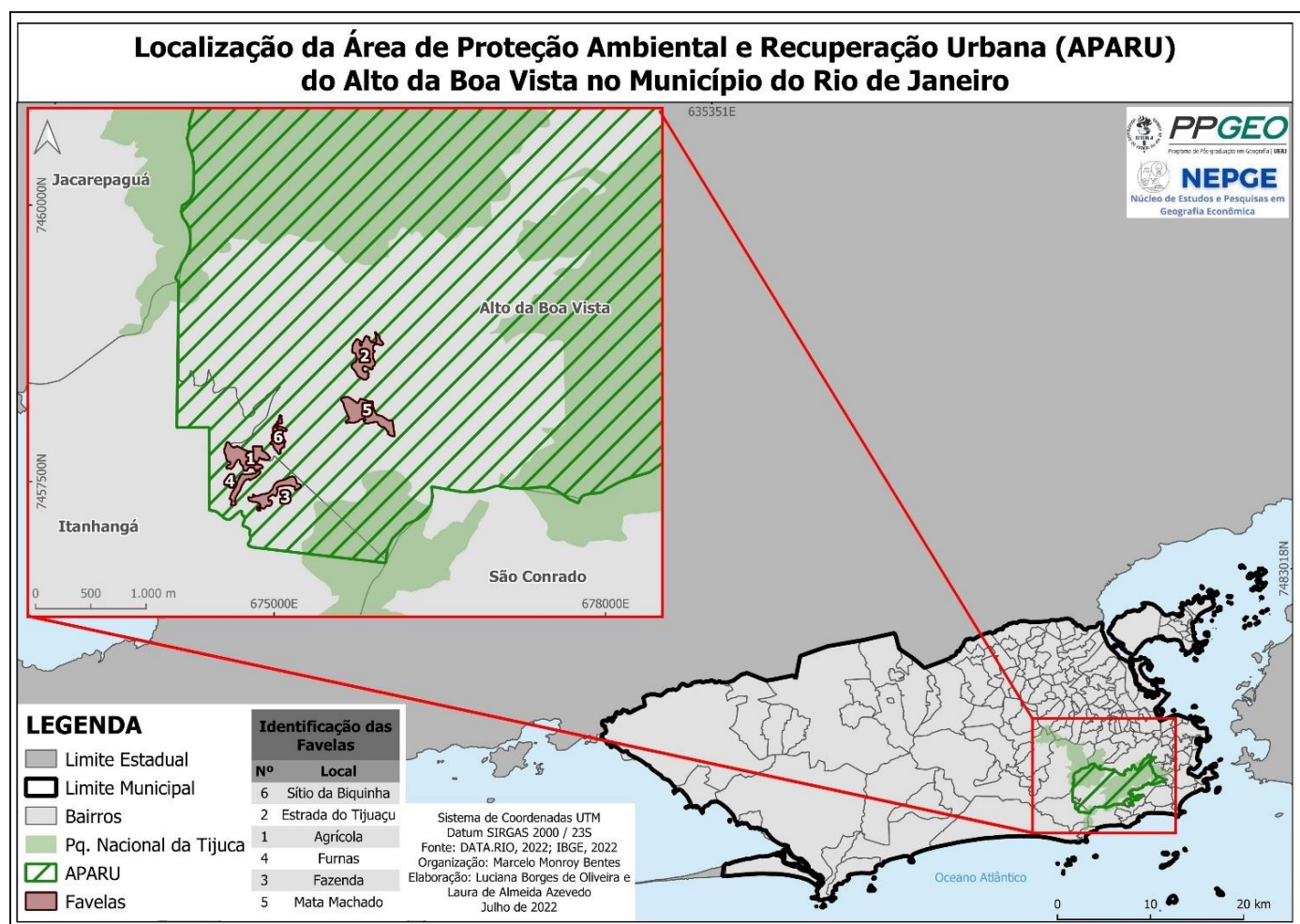
Menor Temperatura Mínima no Mês

Fonte: Alerta Rio, Disponível em: http://alertario.rio.rj.gov.br/wp-content/uploads/2019/07/Temps_M%C3%A1xM%C3%ADn_2022_Site-6.pdf

O PNT é uma Unidade de Conservação (UC), formalizada em 1961 e hoje é vinculada ao Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). O PNT possui 3.953 hectares de área e é dividido em quatro setores: Floresta da Tijuca, Pedra da Gávea, Pretos Forros e Serra da Carioca.

Além da área protegida dentro dos limites do PNT, foi criada, em 1992, uma Unidade de Conservação Municipal denominada Área de Proteção Ambiental e Recuperação Urbana do Alto da Boa Vista (APARU-ABV) com o objetivo de ordenar o uso do solo urbano na chamada Zona de Amortecimento do PNT, conforme mapa 2.

Mapa 2 - APARU e do PNT: localização no Rio de Janeiro



É Interessante notar que a área do APARU extrapola os limites do bairro do Alto da Boa Vista, agregando os quatro setores do PNT. Notamos também que as

favelas Fazenda (3), Furnas (4) e Agrícola (5) estão localizadas no bairro do Itanhangá, mas dentro do APARU do Alto da Boa Vista.

Nesse sentido, a condição do sítio¹⁹ aliada à demarcação de área de conservação ambiental em uma localidade que abrigou diversas propriedades rurais no passado, resultou na permanência de algumas características que lembravam esse passado rural até recentemente.

Atualmente o Alto da Boa Vista apresenta características de uma área residencial, na qual a presença de casas ainda supera a quantidade de prédios, e há poucos estabelecimentos comerciais ao longo das vias. Logo durante os primeiros dias do trabalho de campo, notamos que ao serem questionados sobre os maiores problemas do bairro, muitos moradores reclamaram da falta de comércio e da dificuldade para manter qualquer tipo de negócio pela falta de clientela.

Segundo alguns moradores abordados durante a pesquisa, uma atividade que vem aumentando consideravelmente nos últimos anos é a realização de eventos e a transformação de residências em casas de festas, conforme atesta a Foto 4. Esse processo de refuncionalização de algumas casas é evidente em razão do grande número de placas que sinalizam tais espaços ao longo das principais vias do bairro, além do grande movimento de veículos em frente a esses imóveis durante os finais de semana.

Embora existam casas de festas na Estrada das Furnas e próximas das favelas em questão, a maioria dos eventos ocorre em imóveis localizados na Rua Boa Vista e na Avenida Edson Passos, áreas não favelizadas.

¹⁹ De acordo com Olivier Dollfus, sítio é o assentamento territorial de um elemento do espaço, conjunto de elementos físicos e naturais que possibilitam o assentamento humano e posterior modificação, de acordo com as necessidades da sociedade. (DOLLFUS, 1973).

Foto 4 - Alto da Boa Vista: antiga fazenda refuncionalizada em casa de festas.



Fonte: Foto do autor em setembro de 2019.

Essa mudança de função indica que muitas famílias, principalmente as mais ricas, transferiram suas residências para outras áreas da cidade, mas buscaram, de alguma maneira, manter algum uso para os imóveis: auferir renda com sua locação ou simplesmente relegar as antigas mansões ao abandono e à decadência. Esse fato pode ser facilmente constatado pela observação do estado de conservação de diversos imóveis localizados no bairro, como as residências apresentadas na Foto 5, alguns, inclusive, que já funcionaram como casas de festas, mas fecharam as portas.

Foto 5 - Alto da Boa Vista: casas com aspecto de abandono



Fonte: Foto do autor em junho de 2021.

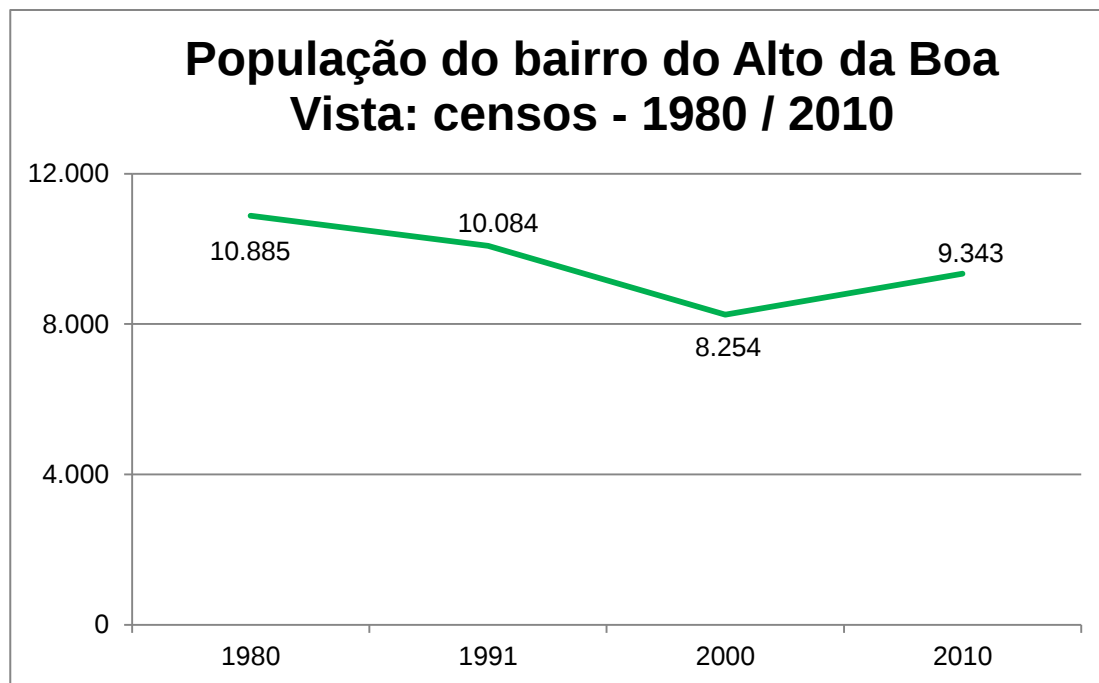
Podemos observar na foto anterior, exemplo de duas casas que apresentam condições precárias de conservação, situação comum nos dias de hoje em diversos imóveis situados ao longo das principais vias do Alto da Boa Vista.

Durante as conversas informais com moradores, foram apontados diversos relatos que justificam a mudança de endereço dos antigos vizinhos mais abastados, especialmente a partir da década de 1980. Eles disseram que essa mudança se explica pela busca de locais mais seguros em outros bairros do município, como os condomínios de luxo da Barra da Tijuca e habitações na zona sul. Diversos moradores mencionaram a rotina de assaltos a residências e roubo de carros nas vias do bairro nesse período.

Outros motivos citados foram dificuldades econômicas vividas pelas famílias, que comprometeram a manutenção de tais imóveis, questões relacionadas com disputas judiciais entre herdeiros e pessoas que simplesmente migraram em busca

de áreas com maior disponibilidade de equipamentos urbanos. A análise dos dados do Gráfico 1 demonstra a evasão populacional do bairro entre 1980 e 2000.

Gráfico 1 - Alto da Boa Vista: população no período 1980 - 2010

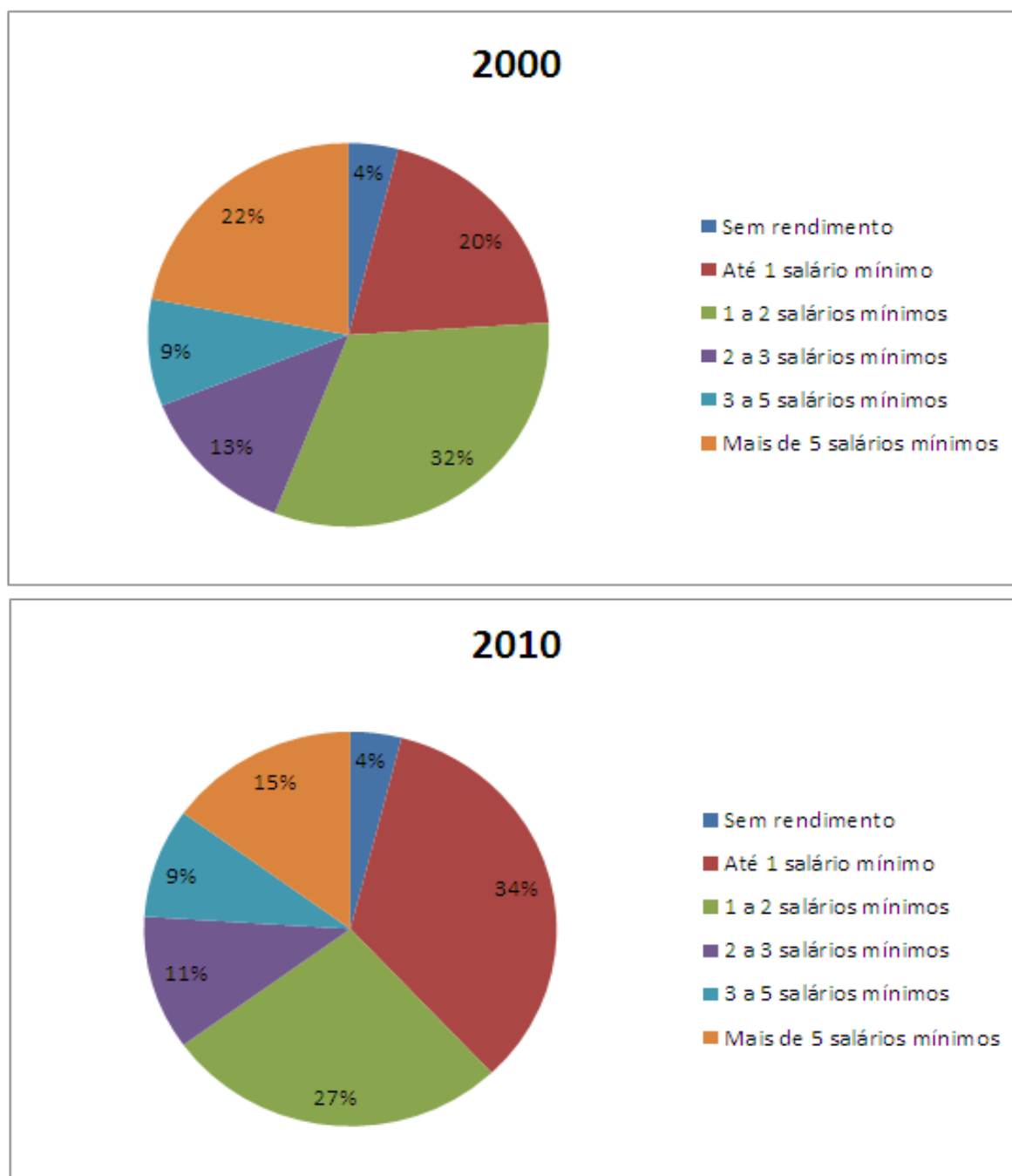


Fonte: IBGE. Disponível em: https://populacao.net.br/populacao-alto-da-boa-vista_rio-de-janeiro_rj.html

Durante o mesmo período, o município apresentou crescimento populacional contínuo, 21%, o que demonstra que o bairro não acompanhou a mesma tendência de crescimento ao longo das últimas quatro décadas. No entanto, a inflexão na curva, a partir de 2000, aponta para o retorno do crescimento populacional. Portanto, com a análise do gráfico e o relato de moradores, concluímos que a volta do período de crescimento populacional, a evasão de pessoas oriundas das classes de renda mais altas e o adensamento da favelização indicam o empobrecimento relativo da população do bairro.

Esse fenômeno, estampado na paisagem por meio da condição de abandono de diversos imóveis e da proliferação de núcleos de favelização, pode ser constatado a partir da análise dos dados contidos no Gráfico 2, em que comparamos a renda média familiar per capita do bairro entre os anos 2000 e 2010.

Gráfico 2 - Alto da Boa Vista: renda média familiar per capita



Fonte: IBGE – censos 2000 e 2010

Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?=&t=destaques>

Observamos que a faixa de renda mais baixa, até um salário-mínimo, aumentou de 20% para 34%, enquanto a faixa de renda mais alta reduziu de 22%

em 2000, para 15%, em 2010. Interessante notar que as demais faixas de renda apresentaram variações pouco significativas no mesmo intervalo.

Em suma, verificamos que, no presente, o bairro já não é mais habitado majoritariamente por moradores oriundos das classes mais abastas, pois existem diversos imóveis abandonados ou fechados, propriedades menos luxuosas e alguns núcleos de favelização concentrados na região das Furnas. As ilhas de ruralidade já não são tão evidentes na paisagem, mas foram mantidas até recentemente, seja pela falta de mobilidade e relativo isolamento em relação às áreas mais urbanizadas, seja pela presença do PNT e do APARU, ou ainda pelas diversas atividades rurais desenvolvidas no Alto da Boa Vista ao longo dos anos.

Os recursos naturais disponíveis no alto do Maciço da Tijuca, principalmente a água e a madeira, foram fundamentais para o início de sua ocupação e sua exploração se fez presente em diversos momentos. Ainda no período colonial, o desenvolvimento urbano do município, acompanhado do crescimento populacional, resultou na busca por água para o abastecimento dos chafarizes públicos e de madeira para a produção de carvão vegetal²⁰.

Segundo Maurício de Almeida Abreu (1992), o abastecimento de água sempre foi um problema durante o período colonial, questão que foi agravada, ao longo do tempo, com o aumento do crescimento demográfico, sobretudo após a transferência da capital de Salvador para o Rio de Janeiro, em 1763, e a chegada da família real, em 1808. Dessa forma, os mananciais do Maciço da Tijuca passaram a representar alternativas para o abastecimento hídrico da cidade, o que aumentou consideravelmente a captação de água nas encostas da Tijuca. No entanto, essas soluções sempre foram paliativas e não resolveram o problema de abastecimento da cidade. Assim, constatamos que a população do Rio de Janeiro sofre há séculos com problemas relacionado com a qualidade e o abastecimento de água, seja na escassez, seja na abundância.

Aos poucos, a floresta passou a ser explorada de outras maneiras, dando lugar também às pequenas plantações de mandioca, milho e toda a variedade de frutas e hortaliças que passaram a ser cultivadas, cada vez mais no alto do maciço,

²⁰ Ver CORRÊA, 2017 – O autor relata o processo de extração e apropriação da madeira nas matas dos Maciços da Tijuca e da Pedra Branca.

se valendo da abundância de água e de terrenos propícios para a agricultura (ABREU,1992).

No entanto, no final do século XVIII essas culturas foram rapidamente substituídas pela lavoura cafeeira, estabelecida com o trabalho de escravizados e muito mais atrativa economicamente, que marcou a ocupação definitiva da região com a instalação de diversas fazendas dedicadas ao cultivo desse fruto nas encostas da cidade. Estimulados pela fertilidade do solo, pelos lucros oriundos da agricultura e pela possibilidade de isolamento, valorizado em tempos de constantes epidemias, diversos estrangeiros, além dos nobres que acompanharam Dom João VI na sua fuga para o Brasil, em 1808, adquiriram terras no Alto do Maciço da Tijuca, quando iniciaram as primeiras plantações de café.

Maria de Lourdes Lemos, em suas pesquisas arqueológicas realizadas no interior do PNT, atesta que, entre esses estrangeiros, se destacaram o holandês Charles Alexander Van Moke, proprietário da Fazenda Nassau, localizada na Gávea Pequena (LEMOS, 2002, p.29), e o francês Louis Lecesne, pioneiro do cultivo de café do tipo Bourbon e proprietário da Fazenda São Luís, também na Gávea Pequena (LEMOS, 2002, p.29). Ambos possuíam experiência com o plantio de café em plantações localizadas nas Antilhas e trouxeram técnicas de cultivo que foram rapidamente disseminadas na cidade (LEMOS, 2002, p.30).

O professor Carlos Manes Bandeira, em livro dedicado ao PNT, destaca, além desses pioneiros as fazendas de Nicholas Taunay²¹, pintor integrante da missão artística francesa que fixou residência no Sítio Cachoeirinha localizado nas cercanias da cascata que viria a ser batizada com o seu sobrenome (BANDEIRA, 1993, p.58), a fazenda A Floresta, do também francês Guillaume Midosi, onde, atualmente funciona um restaurante (BANDEIRA, 1993, p.60) e a Fazenda Boa Vista, propriedade do conde Aymar Marie Jacques de Gestas, que teria dado nome ao bairro além de ter sido uma das propriedades mais prósperas e visitada frequentemente por integrantes da família real (BANDEIRA, 1993, p.61). Na área das Furnas, segundo Bandeira (1993, p.75), havia diversas fazendas menores, entre elas a Fazenda da Cascata Grande²² e a Fazenda das Furnas.

²¹ Ver SCHWARCZ, 2008.

²² A Cascata Grande é uma queda d'água localizada no Rio Cachoeira, já no Itanhangá, e conhecida atualmente como *Cachoeira do Morro do Banco*, por causa da sua proximidade com essa favela.

Neste trabalho, estamos particularmente interessados nas transformações espaciais que a implantação dessas fazendas realizou, tanto na paisagem natural quanto na mobilidade propiciada pelos caminhos abertos entre essas propriedades, sendas que ao longo do tempo foram transformadas nas principais vias de acesso ao bairro. Atualmente essas construções se reduziram a ruínas ou foram refuncionalizadas, como LEMOS (2002, p. 35) aponta:

Apesar do tempo transcorrido e da perda da maioria dos testemunhos, a Floresta da Tijuca guarda lembranças de suas fazendas de café. As edificações da capela Mayrink e do Barracão faziam parte da fazenda “Boa Vista”, propriedade do francês conde Aymar Marie Jacques de Gestas, cujo último dono foi o conselheiro Mayrink. Outro testemunho daquela época é o restaurante “A Floresta”. Seu prédio foi a senzala da fazenda de mesmo nome, do francês Guillaume Midosi. Nos meados do século XIX, os cafezais da Tijuca entraram em decadência. As culturas foram abandonadas e as nascentes d’água, desprotegidas, começaram a secar. A cidade do Rio de Janeiro, que aumentava sua população, sofria com a falta d’água.

Logo, o cultivo do café no Alto da Boa Vista teve origem no vale da Gávea Pequena, para, em seguida se espalhar por toda a área abarcada pelo atual Parque Nacional da Tijuca e arredores. Como os morros eram florestados, a dinâmica cafeeira consistia em desmatar para construir a sede da fazenda, criar pasto para os animais e iniciar a plantação de café. Dessa forma, essa cultura foi responsável pelo desflorestamento de grande parte da Mata Atlântica nativa e pela ocupação do Alto da Boa Vista pelos seus primeiros moradores, fazendeiros de origem europeia, algumas famílias de agricultores e escravizados (BANDEIRA, 1993).

Nessa época, a comercialização tanto do café quanto da madeira extraída da floresta era muito lucrativa para os latifundiários que buscavam explorar economicamente a floresta, transformando a mata nativa em algo a ser dominado e apropriado. A derrubada da floresta nativa para o plantio da lavoura cafeeira representou a primeira grande transformação na paisagem do Alto da Boa Vista imposta pela sociedade. No entanto, o reflorestamento da Floresta da Tijuca é prova eloquente da capacidade humana de gerar condições sustentáveis para as gerações futuras.

Estruturada por meio de técnicas rudimentares e altamente predatórias, do ponto de vista ambiental, a atividade cafeeira no Alto da Boa Vista entrou em declínio ainda em meados do século XIX, deixando um legado de destruição da mata nativa que agravou a redução do volume de água nos rios do município. Em vista disso, iniciou-se o processo de reflorestamento, ordenado por Dom Pedro II, visando à conservação dos mananciais de água que abasteciam os chafarizes públicos. A grandiosidade e o pioneirismo do reflorestamento são mencionados por Maria de Lourdes Lemos (2002, p. 47):

A obra de reflorestamento da Floresta da Tijuca teve um trabalho de base quando foram executados os primeiros plantios, de 1862 a 1874, sob a direção do Major Archer e uma segunda etapa, de 1875 a 1888, sob a direção do Barão Gastão d'Escagnolle, que aplicou novas técnicas de plantio e introduziu obras de embelezamento e paisagismo na floresta. O dr. Thomás Nogueira da Gama trabalhou de 1862 a 1888 nas Paineiras, executando um reflorestamento sistemático.

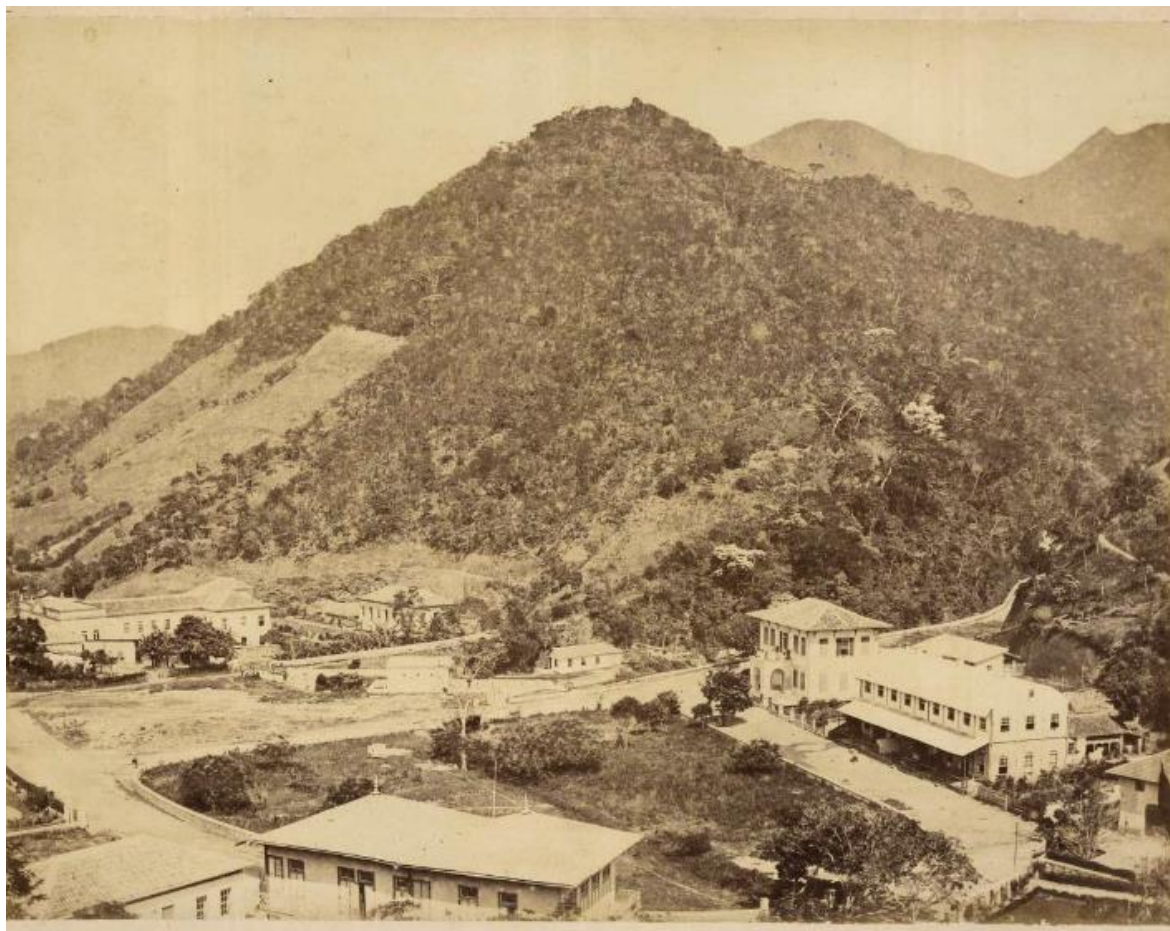
Foi justamente nessa época que as antigas fazendas de café foram desapropriadas ou compradas pelo Estado, com intermediação do Barão do Bom Retiro que exerceu papel fundamental na negociação com os fazendeiros (LEMOS, 2002, p.25), fato que resultou na proliferação de chácaras, sítios, hotéis e residências de propriedade das classes mais abastadas e com presença marcante de cidadãos de origem europeia. De acordo com Maria de Lourdes Lemos, “a partir de 1810, com a vinda da família real para o Brasil, os nobres europeus que acompanhavam Dom João VI procuraram moradia nas serras perto da cidade, onde o clima era mais ameno”, (LEMOS, 2002, p.33)

Nessa época, a longa viagem para a região serrana do estado resultava em um empecilho para o deslocamento populacional, configurando o Alto da Boa Vista como uma opção mais viável para o estabelecimento de moradias. É nessa perspectiva que o bairro cultivou sua fama de área nobre.

Paralelamente ao reflorestamento e ao fracionamento das antigas fazendas foi construída, ainda na década de 1890, a Estrada Velha da Tijuca, atual Avenida Edson Passos, o que valorizou as terras e facilitou a ligação da Praça Afonso Vizeu,

antigo Largo da Boa Vista, retratado na Foto 6, com a Tijuca. Essa área foi totalmente reformada durante a administração do prefeito Pereira Passos no início do século XX, trecho que concentrava a maioria das residências além de um tradicional colégio religioso.

Foto 6 - Panorama do antigo Largo da Boa Vista no início do século XX.



Fonte: acervo do autor.

No entanto, até a década de 1940, o principal acesso ao Alto da Boa Vista era feito por meio da linha de bondes que ligavam o bairro à Usina²³, pois apenas as famílias mais abastadas possuíam automóveis, fato que garantia a condição de isolamento tão valorizada pelas classes mais privilegiadas. Ocorre que nem todas as

²³ O nome Usina foi adotado após a instalação de uma usina elétrica que fornecia energia para os bondes que subiam o Alto da Boa Vista. Antes da instalação de tal Usina, os bondes eram movidos à força animal, que devido à declividade do terreno eram substituídos antes do início da subida. Esta mudança teria batizado a Muda, lugar encravado na base do maciço da Tijuca onde os animais eram substituídos por outros descansados (ROSE, 2004).

localidades do bairro eram servidas pelo bonde, que tinha o seu ponto final da esquina das ruas Boa Vista e Ferreira de Almeida, bem próximo da Praça Afonso Vizeu, dali em diante o acesso aos sítios e fazendas era feito por caminhos entre estas propriedades, geralmente abertos e mantidos pelos próprios proprietários (LEMOS, 2002).

Os primeiros estabelecimentos comerciais começaram a abrir as portas ainda nas últimas décadas do século XIX. Eram hotéis e escolas, além de um pequeno centro comercial instalado na Rua Boa Vista, continuação da Av. Edson Passos (MAYA, 1967). Daí em diante, na área onde, atualmente, existe a Estrada das Furnas, se configurava um ambiente completamente rural, que se estendia do início da descida do Alto da Boa Vista em direção ao Itanhangá, localidade afastada do ponto final do bonde e cortada pelo Rio Cachoeira. A dificuldade de acesso resultou na menor valorização dessa área, que começou a ser ocupada por famílias com poder aquisitivo inferior em lotes cada vez menores.

Assim, a área que inicialmente foi ocupada por fazendas e residências habitadas, na sua maioria, por imigrantes europeus oriundos de famílias abastadas, passou a concentrar, ao longo da evolução urbana do bairro, faixas de população com menor renda dando origem assim aos primeiros núcleos de favelização já na década de 1950. Na Figura 05, apresentamos o trajeto atual da Av. Edson Passos, da Rua Boa Vista e da Estrada das Furnas.

Figura 5 - Alto da Boa Vista: principais vias de acesso



A instalação de indústrias ao longo do Rio Cachoeira, principalmente as fábricas de papel, tecidos e discos, inauguradas na primeira metade do século XX, proporcionou importante oferta de emprego, resultando em contundente incremento populacional no bairro. Além da oferta de trabalho, havia a possibilidade de moradia em vilas operárias ou por meio de acordos que permitiam a construção de residências nas proximidades das fábricas, mas sem que os trabalhadores obtivessem a propriedade da terra, estratégia que objetivava manter os trabalhadores por perto e sob controle (MAGALHÃES, 1979). Essa oferta de emprego, aliada à possibilidade de moradia barata, atraiu muitos moradores para essa área, que pela quantidade de vilas operárias instaladas, passou a se chamar Vila Cachoeira.

As fábricas instaladas no Alto da Boa Vista buscavam a energia proveniente dos rios que correm do alto do Maciço da Tijuca, assim todas construíram pequenas represas em seus leitos e ali depositavam seus rejeitos. Dados o impacto ambiental provocado pelo funcionamento dessas indústrias e a evolução da legislação no Brasil²⁴, que obriga um cuidado maior com os rejeitos industriais, atualmente, dificilmente seriam permitidos tais empreendimentos no local.

Segundo relato de um morador e ex-funcionário da fábrica Lanifícios Boa Vista, após a criação do Estado da Guanabara, na década de 1960, diversas indústrias deixaram a cidade em busca de fatores locacionais mais atrativos, sobretudo incentivos fiscais em outras áreas. Assim, as fábricas instaladas no Alto da Boa Vista fecharam as portas no bairro e transferiram suas atividades para municípios da futura Região Metropolitana e o interior do estado do Rio de Janeiro.

Além disso, a pavimentação da Estrada das Furnas, na mesma década, resultou em grande valorização dos imóveis nessa área, gerando outras oportunidades de lucro para os donos dos terrenos das fábricas. Hoje, existem poucos resquícios das antigas indústrias na paisagem do Alto da Boa Vista, rugosidades que passam quase despercebidas, mas que deixaram as favelas como testemunho de uma época fabril (MAGALHÃES, 1979). De acordo com Milton Santos (2006, p. 140):

Chamemos rugosidades ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou arranjos. É dessa forma que elas são uma parte desse espaço-fator. Ainda que sem tradução imediata, as rugosidades nos trazem os restos da divisão do trabalho já passada (todas as escalas da divisão social do trabalho), os restos dos tipos de capital utilizados e suas combinações técnicas e sociais com o trabalho.

²⁴ A Política Nacional do Meio Ambiente é regulamentada pela Lei nº 6938/81 Disponível em: [L6938 \(planalto.gov.br\)](http://planalto.gov.br/legislação/leis/6938-81.htm)

Como exemplo das rugosidades das formas, apresentamos na Foto 7, a antiga vila operária da fábrica Lanifícios Alto da Boa Vista, reformada e transformada em condomínio residencial.

Foto 7 - Rua Boa Vista: antiga vila operária da fábrica de tecidos Lanifícios Boa Vista.



Fonte: Foto do autor em junho de 2021

Antes da implantação dessas fábricas, ainda na primeira metade do século XX, os poucos moradores das favelas localizadas ao longo da Estrada das Furnas, encontravam emprego nas chácaras de agrião e nas residências das famílias mais abastadas, onde desempenhavam serviços de baixa qualificação relacionados com a conservação e a limpeza dessas propriedades, além de oportunidades na construção civil. Com a chegada das fábricas e a consequente oferta de emprego,

muitos moradores passaram a dividir a rotina a desempenhar atividades relacionadas com as atividades industriais (MAGALHÃES, 1979).

Ocorre que, quando as fábricas fecharam as portas no Alto da Boa Vista, já na segunda metade do século XX, muitos trabalhadores se mudaram do bairro e as antigas vilas operárias entraram em processo de decadência, evoluindo para a formação de núcleos de favelização. Essas áreas, valorizadas após a pavimentação da Estrada das Furnas, passaram a ser alvo de disputas judiciais entre proprietários e favelados, tidos não mais como trabalhadores, mas como invasores.

Com o fechamento das fábricas, as antigas vilas operárias foram se transformando em favelas e os seus moradores voltaram a ter como opção de emprego as residências das classes mais abastadas, cujos moradores culturalmente se recusam a desempenhar determinadas tarefas. Assim, o espaço produzido revela a trama entre riqueza e pobreza tão comum no município do Rio de Janeiro, favelas em meio a áreas de luxo e a exploração das classes sociais menos favorecidas em um contexto de extrema desigualdade, conflitos e contradições.

De acordo com informações verbais de moradores idosos, apuradas durante a primeira etapa do trabalho de campo, até as últimas décadas do século XX, as favelas do Alto da Boa Vista quase não apresentavam episódios de violência urbana, sendo compostas, majoritariamente, por famílias que compartilhavam históricos de vida semelhantes e que habitavam os mesmos lugares há três ou quatro gerações.

Reconhecemos que essas características contribuem para a percepção de relativa tranquilidade, construída com base na vivência cotidiana, nas querências e nos dissabores das relações sociais, nas representações do espaço. Essa característica do espaço produzido, foi frequentemente mencionada durante as entrevistas do trabalho de campo como a sua maior qualidade. Conforme informação verbal de um morador da favela Fazenda, “só quem mora no Alto entende o Alto, aqui falta de tudo, mas a tranquilidade não tem preço”. Além disso, o relativo isolamento, potencializado pela proximidade com a Floresta da Tijuca, também parece corroborar esse clima de paz tão celebrado por alguns moradores.

No entanto, notamos que essa dinâmica mudou com a chegada do novo século e a ação de novos agentes produtores do espaço. Presença cada vez maior

do tráfico de entorpecentes; moradores de outras favelas que se mudaram para o Alto da Boa Vista em busca de melhores condições de moradia; antigos moradores ou familiares que retornaram ao bairro, além da ação de pessoas que buscam obter renda e lucros com a construção e comercialização de imóveis ilegais na área, a favela que no passado se apresentou como solução de moradia para uma parcela da população, cada vez mais funciona como fonte de lucro com base no aquecimento do mercado imobiliário ilegal, alterações sociais que analisaremos no próximo capítulo.

3. A VIDA COTIDIANA NAS FAVELAS DO ALTO DA BOA VISTA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA TRÍADE LEFEBVRIANA

Neste capítulo, analisamos o processo de favelização em andamento no bairro do Alto da Boa Vista especificamente na área localizada ao longo da Estrada das Furnas, dado que o adensamento das favelas ali presentes é notório nas duas últimas décadas.

Desse modo foram consideradas como procedimento de investigação para atender a esse objetivo a descrição e a análise dos ambientes favelados e das diversas organizações sociais que (re)produziram o espaço ao longo do tempo. Partindo do princípio de que o espaço é produto, meio e condição das relações sociais de produção em sentido amplo, identificamos os principais agentes produtores do espaço, suas intencionalidades e os contrastes e contradições desse processo.

Nesse sentido, realizamos trabalho de campo em seis favelas em busca da origem do processo de favelização e da atuação dos agentes produtores do espaço ao longo do tempo. Utilizamos dados quantitativos e qualitativos para demonstrar a aceleração do processo de favelização nos últimos anos e a transformação de áreas que ainda guardam formas residuais de ruralidade, em áreas precariamente urbanizadas.

Outrossim, procuramos evidenciar a relação do crescimento das favelas com o aquecimento do mercado imobiliário ilegal, que ocorre de forma irregular perante a legislação, seja pela disputa da propriedade do terreno, seja pelo não cumprimento das posturas e dos parâmetros municipais que vem repetindo, no Alto da Boa Vista, embora com atraso, a mesma lógica percebida em outras favelas do município. Por fim, tecemos considerações e reflexões em que buscaremos relacionar as observações do trabalho de campo com a teoria da produção social do espaço de Henri Lefebvre.

O autor elabora sua teoria de produção do espaço com base na tríade do espaço percebido, concebido e vivido. Nesse sentido, o espaço percebido articularia

as dimensões do vivido (espaços de representação) com o concebido (representações do espaço). Nas palavras de Lefebvre (2006, p.106)

O que é a prática espacial no neocapitalismo? Ela associa estreitamente, no espaço percebido, a realidade cotidiana (o emprego do tempo) e a realidade urbana (os percursos e redes ligando os lugares do trabalho, da vida “privada”, dos lazeres) (...) As representações do espaço, ou seja, o espaço concebido, aquele dos cientistas, dos planificadores, dos urbanistas, dos tecnocratas “retalhadores” e “agenciadores”, de certos artistas próximos da cientificidade, identificando o vivido e o percebido ao concebido (...) Os espaços de representação, ou seja, o espaço vivido através das imagens e símbolos que o acompanham, portanto, espaço dos “habitantes”, dos “usuários”, mas também de certos artistas e talvez dos que descrevem e acreditam somente descrever: os escritores, os filósofos. Trata-se do espaço dominado, portanto, suportado, que a imaginação tenta modificar e apropriar. De modo que esses espaços de representação tenderiam (feitas as mesmas reservas precedentes) para sistemas mais ou menos coerentes de símbolos e signos não verbais.

Assim, iluminados pela teoria de Lefebvre, o capítulo está organizado em três partes, permeadas pela tríade do espaço vivido, concebido e percebido. Na primeira parte, procuramos qualificar o espaço vivido por meio da descrição dos espaços, das fotos, das imagens e das falas dos entrevistados sobre suas vidas cotidianas. Na segunda, buscamos identificar as representações do espaço, os planificadores, o espaço concebido pelo Estado, seja na sua ausência, seja na sua presença, a partir da elaboração de projetos de urbanização, mas também aquele concebido por grupos de poder paralelo como traficantes e milicianos. Por fim, na última parte, apresentamos o mito da tranquilidade, fomos de encontro ao espaço percebido pelas comunidades que habitam as favelas do Alto da Boa Vista.

3.1 O Espaço vivido das favelas

Atualmente, existem diversos núcleos de favelização no Alto da Boa Vista. Nesta pesquisa, tratamos dos maiores localizados ao longo da Estrada das Furnas, separados em duas áreas: Cachoeira e Furnas. Assim a área Cachoeira contempla as favelas Mata Machado e Agrícola, que já passaram por programas de urbanização da PMRJ e apresentam diversos estabelecimentos comerciais ao longo de suas vias principais. Na área denominada Furnas, estão concentradas quatro favelas com aspecto mais residencial e com menos equipamentos urbanos instalados pela Prefeitura, são elas: Fazenda, Furnas, Agrícola e Biquinha.

Entendemos que, por causa da sua proximidade e características gerais, as seis favelas representam grande parte das características observadas nas demais. Ressaltamos que existem diversos outros núcleos de favelização no bairro, como as favelas do Vale Encantado, Açude, João Lagoa e Catrambi, que são comunidades menores e isoladas, além de se encontrarem em outras áreas do bairro. Reforçamos, no entanto, que se trata de ambientes extremamente heterogêneos e não vamos, sob nenhuma hipótese, tecer qualquer tipo de generalização.

Como veremos a seguir, as origens dessas favelas guardam relação com o processo de favelização relatado de forma resumida nesta dissertação no Capítulo 2. No entanto, acreditamos que o relativo isolamento, propiciado pelo relevo e pela presença do PNT, retardaram o processo de favelização no bairro, quando comparado com outras áreas do município.

A presença da vegetação pode camuflar, de certa forma, a presença dessas favelas, pois apenas Furnas, Mata Machado e Tijuacu são visíveis da Estrada das Furnas, via que corta a área em questão. As demais são acessadas por vias secundárias, sendo parcialmente ocultadas pela floresta. Assim, para um observador menos atento, as favelas passam despercebidas entre propriedades ocupadas pelas classes mais altas, a floresta e a vista para a zona oeste do município. Notamos assim, que a área em questão resume, sob um ponto de vista, o panorama geral do município do Rio de Janeiro, que estampa as belezas naturais da paisagem contraste com a desigualdade.

A análise dos dados da Tabela 3, que apresenta dados da área ocupada pelas favelas, nos permite afirmar que houve aumento de 6% entre os anos de 1999 e 2019, área proporcional a dois campos de futebol.

Tabela 3 - Favelas do Alto da Boa Vista: área ocupada em 1999 e 2019.

NOME	ÁREA OCUPADA M ²		
	1999	2019	VARIAÇÃO %
AGRÍCOLA	59.482	59.552	0%
TIJUAÇU	52.362	57.814	10%
FAZENDA	31.620	35.959	14%
FURNAS	19.139	20.063	5%
MATA MACHADO	67.439	68.989	2%
BIQUINHA	20.746	23.237	12%
TOTAL	250.788	265.614	6%

Fonte: Sistema de Assentamentos de Baixa Renda (SABREN) é um aplicativo que reúne e disponibiliza dados e informações sobre as favelas do município do Rio de Janeiro, coordenado e mantido pelo Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos (IPP), da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro²⁵.

Nota-se, na Tabela 3, um discreto crescimento da área ocupada pelas favelas entre os anos de 1999 e 2019, argumento que pode ocultar a aceleração do processo de favelização, dado que a expansão não ocorre concentrada em uma favela específica, mas diluída entre as seis favelas. No entanto, quando cruzamos os dados das áreas ocupadas com os dados sobre população e domicílios, apurados nos censos de 2000 e 2010, conforme Tabela 4, verificamos que o

²⁵ Disponível em:

<https://pcrj.maps.arcgis.com/apps/MapJournal/index.html?appid=4df92f92f1ef4d21aa77892acb358540>

Acessado em 01/05/2020

crescimento das favelas não ocorre por expansão de área ocupada, mas por adensamento e verticalização.

Tabela 4 - Favelas do Alto da Boa Vista: população e domicílios – 2000 e 2010

	POPULAÇÃO			DOMICÍLIOS		
FAVELA	2000	2010	%	2000	2010	%
AGRÍCOLA	439	505	15%	124	159	28%
TIJUAÇU	1004	1156	15%	290	359	24%
FAZENDA	312	444	42%	93	154	66%
MATA MACHADO	1797	2248	25%	503	680	35%
FURNAS	205	239	17%	59	88	49%
BIQUINHA	85	240	182%	28	68	143%
TOTAL	3842	4832	26%	1097	1508	37%

Fonte: Sistema de Assentamentos de Baixa Renda (SABREN) é um aplicativo que reúne e disponibiliza dados e informações sobre as favelas do município do Rio de Janeiro, coordenado e mantido pelo Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos (IPP), da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro²⁶.

O reduzido crescimento em área contrasta com o forte crescimento populacional das favelas, na ordem de 26%, ocorrido entre os censos de 2000 e 2010 e com o aumento do número de domicílios, 37%. Os percentuais disponíveis na Tabela 4, que apontam para o adensamento e a verticalização das favelas em

²⁶ Disponível em:

<https://pcrj.maps.arcgis.com/apps/MapJournal/index.html?appid=4df92f92f1ef4d21aa77892acb358540>. Acesso em maio 2022.

questão. Para efeitos de comparação, a população do bairro como um todo cresceu 13%, metade do total apurado nas seis favelas.

Embora as seis favelas tenham apresentado importante crescimento populacional e de domicílios, a Biquinha desponta aumentos expressivos, mais que dobrando as contagens em apenas dez anos, fato que demonstra a aceleração do processo de favelização no bairro. A compreensão deste processo atual passa pela contextualização do processo de ocupação dessas áreas, conforme adiante.

Durante a primeira metade do século XX, havia uma infinidade de fazendas e propriedades rurais menores na área localizada entre os atuais bairros do Alto da Boa Vista e Itanhangá, área onde se localiza a Estrada das Furnas. Segundo relatos de moradores apontados nas conversas informais durante o trabalho de campo, se tratava de foreiros, na maioria imigrantes espanhóis e portugueses, além de escravizados libertos que ocuparam partes abandonadas das antigas fazendas de café.

No transcorrer do trabalho de campo, tivemos a oportunidade de conhecer diversos descendentes dessas famílias, moradores com sobrenome em comum que corroboraram o argumento do autor sobre as origens da ocupação.

Como essa parte do bairro, localizada ao longo da Estrada das Furnas, ficava relativamente mais afastada do ponto final do bonde, principal meio de transporte do bairro durante a primeira metade do século XX, a região das furnas era a mais isolada e, por isso, foi ocupada apenas por fazendas e propriedades rurais ligadas entre si por caminhos mantidos pelos próprios proprietários (LEMOS, 2002, p.39). Alguns desses caminhos ainda existem, vias secundárias como o Caminho de Santo André e a Estrada Quebra Cangalhas.

Esse panorama de isolamento vai mudar com a pavimentação da Estrada das Furnas, já na década de 1950, e a implantação de fábricas ao longo do Rio Cachoeira. Esses empreendimentos comerciais serão decisivos para o aumento populacional da área, dado que a oferta de emprego e a possibilidade de moradia barata representaram fatores atrativos importantes.

Diversos moradores informaram que seus pais ou avós migraram em busca de oportunidades de emprego nessas fábricas. O Agente Bem-Informado 1 (ABI1), de Mata Machado, relatou que o lugar é conhecido como a capital de São Fidélis,

por causa do grande número de imigrantes desse município e de outros do noroeste fluminense.

O ABI1, que é ex-funcionário de uma fábrica de discos, informou que ao longo da segunda metade do século XX, as fábricas encerraram suas atividades no Alto da Boa Vista, e migraram para outros municípios em busca de oportunidades fiscais, o que abriu espaço para a especulação imobiliária no bairro, dado que esses terrenos teriam se valorizado com a maior integração urbana desencadeada pela pavimentação da Estrada das Furnas. Ademais, em 1966, uma tempestade destruiu parte das instalações de duas dessas fábricas.

Após um período de estagnação e esvaziamento populacional, as favelas localizadas nessa área voltaram a apresentar crescimento populacional, de domicílios e expansão de área construída, de acordo com dados disponíveis no portal SABREN²⁷ da PMRJ. Nesse sentido, desenvolvemos um trabalho de campo em busca de indícios dessa nova fase de expansão do processo de favelização, já que ali existe uma concentração desses núcleos de urbanização precária.

De acordo com a metodologia proposta, as seis favelas foram agrupadas de acordo com o nome das localidades onde se inserem e como são reconhecidas no bairro. Durante o trabalho de campo, apontamos diversas características em comum que permitem a aglutinação para título de análise dos espaços e conclusões.

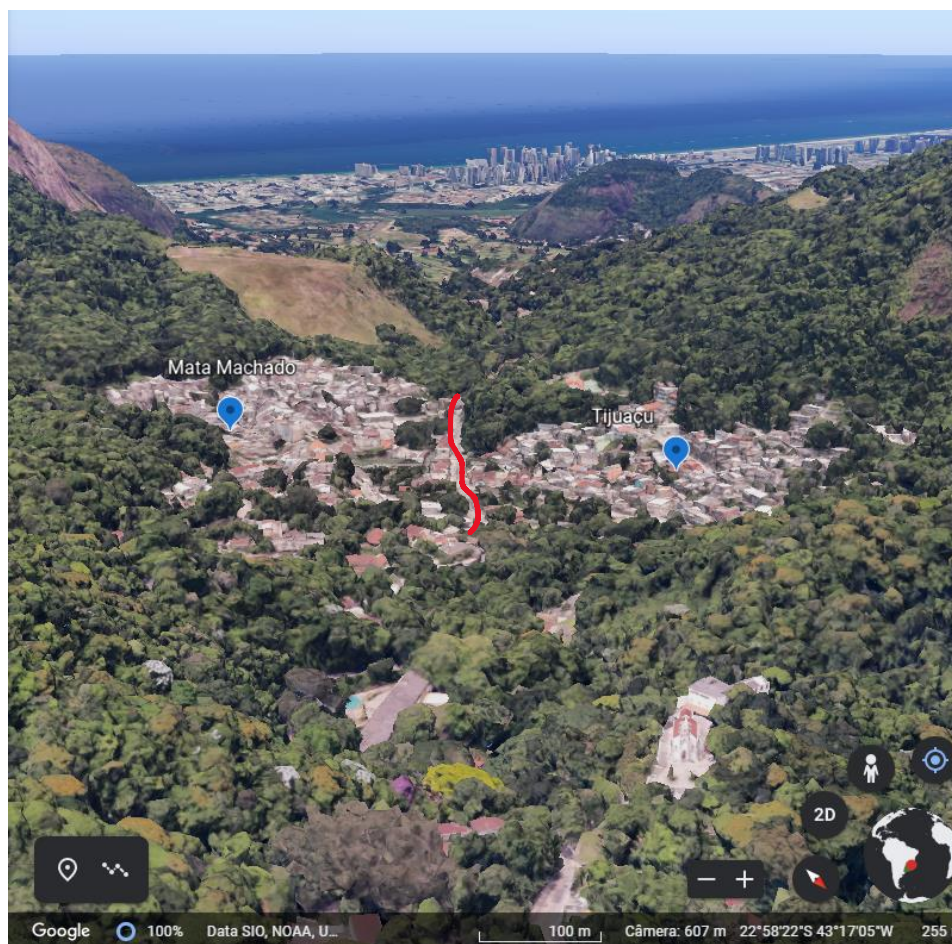
3.1.1 Setor Cachoeira

As favelas Mata Machado e Tijuacu são as maiores do Alto da Boa Vista e figuram na mesma área, no entremeio do Maciço da Tijuca, sendo separadas pela Estrada das Furnas, conforme mostra a figura 6.

²⁷ Disponível em:

<https://pcrj.maps.arcgis.com/apps/MapJournal/index.html?appid=4df92f92f1ef4d21aa77892acb358540>. Acesso em: maio 2022.

Figura 6 - Mata Machado e Tijuacu



Fonte: Google Earth, elaborado pelo autor em junho 2022. Marcação em vermelho no traçado da Estrada das Furnas.

De acordo com os dados apresentados nas Tabelas 3 e 4, as favelas correspondem a uma área de 126.803 metros quadrados e têm uma população de 3.404 habitantes. Mesmo separadas pela Estrada das Furnas, elas estão relativamente integradas, dado que entre elas se encontra a Rua do Maracaí, área que concentra grande parte do comércio popular do bairro, além de pontos de mototáxi e cooperativas de motoristas de aplicativos. Essa área é conhecida no bairro como a cachoeira.

Outra característica em comum são as obras de urbanização realizadas em Mata Machado e Tijuacu, projetos que entregaram áreas de lazer como quadras poliesportivas e áreas de circulação entre as duas favelas. Essas áreas, assim como

o Campo de Futebol do Agrião, representam lúres de encontro das comunidades e são responsáveis pela maior integração entre os moradores dessas favelas.

Mata Machado é a maior favela do Alto da Boa Vista, tanto em área ocupada quanto em população. Ali já ocorreram projetos de urbanização e o “Favela–Bairro”, de 1994, foi o mais relevante. Na atualidade, a favela conta com um colégio estadual, uma creche, um posto policial, quadra poliesportiva e praças equipadas com aparelhos de lazer e ginástica.

A favela acompanha a tendência de pequena expansão territorial, apenas 2%, mas com grande crescimento populacional, 25%, sendo notório o adensamento nas imagens de satélite comparativas entre 2000 e 2019 que mostramos na Figura 2, anterior. A área da favela, em 2019, era de 68.989 m².

No interior da favela encontramos um variado comércio popular, sendo comum a presença de lojas improvisadas na frente das casas, construções que, na sua maioria, possuem até três pavimentos. Também notamos rugosidades que denotam o passado rural da área, muros, casas e até mesmo palmeiras imperiais preservadas da antiga fazenda que existia no lugar, como pode ser observado na Foto 08.

Foto 8 - Mata Machado: casa construída sob fundações de antiga construção

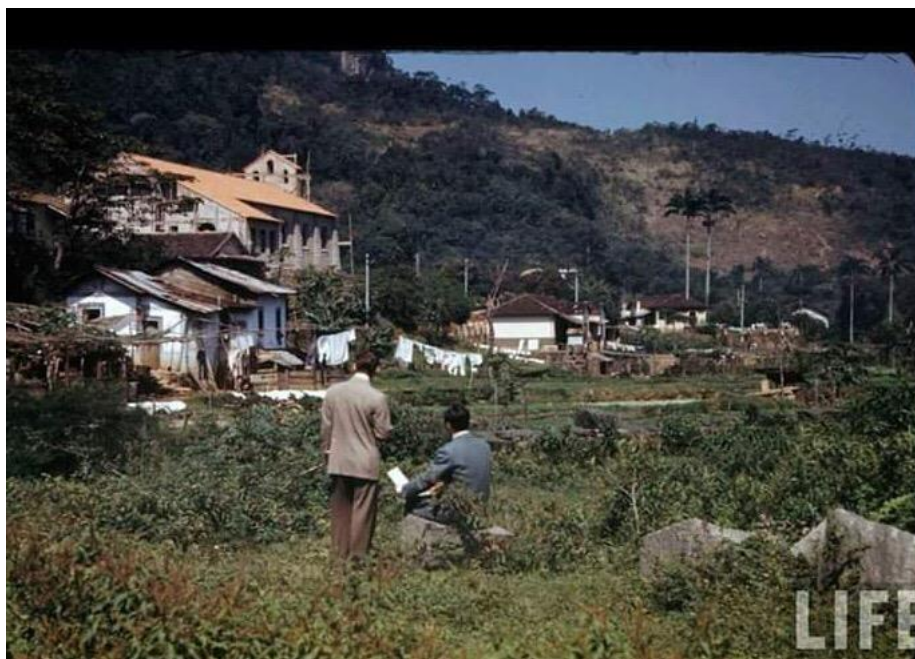


Fonte: foto do autor em janeiro de 2022.

Uma das antigas fazendas do Alto da Boa Vista pertencia ao conselheiro João Leopoldo Mata Machado, que, segundo relatos de moradores, do ABI1 e dados disponíveis no portal SABREN²⁸, teria recebido as terras de Dom Pedro II e foi uma pessoa muito influente no período Imperial. No entanto, o fazendeiro teria passado por dificuldades financeiras, ainda nos primeiros anos da República, que o teriam obrigado a hipotecar algumas de suas propriedades, inclusive sua fazenda do Alto da Boa Vista.

A fazenda teria, então, entrado em decadência e, dada sua condição de abandono, foi sendo, paulatinamente, ocupada por seus antigos trabalhadores e escravizados libertos. Na área hoje localizada no centro da favela, havia três construções chamadas na comunidade de casarões (Foto 09), que foram ocupadas pelas primeiras famílias de moradores após a partida do conselheiro. Esses casarões, segundo relatos dos moradores, eram a casa-grande, a senzala e a vacaria da antiga fazenda que, após uma ocupação inicial, passaram a ser desmontadas e transformadas em habitações menores.

Foto 9 - Mata Machado: casarões da antiga fazenda



Fonte: Revista LIFE 1953. Arquivo pessoal de Roberto Magessi.

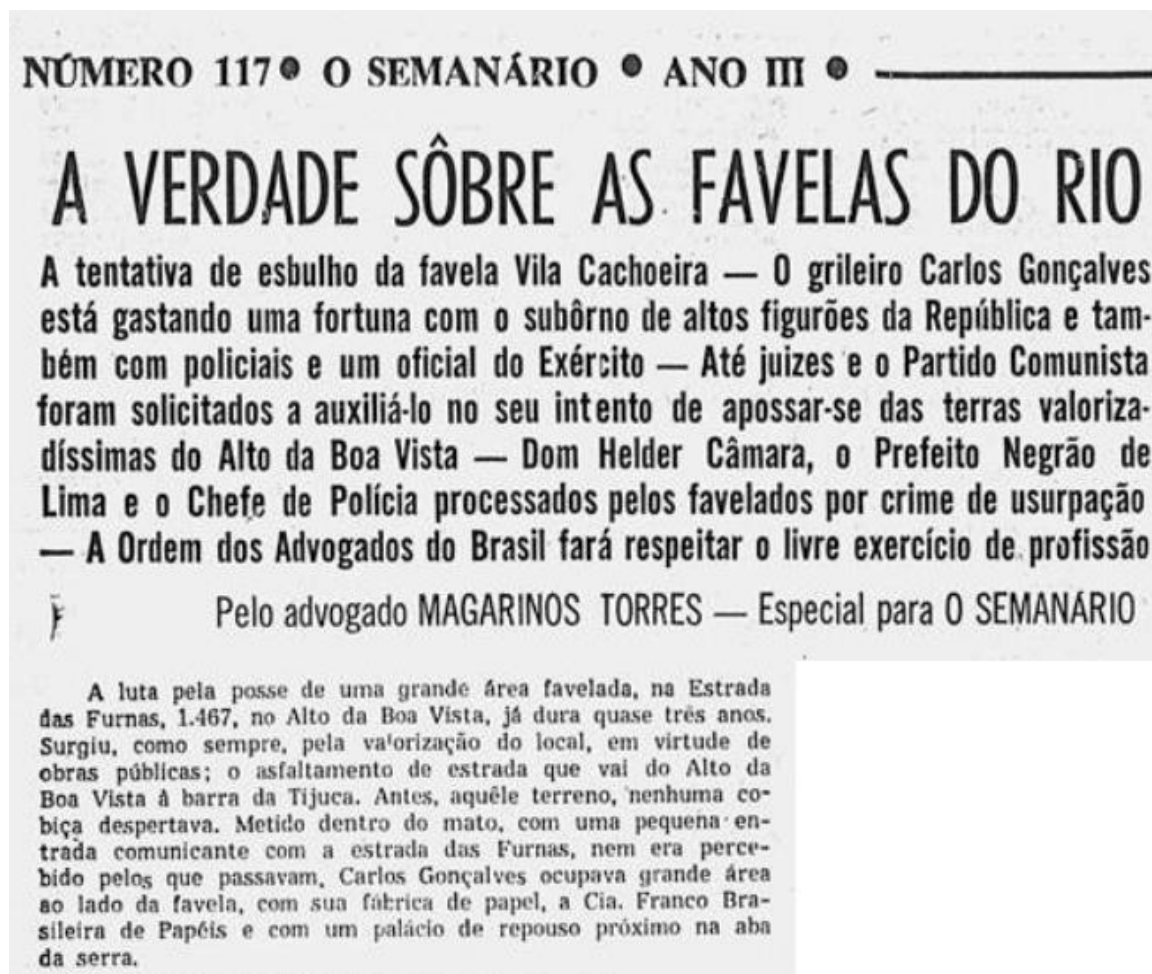
²⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/roberto.magessi>
<https://pcrj.maps.arcgis.com/apps/MapJournal/index.html?appid=4df92f92f1ef4d21aa77892acb358540>
Acessado em maio 2022.

Durante a década de 1940 o proprietário de uma fazenda vizinha que cultivava produtos agrícolas, passou a recrutar trabalhadores no município de São Fidélis, no noroeste do Estado do Rio de Janeiro, fato comum entre as demais propriedades da região. Os contratos de trabalho previam a concessão de moradia para a família dos trabalhadores no interior das fazendas, que ainda contavam com ajuda do proprietário para construir as casas. Desse modo, de acordo com a necessidade de novos trabalhadores, os próprios empregados passaram a receber seus familiares e conhecidos (MACHADO e MAGALHÃES, 1983).

A quantidade de pessoas oriundas do noroeste fluminense chama atenção, fato que comprovamos durante o trabalho de campo e garante a alcunha ao lugar de capital de São Fidélis. A origem no noroeste do estado é tão marcante que após as primeiras conversas com moradores passamos a perguntar diretamente se o entrevistado possuía parentes oriundos dessa região, muitos respondiam que sim e manifestavam surpresa com a pergunta vindo de alguém que não morava na favela.

Na década de 1950, o proprietário da fazenda vizinha implantou uma fábrica de papel no terreno adjacente e alegou ter comprado as terras da antiga propriedade do comendador Mata Machado, fato contestado pelo advogado Magarinos Torres e destacado em matéria publicada no jornal O semanário conforme mostra a Figura 7.

Figura 7 - Fragmento do jornal O Semanário: conflitos sobre a posse da terra



Fonte: <http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=149322&pagfis=1832&url=http://memoria.bn.br/docreader#>

Segundo o ABI1, essa fábrica de papel, denominada Cia. Franco Brasileira de Cartonagens, passou a representar importante oferta de trabalho para os moradores da Cachoeira e das Furnas, e seu proprietário repetiu a estratégia utilizada anteriormente com os colonos da fazenda, de recrutar novos trabalhadores com a possibilidade de construção de moradia no interior do terreno da fábrica (MACHADO e MAGALHÃES, 1983, p.10).

Os conflitos passaram a ocorrer pela interferência da fábrica na ordenação do espaço urbano, tornando-se árbitro e instância decisória nas disputas internas relacionadas à terra. A autoridade da fábrica na ordenação do espaço urbano local alicerçava-se na

ameaça de demissão do trabalhador que não aceitasse sua intermediação nos conflitos ocorridos na localidade

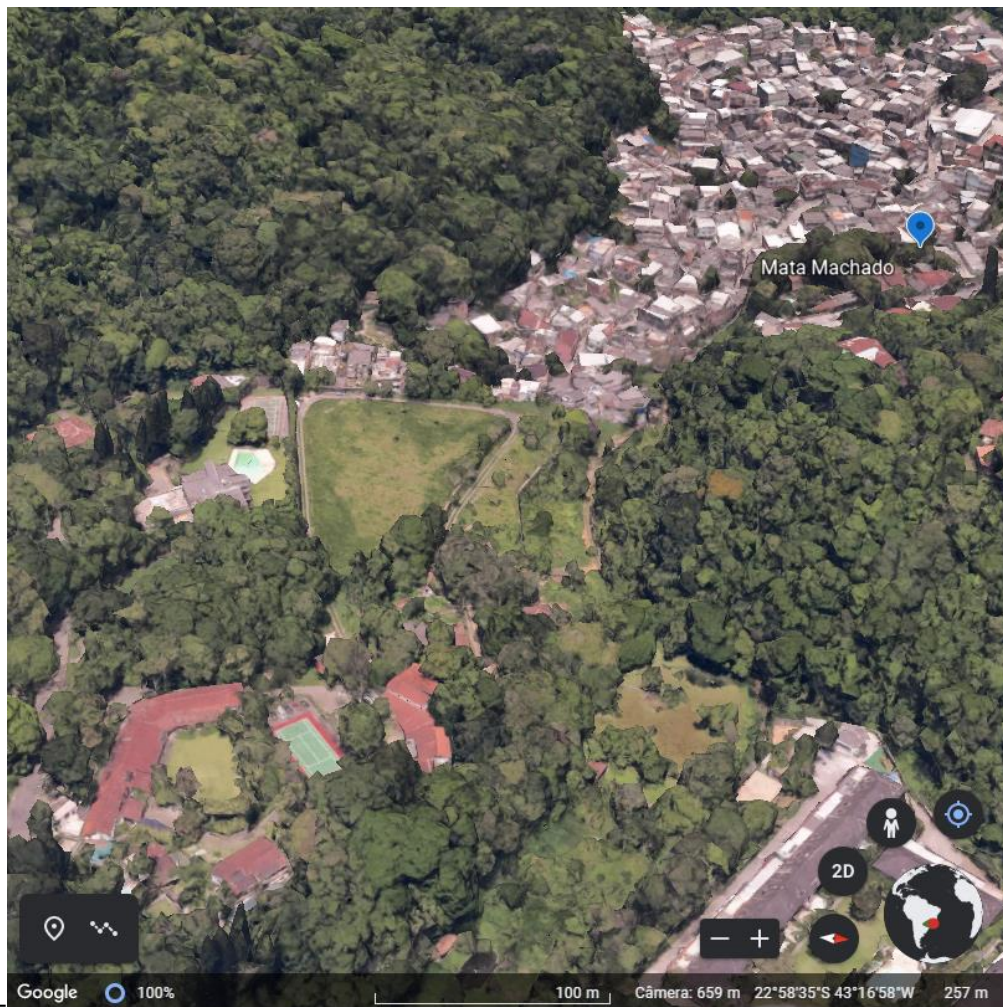
Ocorre que a pavimentação da Estrada das Furnas, em 1955, resultou na valorização dos imóveis situados no local, dada a integração da área à rede urbana do município. Essa nova possibilidade de mobilidade gerou o fracionamento de fazendas em pequenos sítios e propriedades voltadas para o turismo e veraneio. Nesse sentido, tendo em vista a valorização do terreno, o proprietário decidiu encerrar a atividade da fábrica e parcelar o terreno para venda, cercando a sua propriedade e negociando a saída dos antigos trabalhadores que acabaram ocupando os limites da propriedade, áreas que já eram habitadas pelos moradores que não trabalhavam na fábrica desde o início da ocupação.

Desde então, os moradores de Mata Machado lutam contra tentativas de remoção articuladas pelos herdeiros do terreno da antiga fábrica, o que resultou em diversos conflitos e na criação e consolidação da Associação de Moradores em 1955.

Assim, Mata Machado apresenta características de uma favela urbanizada, com diversos equipamentos de uso público como quadra de esportes, calçadas e praças equipadas com brinquedos e aparelhos de ginástica. Após a execução, mesmo que parcial, de programas que visavam à urbanização do local (BRASILEIRO, 2000), as ruas foram demarcadas e pavimentadas, os barracos de madeira foram substituídos por construções de alvenaria, quase todas com três pavimentos, e os serviços prestados por concessionárias de serviços públicos se expandiram.

O ABI1 pertence a um grupo denominado Centro Social Favelas em Desenvolvimento, e demonstrou conhecimento da história e do cotidiano d Mata Machado. Segundo ele, a favela é cercada pelos muros que separam a favela do terreno da antiga fábrica de papel e pelos rios Cachoeira e Gávea Pequena. Na outra margem do rio Gavea Pequena existe um condomínio de luxo, como apresentado na Figura 8.

Figura 8 - Favela Mata Machado lado a lado com um condomínio de luxo



Fonte: Google Earth, elaborado pelo autor em junho 2022.

Dessa maneira, o risco de expansão da área se limita ao controle por parte dos proprietários do antigo terreno da fábrica, que está à venda há anos, segundo informações dos moradores.

Outro fator destacado pelo ABI1 é a atual inoperância da associação de moradores, fato que constatamos nas vezes em que estivemos na favela, posto que, em quase todas as visitas, o prédio se encontrava fechado e não obtivemos retorno do seu presidente. Assim, não conseguimos informações sobre o funcionamento do mercado imobiliário no interior da favela, e notamos desconforto tanto no ABI1 quanto nos demais moradores quando abordamos o assunto.

Segundo o ABI1, diversas pessoas atuam no mercado imobiliário da favela, alugando casas e quitinetes por meio de anúncios nas redes sociais. Ao procurar tais anúncios, notamos que os mesmos grupos também atuam em outras favelas do Alto da Boa Vista e do Itanhangá.

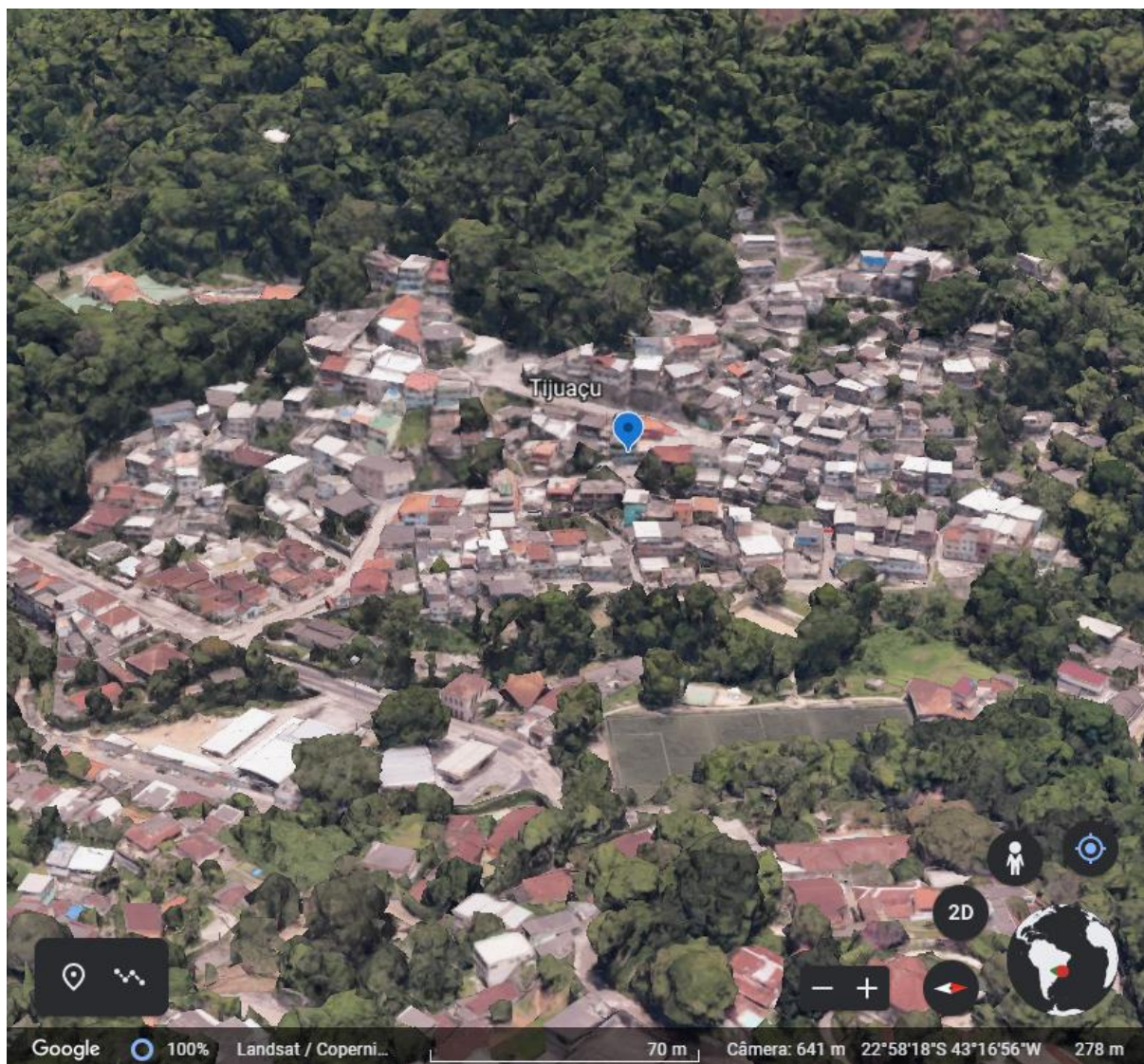
Durante a realização do trabalho de campo, escutamos diversos relatos sobre a presença de traficantes de drogas tanto na Mata Machado quanto na Tijuçu. Segundo o ABI1, trata-se de integrantes da mesma facção que controla a venda de entorpecentes no Morro do Borel, na Tijuca e no Morro do Banco, no Itanhangá. Ele ainda informou que a venda de drogas já existe há muito tempo, mas que a presença de bandidos armados é recente.

Embora a exaltação à tranquilidade do local ainda seja majoritária entre os moradores entrevistados, vários deles relataram que a situação de segurança não é mais a mesma de anos atrás. No entanto, é notório o desconforto dos moradores ao falar sobre a questão da violência, o que nos parece certo silenciamento imposto pelo convívio próximo ao tráfico de entorpecentes.

Além da entrevista com o ABI1, e de diversas conversas informais com moradores, recebemos 85 respostas ao formulário eletrônico de moradores do Mata Machado que serão apresentadas ao longo do texto.

A outra favela do setor Cachoeira é do Tijuçu, ou Estrada do Tijuçu, conforme consta no site da Prefeitura do Município do Rio de Janeiro. A favela está encravada no morro que possui o mesmo nome e apresenta a grande maioria do seu terreno em declive. Dessa forma, é a favela que mais se destaca na paisagem e sua proximidade com a floresta nas suas vertentes norte e oeste chama atenção. A favela é cortada pelo Rio Açude a leste e faz divisa com a Estrada das Furnas em sua vertente sul. Ao lado da favela, está localizada o principal campo de futebol do bairro, o Campo do Agrião, sede do Boa Vista Futebol Clube, conforme registra a Figura 9.

Figura 9 - Favela do Tijuaçu e Campo do Agrião



Fonte: Google Earth, elaborado pelo autor em junho 2022.

O nome do campo está diretamente relacionado com o lugar, dado que até meados da década de 1990, a favela dividia espaço com diversas plantações dessa hortaliça, que foi aos poucos perdendo espaço para a construção de novas residências.

A favela também passou por obras de urbanização do programa Favela Bairro, embora em menor escala do que no Mata Machado. As principais melhorias

implantadas foram a ampliação da rede de esgoto e a implantação de uma quadra esportiva, ao lado do Campo do Agrião. Ao longo da via principal, a exemplo do Mata Machado, existem igrejas evangélicas e um pequeno comércio popular, conta com farmácia, bares, padaria e uma pequena mercearia.

Durante as primeiras visitas do trabalho de campo, tivemos muita dificuldade em encontrar moradores antigos dispostos a cooperar com a pesquisa. Também notamos maior desconfiança por parte dos moradores sobre nossos objetivos. Aos poucos percebemos que a favela atravessava um momento delicado, com a chegada do tráfico de drogas e o início do convívio dos moradores com episódios de violência.

Por diversas vezes, fomos orientados a não circular pelas ruas da favela, principalmente na parte mais alta, onde os traficantes implantaram um ponto de venda e estavam abordando pessoas desconhecidas. Dessa forma, o trabalho de campo no Tijuaçu se tornou muito mais complexo e desafiador que nas outras favelas do bairro.

Após algumas tentativas frustradas de contato com o presidente da associação de moradores, partimos em busca de moradores mais antigos e dispostos de participar das entrevistas. Foi assim que chegamos ao Agente Bem-Informado do Tijuaçu, ABI2, que já foi presidente da associação de moradores e nos conduziu por uma visita guiada pelas vias secundárias da favela.

Notamos que as construções ficam cada vez mais precárias à medida que as ruas se afastam da Estrada do Tijuaçu e encontram os limites da favela nas áreas próximas da floresta. Também percebemos que, em alguns trechos, os ecolimites foram ultrapassados e danificados, o que mostra a expansão da favela e o desmatamento de áreas preservadas.

Segundo informações do ABI2, na década de 1950, existiam uma granja na parte alta da atual favela e diversas roças de agrião de propriedade de imigrantes portugueses. Outros moradores confirmaram a informação acrescentando que era comum as mulheres do Tijuaçu trabalharem na granja enquanto os homens se dedicavam ao cultivo do agrião. Em conversas informais com alguns moradores, fomos informados que esses imigrantes portugueses começaram a lotear os terrenos na década de 1960 para vendê-los ou alugá-los para imigrantes

nordestinos, relato que coincide com a origem da favela mencionada no Portal SABREN:

Os primeiros moradores eram provenientes da região Norte e Nordeste do país e vieram para a cidade do Rio de Janeiro em busca de uma melhor qualidade de vida. Como encontraram dificuldades em conseguir lugar para morar, procuraram um indivíduo que possuía o contrato de arrendamento deste terreno na estrada do Tijuáçu. Este forneceu uma parte da terra para cada família, cobrando apenas uma pequena taxa, utilizada para o pagamento de impostos²⁹.

De acordo com os dados das Tabelas 3 e 4, anteriormente neste capítulo, no período de 1999 a 2019, a favela apresentou um aumento de 10% na sua área, o maior das seis favelas em números absolutos, o que corresponde a 5,5 mil metros quadrados a mais, além de um crescimento populacional de 15%, com aumento de 24% de domicílios. A pesquisa elaborada no formulário eletrônico contou com as respostas de 43 moradores do Tijuáçu, que também serão comentadas adiante.

Uma curiosidade relatada pelo ABI2 foi a recente mudança no nome da favela, que era conhecida por Jamelão por causa da grande presença de árvores desse fruto ao longo da ladeira da Estrada do Tijuáçu. Segundo ele e diversos outros moradores, o nome Tijuáçu passou a ser reconhecido por meio da execução de programas de urbanização elaborados pela Prefeitura do Município do Rio de Janeiro, na década de 1990. Atualmente, apenas os moradores mais antigos ainda chamam o lugar de Jamelão, dado que oficialmente, a favela recebeu o nome de Estrada do Tijuáçu, em destaque na Foto 10.

²⁹ Disponível em:

<https://pcrj.maps.arcgis.com/apps/MapJournal/index.html?appid=4df92f92f1ef4d21aa77892acb358540>
Acessado em maio 2022.

Foto 10 - Estrada do Tijuaçu: carros estacionados tomando espaço dos antigos pés de Jamelão

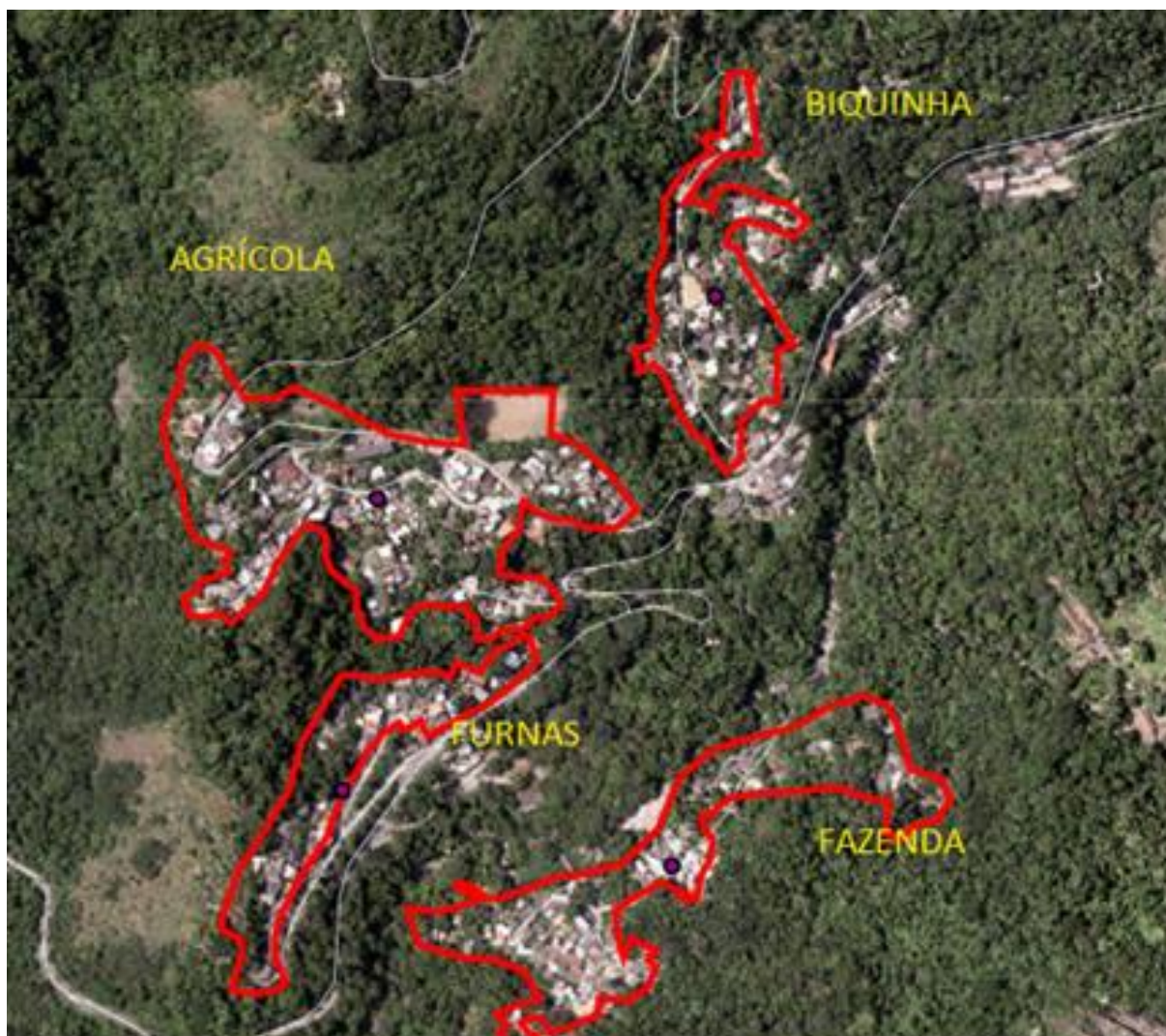


Fonte: Foto do autor em dezembro de 2021

3.1.2 Setor Furnas

Nesta seção trataremos das favelas Fazenda, Furnas, Agrícola e Biquinha, que compõem o que denominamos setor Furnas. Esse conjunto de favelas possui diversas características em comum, além de ficarem relativamente próximas na área conhecida como Furnas, conforme aponta a Figura 10.

Figura 10 - Setor Furnas, favelas: Fazenda, Furnas, Agrícola e Biquinha.



Fonte: Instituto Pereira Passos – PMRJ. [Sabren \(arcgis.com\)](http://Sabren(arcgis.com)) aceso em: julho de 2021.

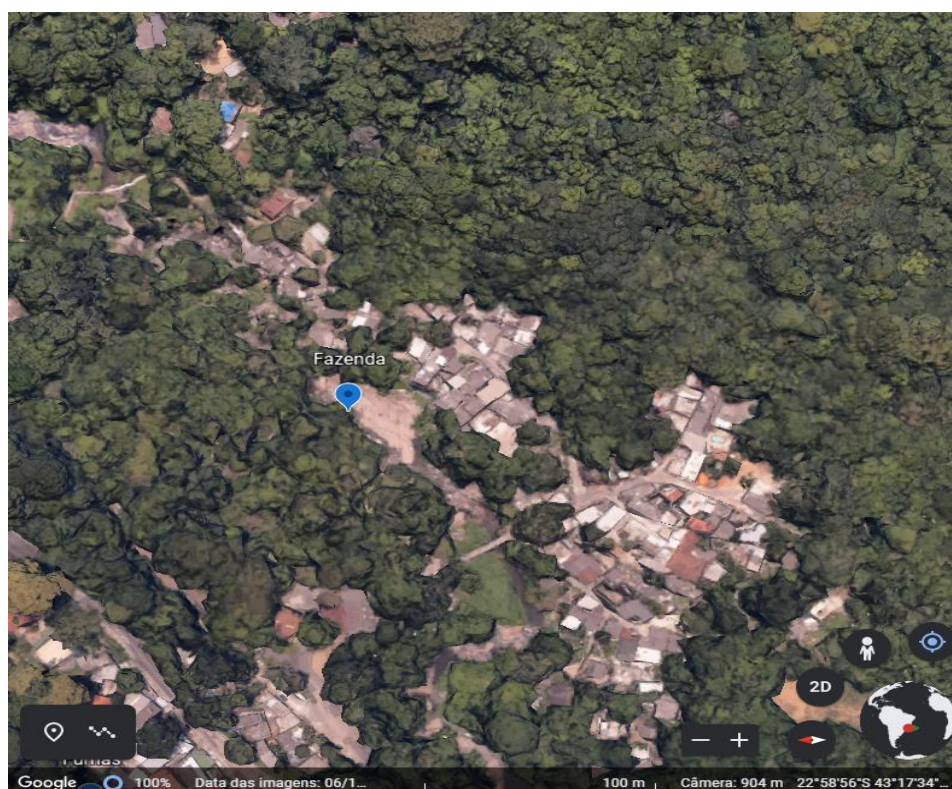
Assim como Mata Machado e Tijuáçu, essas áreas eram ocupadas desde o século XIX por fazendas e propriedades rurais, e obtiveram um maior desenvolvimento urbano com a pavimentação da Estrada das Furnas, na década de 1950.

Fazenda e Biquinha são as favelas mais precariamente urbanizadas, ambas com origem associada às antigas propriedades rurais e à vinda de trabalhadores recrutados para a fábrica de papel instalada no terreno vizinho.

Além da proximidade geográfica, os moradores dessas quatro favelas costumam se apresentar como moradores das Furnas³⁰, reforçando os laços de afinidade com o lugar e deixando para citar os nomes das favelas em um segundo momento.

Das quatro favelas três ficam localizadas na margem superior da Estrada das Furnas, deixando isolada na parte mais baixa a favela da Fazenda (Figura 11). O acesso à favela se dá por meio de um largo paralelo à estrada onde existe um estabelecimento que ficou conhecido, nos anos 1980 e 1990, por receber eventos musicais. Durante essa época, havia um grande *outdoor* na Estrada das Furnas que anunciava a programação do local, onde se lia *Existe um Lugar* e eram comuns shows de rock and roll das bandas Terra Molhada e Analfa. Hoje em dia, nesse espaço, funciona um bar que fica aberto de quinta-feira a domingo, recebe encontros de grupos de motociclistas e ainda mantém em suas paredes Fotos e cartazes da época.

Figura 11 - Favela Fazenda



Fonte: Google Earth, elaborado pelo autor em junho 2022.

³⁰ Os moradores se referem ao que denominamos nessa pesquisa de área das furnas, formada pelo conjunto das quatro favelas que ficam ao longo da Estrada das Furnas.

Foi nesse local que conhecemos o Agente Bem-Informado da Fazenda, ABI3, aposentado e *morador nascido e criado* na Fazenda. Com ele, realizamos duas visitas guiadas, uma pelos caminhos no interior da favela e outra nas trilhas que levam às ruínas de uma antiga fazenda na subida para a Pedra Bonita. Carlos Manes Bandeira catalogou duas fazendas nessa área (BANDEIRA, 1993). De acordo com a informação do autor, as ruínas que visitamos correspondem à área onde se localizavam a Fazenda da Cascata Grande e a Fazenda das Furnas.

Não temos dados mais atuais, mas no comparativo entre os censos de 2000 e 2010 a população da Fazenda apontou um crescimento de 42%, e com 66% de incremento na quantidade de domicílios (Tabelas 3 e 4, anteriormente), percentuais que deixam evidentes o ritmo acelerado da expansão e o adensamento da favela.

Durante o trabalho de campo, encontramos diversas obras em andamento no interior da favela e novas casas sendo construídas nos limites com a floresta. Uma dessas novas edificações chama atenção por estar em uma área com diversos afloramentos rochosos, que são aproveitados para compor paredes de alvenaria. Perto dessa construção, existem um campinho de futebol e um mirante para a zona oeste do município.

Segundo o ABI3, os primeiros moradores da favela eram agricultores e trabalhadores das fazendas da área, pessoas que receberam autorização para construir suas casas e que, aos poucos, foram trazendo seus familiares para o local. Além disso, a exemplo do Mata Machado, a favela se localiza nos limites da propriedade do industrial dono das fábricas de papel, que teria repetido a estratégia de permitir que os trabalhadores construíssem suas casas no terreno da antiga fábrica.

Durante o trabalho de campo, o ABI3 nos mostrou a construção que os moradores mais antigos alegam se tratar da senzala da antiga fazenda, conforme mostra a Foto 11.

Foto 11 - Favela Fazenda: ruínas de uma senzala



Fonte: Foto do autor em julho de 2021.

O mais curioso, no entanto, é que, posteriormente, foi construída uma vila operária no mesmo local da dita senzala, o que nos faz refletir sobre a condição do trabalhador “livre do açoite da senzala, preso na miséria da favela”³¹, conforme letra do samba-enredo da Mangueira de 1988.

A comunidade possui uma associação de moradores que funciona durante os finais de semana e desenvolve projetos sociais. Segundo um de seus membros, o apoio por parte da Prefeitura foi reduzido nos últimos anos, o que limita a quantidade de projetos coordenados pela associação de moradores.

O comércio se resume a dois pequenos bares, o que caracteriza uma área majoritariamente residencial. Também apontamos a presença de igrejas e pequenos negócios improvisados como um pequeno salão de beleza.

³¹ Samba da Mangueira, 1988. Enredo: 100 anos de liberdade, realidade ou ilusão? Autores: Hélio Turco, Jurandir e Alvinho

A favela se estende ao longo de uma das margens do Rio Cachoeira, que apresenta sinais evidentes de poluição, assim como no seu entrono. Destacamos que a Fazenda se encontra no ponto mais a jusante do Rio Cachoeira em relação às outras favelas da área, e a um ponto de menor declividade do terreno, o que deixa mais evidente a poluição do rio.

Na margem oposta à favela se encontram as Furnas de Agassiz, conjunto de blocos de granito empilhados que durante a administração do prefeito Pereira Passos, no início do século XX, recebeu diversos equipamentos de visitação. Segundo o geógrafo Marcelo Motta (2017, p.30):

Essas furnas foram visitadas pelo geólogo Jean Louis Agassiz, que esteve no Brasil em uma expedição que se estendeu à Amazônia e ao Nordeste no século XIX. (...) Agassiz formulou uma teoria sobre a ocorrência desses blocos, associando-os ao efeito de geleiras (...) Porém, com o avanço da ciência geológica e surgimento de novas teorias, hoje se entende que a formação desses blocos recai sobre a ação intempérica tropical agindo nos planos de fratura da rocha, arredondando e soltando os blocos, que permanecem como que empilhados, imprimindo a feição característica das furnas

Atualmente, é notória a condição de abandono desse monumento natural, que acreditamos ser indício da falta de políticas públicas para favelas, dado que se trata de uma formação geológica única no município, mas está totalmente esquecida, o que inviabiliza qualquer possibilidade turísticas e/ou acadêmica.

Apesar da condição de abandono do entorno, fomos muito bem recebidos pelos moradores, e o trabalho de campo transcorreu de forma segura. Segundo relatos de moradores, não existe tráfico de entorpecentes na favela e os eventos violentos são extremamente raros. No entanto, a favela fica na rota de fuga de traficantes do Morro do Banco, que procuram abrigo nas matas e nas favelas do Tijuauçu e Mata Machado em caso de operações policiais.

Ao ser perguntado sobre a relação dos moradores com os traficantes que circulam pela favela, o ABI3 alegou que eles “apenas cumprimentam e seguem seu

caminho”, concluindo que nunca houve qualquer tipo de conflito. Mais uma vez notamos o silenciamento imposto aos moradores pelo tráfico de entorpecentes.

ABI3 informou que a Associação de Moradores atua na mediação de conflitos entre moradores e que também é responsável pelo controle e intermediação de negócios imobiliários no interior da favela. Conversamos com seu presidente, que é amigo de infância do ABI3, e ele nos mostrou o sistema de coleta e distribuição de água de nascente que abastece a comunidade da Fazenda.

Trata-se de um complexo emaranhado de canos e caixas d’água que captam água no interior do PNT e funciona graças ao trabalho comunitário de um grupo de moradores que fazem sua manutenção e regulam os horários de distribuição. Esse sistema artesanal de coleta de água é muito comum nas favelas do Alto da Boa Vista, e já foi objeto de alguns estudos no âmbito da Geografia (KNOPMAN, 2018; SILVA, 2014).

Alguns moradores relataram temor de a expansão da favela sobre as áreas preservadas desencadear novos processos de remoção. Foi na Fazenda que percebemos a maior preocupação dos moradores com o desmatamento e o surgimento de novas construções, além de certo incômodo com a chegada de moradores de outras favelas do município.

Foto 12 - Favela da Fazenda, Rio Cachoeira e Pedra Bonita ao fundo.

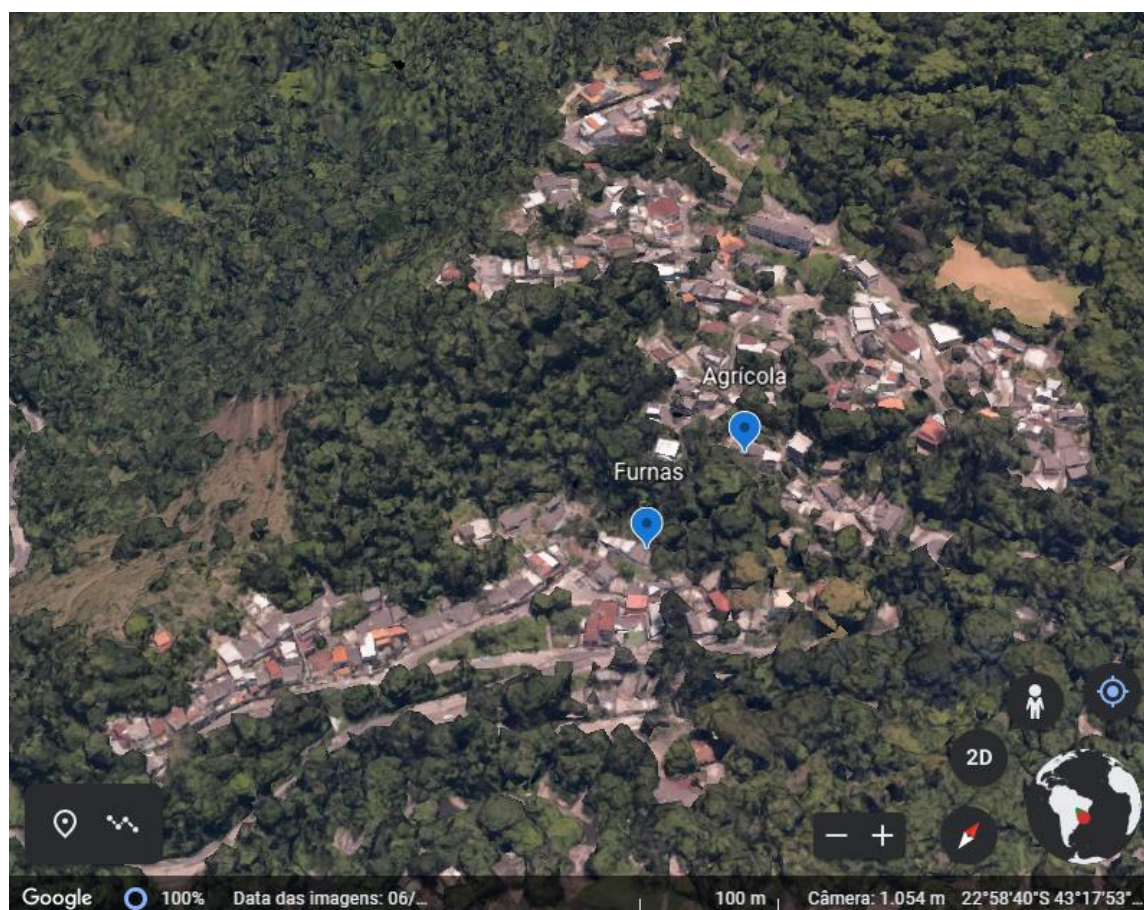


Fonte: Foto do autor em Janeiro 2022

A favela Fazenda está se expandindo ao longo das margens do Rio Cachoeira, conforme Foto 12, com algumas casas construídas nas rochas que formam o leito do rio. Na outra margem, encontramos a Estrada das Furnas e as favelas Agrícola e Furnas.

Essas favelas têm acesso pela estrada das Furnas e são consideradas, pela Prefeitura, como integrantes do Complexo Agrícola. Ao observar a imagem de satélite abaixo (Figura 12), constatamos que as favelas já estão praticamente unificadas, e apresentam, inclusive, caminhos secundários de ligação entre as casas.

Figura 12 - Proximidade entre as Favelas Furnas e Agrícola



Fonte: Google Earth, elaborado pelo autor em junho 2022.

A favela Furnas ocupa uma área de 20.063 metros quadrados e apresentou crescimento populacional de 17% entre 2000 e 2010. O aumento na quantidade de domicílios, de 49% no mesmo período, indica o mesmo processo de adensamento já

percebido nas outras favelas da região (Tabelas 3 e 4, anteriores). Ademais, durante o trabalho de campo, percorremos toda a favela e visualizamos diversas construções em andamento no seu interior, obras de reforma e ampliação de construções existentes, bem como novas construções.

A favela Furnas fica localizada às margens da estrada com o mesmo nome e é bem visível por aqueles que transitam de carro no trajeto Alto da Boa Vista, Itanhangá, por causa do terreno em declive e da proximidade das casas da parte mais baixa da favela com a pista.

O Agente Bem-Informado de Furnas (ABI4) é um morador nascido e criado na favela que desempenha papel político de destaque nas comunidades do Alto da Boa Vista. Sua presença é constante nas redes sociais nas Associação de Moradores das favelas do bairro, o que o tornou uma figura conhecida nos lugares que visitamos.

Segundo ele, a área começou a ser ocupada por trabalhadores do Departamento de Estradas de Rodagem (DER), ainda na década de 1940, e que, com o passar do tempo foram trazendo seus familiares para morar no local. Diferentemente da Agrícola, onde o Estado construiu um prédio para receber seus trabalhadores, em Furnas, a opção foi por casas no estilo vila operária, edificadas lado a lado ao longo de uma rua paralela à Estrada de Furnas. Atualmente essas casas já foram alteradas, de modo que sobra poucas com as características originais.

O ABI4 nos informou que o comércio se concentra ao longo da Estrada das Furnas, nos limites da favela, que se trata de uma área majoritariamente residencial. Segundo ele, o comércio nas extremidades da favela vem chamando a atenção para a expansão da área construída em Furnas, fato que desperta opiniões favoráveis e contrárias a esses novos empreendimentos.

Segundo o ABI4, a Associação de Moradores não possui mais uma sede fixa e seus representantes se reúnem esporadicamente nas próprias residências. No entanto, notamos que muitos moradores desconhecem a existência dessas reuniões, já que dizem que em Furnas não existe associação de moradores.

Durante a fase final do trabalho de campo, passamos por uma situação inusitada na favela. Durante uma conversa informal com três moradores idosos, um

grupo de moradores nos abordou perguntando qual o objetivo de nossa presença e porque estávamos fotografando as casas. Um dos moradores, o mais exaltado, começou a nos filmar com seu smartphone perguntando quem tinha autorizado a nossa presença na favela. Após alguns minutos de tensão, obtivemos ajuda de outros moradores, que já conheciam a pesquisa e explicaram aos demais do que se tratava.

Depois de tudo esclarecido, o morador que estava mais exaltado informou que na véspera de nossa visita, uma equipe da Prefeitura esteve presente na favela para fotografar e medir alguns espaços, sem que ninguém na comunidade soubesse o porquê. Depois dessa visita alguns, moradores se reuniram e combinaram de tentar descobrir o interesse da equipe da Prefeitura na favela, abordando qualquer um fosse visto pelo bairro. Nesse sentido, concluímos que fomos confundidos com tais funcionários.

A experiência, embora desagradável, constatou que o cotidiano desses moradores é repleto de insegurança com relação ao direito de permanência no local. Também ficou flagrante a relação contraditória o Estado, que, em princípio permitiu e incentivou a ocupação da área e hoje é visto com desconfiança como promotor de possíveis ações de remoção.

A favela Agrícola é a maior e mais populosa do setor Furnas e está localizada entre as favelas Furnas e Biquinha, possui acesso pela rua capitão Campos, que sobe até o alto da comunidade e se transforma em uma trilha. Segundo os moradores, essa trilha faz parte de um caminho que levava às antigas fazendas de café.

O Agente Bem-Informado selecionado (ABI5) é morador antigo e membro ativo da Associação de Moradores da Agrícola, o que facilitou bastante nossa presença durante o trabalho de campo. Outro aspecto facilitador são as boas condições de ruas e acesso na da favela, herança do passado relacionado ao DER.

Realizamos algumas visitas na comunidade, quando tivemos oportunidade de conversar com os moradores sobre as respostas do formulário eletrônico e iniciar outras conversas informais sobre o cotidiano da comunidade. O formulário recebeu 27 respostas de moradores da Agrícola, o que só foi possível em razão das

abordagens que realizamos na favela solicitando que as pessoas respondessem ao questionário.

A exemplo das demais favelas do setor Furnas, as condições de urbanização são mais precárias nas áreas limítrofes com a floresta, em que percebemos algumas construções recentes que extrapolam os ecolimites implantados pela Prefeitura, fato que denota a expansão territorial da favela, conforme Foto 13:

Foto 13 - Favela Agrícola: construção além dos ecolimites



Fonte: Foto do autor em Janeiro 2022

Segundo dados do portal SABREN³², contidos nas Tabelas 3 e 4 anteriores, a favela contava com 59.552 m² em 2019 e praticamente não se expandiu desde o último censo. Apesar da irrelevante expansão da área, a favela apontou um

³² Disponível em:

<https://pcrj.maps.arcgis.com/apps/MapJournal/index.html?appid=4df92f92f1ef4d21aa77892acb358540>

Acessado em 11/05/2022

crescimento populacional da ordem de 15% e a quantidade de domicílios subiu 28%, fato que demonstra o adensamento urbano na área. Notamos que a favela possui partes com muitos terrenos vazios ou construções de apenas um pavimento, o que permite a verticalização e o crescimento da área construída.

Segundo informações verbais de moradores e do ABI4, o nome da favela remonta à concentração de trabalhadores rurais que habitavam a área até a década de 1950, quando da chegada dos trabalhadores do DER. Esses agricultores abasteciam o mercado do bairro com seus produtos e vendiam o excedente no antigo mercado municipal da Praça XV. Uma moradora relatou que havia um senhor português que recolhia mercadorias com seu caminhão e fazia o transporte até o centro da cidade.

Recebemos alguns relatos, inclusive em outras favelas, sobre a atividade desses imigrantes e do transporte de caminhão para a Praça XV, responsável também pelo escoamento do agrião do Mata Machado e Tijuaçu, mas não conseguimos identificar os nomes nem mesmo se eram moradores do local.

A favela Agrícola se configura como um espaço quase totalmente residencial, à exceção de dois pequenos bares e algumas igrejas. Segundo informações do ABI4, o comércio é muito difícil no local por conta da falta de visibilidade e pelo afastamento em relação à Estrada das Furnas.

Não recebemos relatos da presença de traficantes, e diversos moradores contaram que esse problema ocorre apenas no Mata Machado e Tijuaçu. Aliás, foi bem comum esse tipo de afirmação também entre os demais moradores das favelas do setor Furnas, o que nos parece reforçar uma relação de pertencimento com o lugar. O ABI4 reforçou esse discurso dizendo que na Agrícola só ocorrem pequenos furtos, e que Furnas, Agrícola e Biquinha estão fora das rotas de fuga de traficantes oriundos do Morro do Banco e que buscam abrigo no Mata Machado e Tijuaçu.

Durante o trabalho de campo, circulamos com tranquilidade pelas ruas da favela e em nenhum momento nos sentimos ameaçados. Também foi notória a boa receptividade dos moradores ao serem abordados e convidados para participar das entrevistas informais.

Outra característica marcante da favela é a presença de um campo de futebol de tamanho oficial localizado na divisa entre a favela e a floresta. O Campo do

Agrícola ainda mantém as características do futebol de várzea e possui uma relação de identidade muito forte na comunidade, diversos moradores se lembram de partidas e campeonatos disputados no campo e as atividades destinadas às crianças da comunidade, como as escolinhas de futebol.

Infelizmente o campo se encontra abandonado há anos, com os alambrados e traves caídos ao chão, conforme mostra a Foto 14.

Foto 14 - Campo do Agrícola: abandono com traves e alambrados caídos.



Fonte: Foto do autor em Janeiro 2022

Durante uma atividade do trabalho de campo, fomos abordados por um político da região que nos convidou para participar da reinauguração do campo prevista para o mês de agosto de 2022. Segundo informações do ABI4, já não era a primeira vez que ele prometia a limpeza do campo e que não deveríamos contar com a execução do serviço, principalmente em se tratando de uma promessa realizada em ano eleitoral. De fato, o campo foi parcialmente reformado em outubro de 2022.

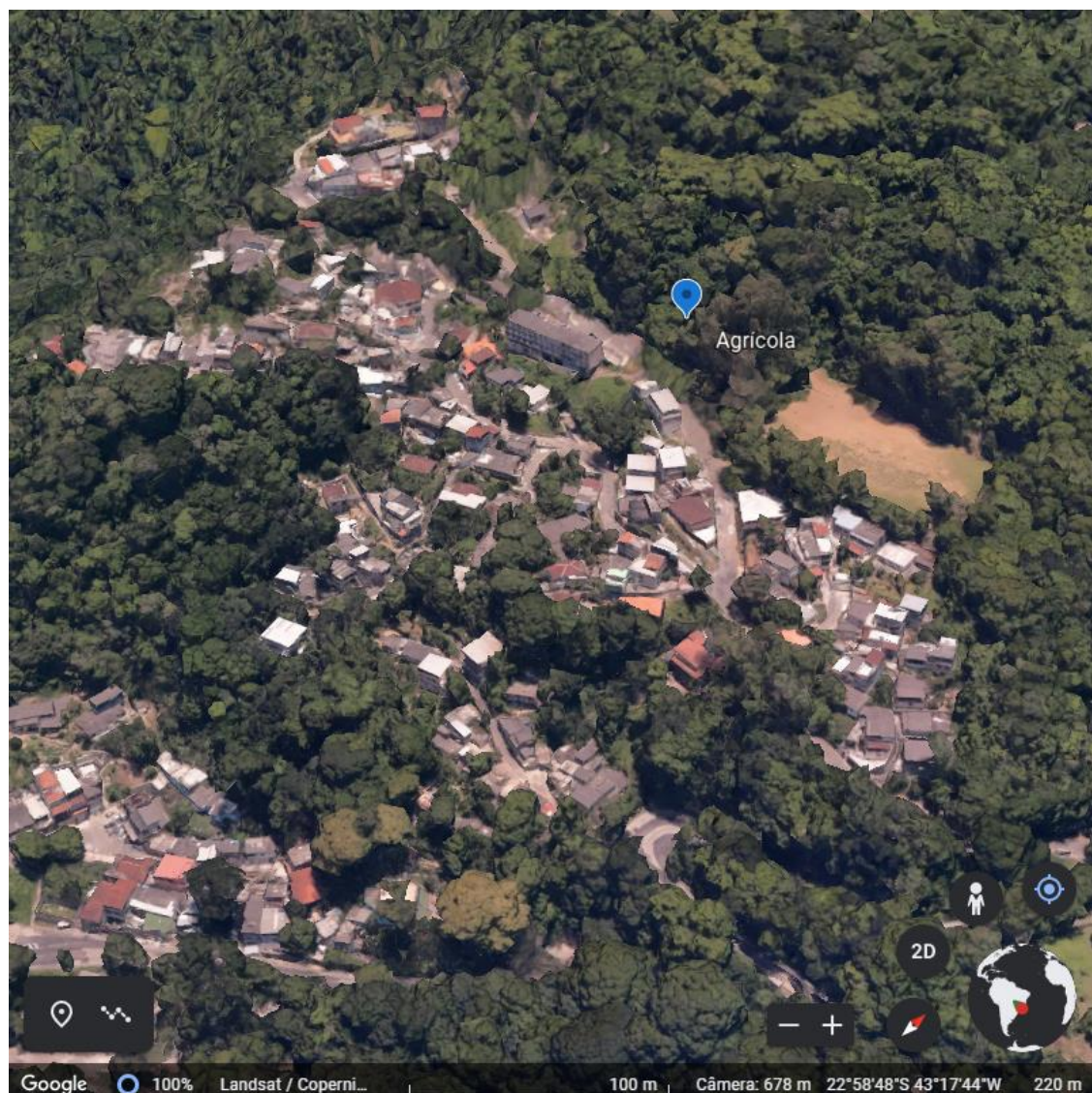
Ao longo do trabalho de campo percebemos que a associação de moradores desenvolve diversas atividades voltadas para a comunidade, principalmente durante a noite. O espaço abriga atividades culturais, esportivas e atua ativamente na resolução dos conflitos existentes na comunidade. Segundo informações do ABI4, a compra e venda de imóveis na favela precisa ser registrada na Associação de Moradores, que emite um documento formalizando a transação comercial. Perguntado se esse documento possui algum valor legal, o ABI4 respondeu “Se tem valor legal eu não sei, mas aqui funciona assim.”

Essa fala do ABI4 denota a ilegalidade presente no cotidiano das favelas e a informalidade na transferência de imóveis entre os membros da comunidade. Por mais de uma vez notamos desconforto nos entrevistados quando tentamos aprofundar as perguntas sobre o mercado imobiliário, o recolhimento de impostos de transmissão, a legalização de obras etc.

O edifício construído para receber os trabalhadores do DER ainda se destaca na paisagem da favela (Figura 13), destoando das demais construções por causa de seu tamanho e localização, em um terreno em declive. Conversamos com diversos moradores que possuem parentes que trabalharam do DER, mas não encontramos nenhum que ainda seja funcionário. Um morador relatou que seu pai trabalhava no DER e que costumava contar que “asfaltou todas as ruas do Alto da Boa Vista”.

Acreditamos que a favelização de uma área escolhida pelo Estado para receber funcionários de uma instituição pública seja um interessante indicativo de como o Estado se configura como um dos principais agentes produtores de espaços urbanizados de forma precária, seja por sua participação direta, seja por sua omissão em determinados casos.

Figura 13 - Favela Agrícola



Fonte: Google Earth, elaborado pelo autor em junho 2022.

Bem ao lado da Agrícola, encontramos a favela conhecida como Sítio da Biquinha ou simplesmente Biquinha. Localizada em uma área em frente ao Colégio Municipal José da Silva Araújo, é, entre todas as demais favelas pesquisadas, a única que não possui acesso para automóveis, contando apenas com caminhos improvisados que serpenteiam as casas até um largo central.

De acordo com dados das Tabelas 3 e 4, anteriores, no período 2009–2019, a favela apresentou crescimento de área na ordem de 12%, principalmente na área mais elevada, próxima à floresta, e sua população contou com o importante acréscimo de 182%, além de um aumento de 143% no número de domicílios, no

período 2000–2010. Como a favela fica totalmente oculta pela floresta, mesmo os moradores do bairro têm dificuldade em precisar a sua localização.

A Biquinha não possui associação de moradores e se configura como uma área totalmente residencial, contando apenas com um pequeno campo de futebol e uma praça equipada com aparelhos de ginástica e parquinho para crianças. Apresenta condições precárias de mobilidade e seu acesso se dá por meio de vielas e caminhos em declive, que passam na frente das casas construídas sem nenhum tipo de recuo ou privacidade.

Durante o período em que o formulário eletrônico ficou aberto para respostas, recebemos apenas onze respostas de moradores da Biquinha, fato que nos fez a estar mais presentes nessa favela, no intuito de incentivar os moradores a responderem o questionário e tentar iniciar conversas e entrevistas informais.

Foi em uma dessas oportunidades que iniciamos contato com o Agente Bem-Informado 6 (ABI6) morador autodenominado *nascido e criado* no local, e que se dispôs a realizar uma visita guiada pela favela e nos contar um pouco da história da comunidade.

Segundo o ABI6, o nome da favela se deve a uma antiga bica de água existente no atual largo central da favela. Essa bica era utilizada pelos moradores e para as mulheres para lavarem roupa. A origem dos primeiros moradores também está relacionada com o passado rural da região, mas a ocupação foi intensificada a com a inauguração, ainda na primeira metade do século XX, de uma pequena fábrica de papel em uma fazenda vizinha. Segundo relatos do ABI6, os antigos trabalhadores da fábrica receberam autorização do proprietário para construir suas casas nas imediações da fábrica, e aos poucos foram chamando seus familiares para também morar no local.

Um fato que chamou a atenção durante o trabalho de campo foi a recorrência de falas sobre a possível remoção dos moradores da favela. Esse fato se ao entendimento por parte da comunidade de que a proximidade da favela com a floresta, que a cerca por todos os lados, e a pequena quantidade de moradores, 240, em 2010, constituiriam facilitadores para a execução de processos de remoção, tal qual previsto na ação movida pelo Ministério Público em 2006.

Essa ação visava à remoção de moradores de favelas do Alto da Boa Vista, sob alegação que suas residências representavam risco ambiental, o que resultou em significativa articulação dos favelados contra a ameaça de perda de suas casas.

Os moradores que participaram das conversas e entrevistas informais demonstraram conhecimento sobre a ação movida pelo Ministério Público e mencionaram existirem pessoas interessadas na remoção da favela para a implantação de um hotel fazenda. Escutamos relatos semelhantes em Mata Machado e na Fazenda, favelas que circundam o atual terreno da família do antigo proprietário das fábricas de papel.

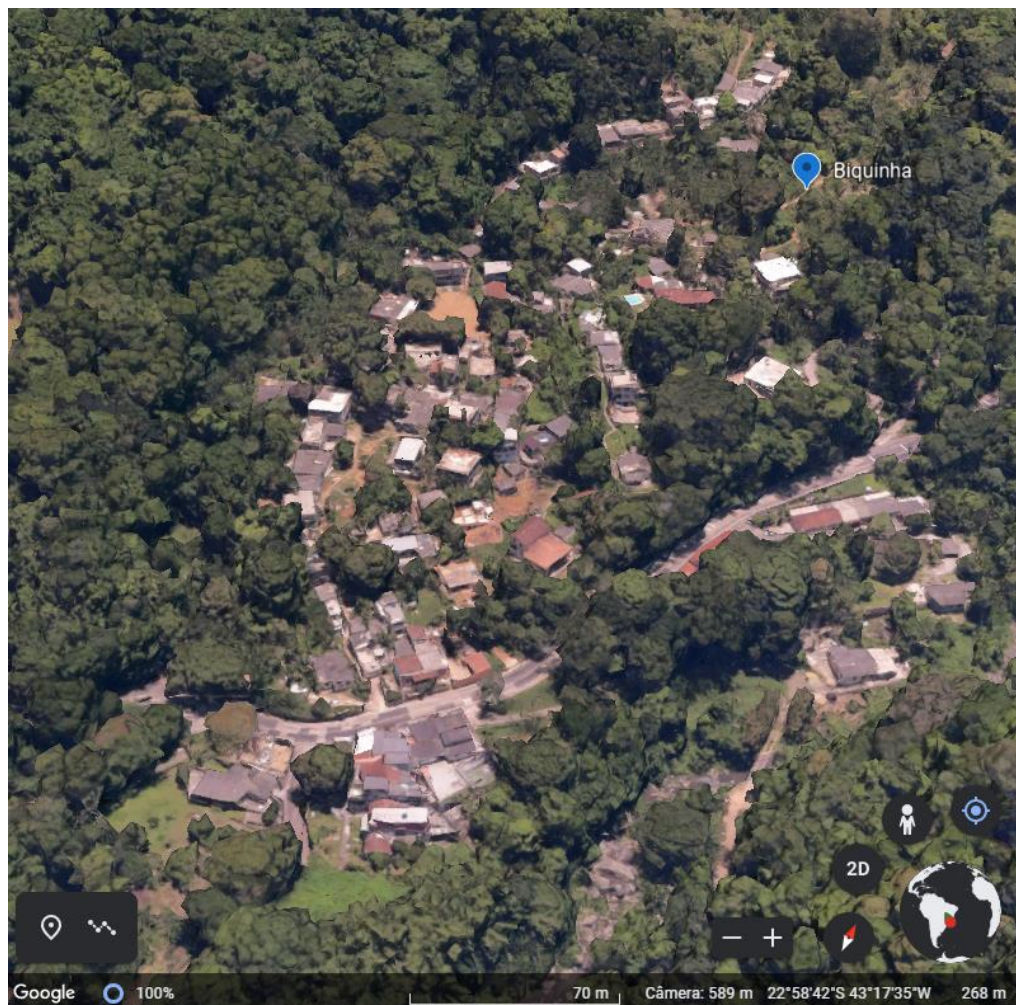
Segundo informações do ABI6, essa propriedade está em litígio com a Prefeitura pelo não pagamento do IPTU, sob alegação de que o terreno havia sido invadido por favelas. Conseguimos contato com um dos herdeiros do antigo proprietário das fábricas por intermédio de uma moradora idosa que trabalhou na fábrica São José. No entanto, esse herdeiro demonstrou não conhecer bem a história da propriedade e confirmou que ela se encontra à venda, conforme informação levantada no trabalho de campo no Mata Machado.

Um fator que nos chamou a atenção foi a boa relação que este herdeiro demonstrou com os moradores, fato que mostra a relação permeada por conflitos e contradições entre os favelados e os integrantes da família dos antigos donos da fábrica. Mesmo sabendo que as condições de trabalho nas fábricas eram abusivas, existe certa gratidão pela permissão de permanência no local.

Durante o trabalho de campo estivemos presentes em todas as partes da favela, visualizamos os ecolimites implantados pela Prefeitura e o sistema de coleta de água de nascentes, que abastece 100% dos domicílios da comunidade. Interessante notar que tal sistema foi construído e é mantido de maneira comunitária, com os moradores se revezando na manutenção dos canos e das caixas-d'água.

Segundo informações do ABI6, não existe tráfico de entorpecentes na favela Biquinha e eventos violentos são extremamente raros na comunidade. Durante o trabalho de campo, circulamos livremente pelos caminhos da favela e em momento algum sentimos qualquer tipo de ameaça ou perigo.

Figura 14 - Favela Biquinha



Fonte: Google Earth, elaborado pelo autor em junho 2022.

3.2 Do vivido nas favelas ao concebido no Alto da Boa Vista

O formulário eletrônico (ANEXO 1) foi elaborado com base nas impressões oriundas da primeira fase do trabalho de campo, quando iniciamos o primeiro ciclo de conversas informais e começamos a mapear os possíveis agentes bem-informados de cada favela. A divulgação da pesquisa nas redes sociais e em grupos de moradores foi fundamental para a continuação do trabalho durante a segunda fase, pois a maioria dos moradores abordados já tinha conhecimento da pesquisa e

de nossos objetivos, o que facilitou muito o trabalho de aproximação com a comunidade e o aprofundamento das conversas.

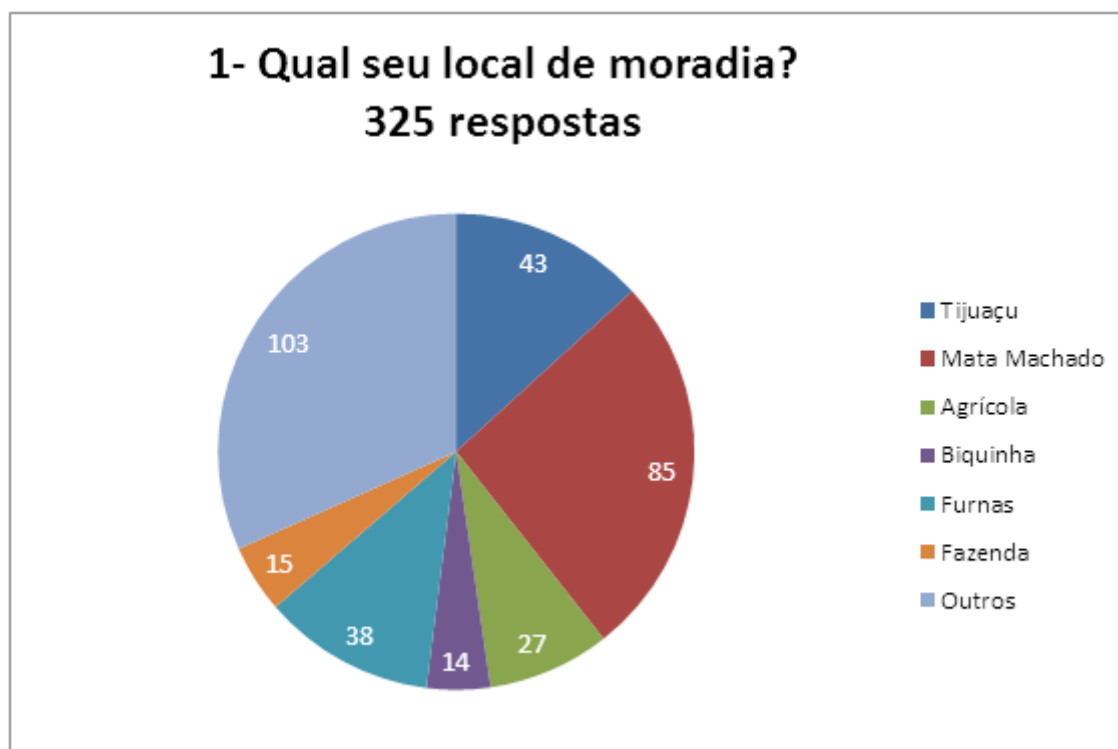
Portanto, além de instrumento de aproximação com as comunidades, o formulário foi elaborado da seguinte forma e com os objetivos citados:

1. Identificar o local de moradia, escolher uma opção ou apontar como *outros* (pergunta fechada)
2. Identificar relação de parentesco com trabalhadores das fábricas (pergunta fechada)
3. Identificar o bairro de trabalho (pergunta fechada)
4. Identificar os problemas do local de moradia (pergunta aberta)
5. Identificar as qualidades do local de moradia (pergunta aberta)

A princípio, procuramos divulgar o formulário apenas entre os moradores das seis favelas listadas neste trabalho, mas à medida que o trabalho de campo foi sendo desenvolvido, percebemos que a divulgação entre os moradores de outras áreas traria uma miríade de possibilidades de comparação entre as respostas obtidas, oferecendo rica contribuição para o entendimento de como se dá a relação dos moradores do bairro como um todo.

O formulário ficou aberto entre os meses de novembro de 2021 e março de 2022, período em que recebemos 332 respostas, nem todas completas, sendo 208 de moradores das seis favelas abordadas nesta pesquisa. Quase dois terços das respostas foram oriundas de moradores das favelas em questão, como podemos visualizar no Gráfico 3.

Gráfico 3 – Formulário eletrônico: local de moradia



Fonte: Formulário eletrônico. Elaborado pelo autor em junho 2022.

A quantidade de respostas obtidas por local de moradia demonstra que as favelas com maior população, Mata Machado, Tijuaçu e Agrícola, contaram com o maior número de participantes, com destaque para a grande participação no Mata Machado.

Ressaltamos que, antes das entrevistas com os agentes bem-informados, a pesquisa contava com menos da metade das respostas computadas. Foi a partir da divulgação desses influentes moradores que conseguimos alcançar outros nichos, o que impulsionou sobremaneira a quantidade de participantes.

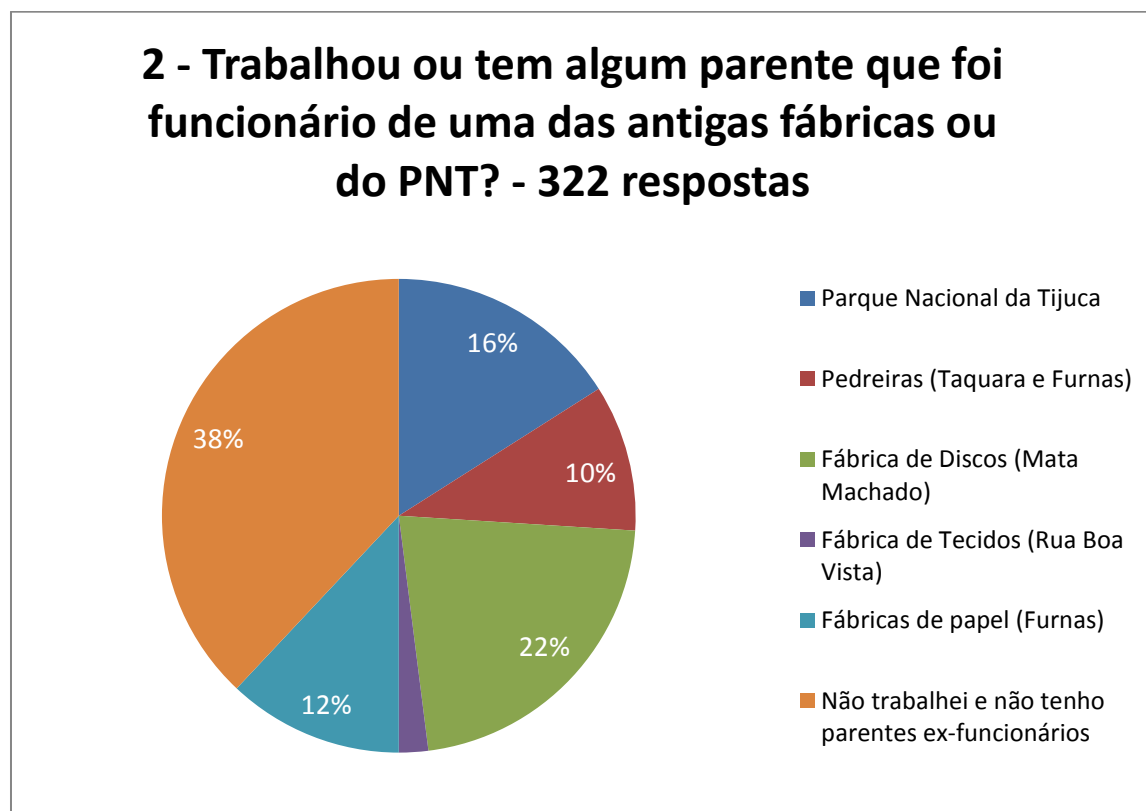
Outra estratégia bem-sucedida de divulgação foi a abordagem corpo a corpo³³ realizada durante os trabalhos de campo, principalmente entre grupos que não possuem acesso à internet e pessoas que não têm afinidade com equipamentos eletrônicos.

Na pergunta 2, procuramos investigar a relação entre os moradores das favelas com as indústrias que funcionaram na região no século XX, bem como no

³³ Muitos moradores foram convencidos a responder o formulário eletrônico após apresentação do questionário impresso, ou no aparelho celular do pesquisador.

PNT. Das 322 respostas, 46% dos moradores responderam que já trabalharam ou possuem parentes ex-funcionários de uma dessas fábricas, conforme mostra o Gráfico 4.

Gráfico 4 - Formulário eletrônico: trabalho nas fábricas



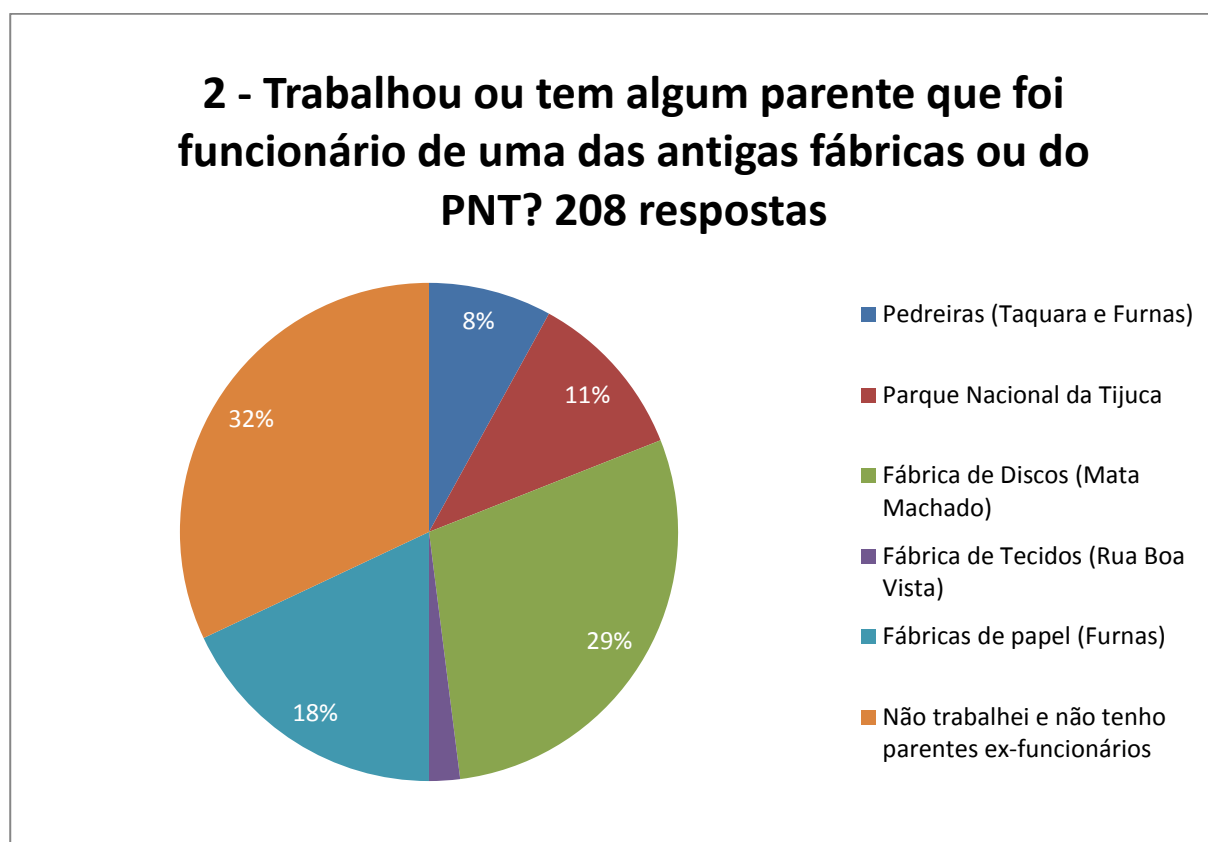
Fonte: Formulário eletrônico. Elaborado pelo autor em junho 2022

Feito o recorte apenas dos moradores das favelas estudadas, 208 moradores ao total, o percentual sobe para 57% (Gráfico 5). Quando filtrados por local de moradia, os dados da pesquisa apontam uma relação direta entre local de trabalho e proximidade com a favela. As favelas do setor Furnas possuem maior concentração de moradores que trabalharam nas fábricas de papel e nas pedreiras, enquanto as do setor Cachoeira apresentam a fábrica de discos com maior percentual.

Em Mata Machado, conversamos com alguns moradores que se enquadram tanto na fábrica de discos como nas fábricas de papel. Em Furnas e Agrícola identificamos o maior percentual de respostas *não trabalhei e não tenho parentes*

ex-funcionários, o que se deve à grande presença de moradores relacionados com o DER, que não fez parte da pesquisa³⁴.

Gráfico 5 - Formulário eletrônico: trabalho nas fábricas – recorte das seis favelas.



Fonte: Formulário eletrônico. Elaborado pelo autor em junho 2022

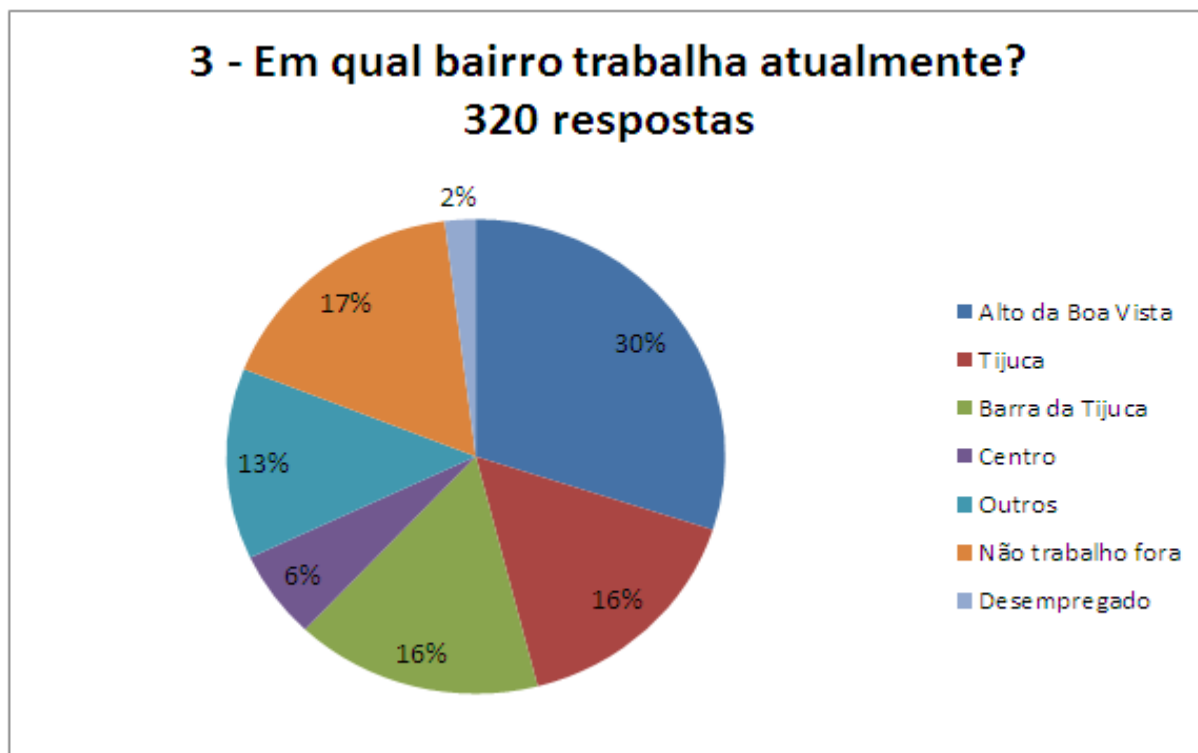
A terceira pergunta, também fechada, diz respeito ao local de trabalho atual dos moradores. Assim sendo, de acordo com a problemática estabelecida, procuramos investigar a relação de moradia com a atual oferta de empregos no bairro vizinho da Barra da Tijuca.

Com 320 respostas, notamos que a maioria dos moradores trabalha no próprio bairro e que a Barra da Tijuca aparece em segundo lugar, superando a Tijuca, tradicional sub centro do município, conforme Gráfico 6. Segundo informações dos agentes bem-informados, até a década de 1990, a Tijuca era o principal subcentro que atraía força de trabalho de moradores do Alto da Boa Vista.

³⁴ A relação da origem dessas favelas com o DER foi levantada após a divulgação do formulário. Assim, visando preservar a credibilidade da pesquisa, julgamos inoportuno alterar a pergunta. Ademais, a questão foi desenvolvida durante a segunda fase do trabalho de campo, quando pudemos constatar que ainda hoje existe m moradores que trabalharam no DER.

Infelizmente, não encontramos base de dados nos questionários e também nas conversas com os agentes bem-informados e informais para validar essa afirmação.

Gráfico 6 - Formulário eletrônico: bairro em que trabalha atualmente



Fonte: Formulário eletrônico. Elaborado pelo autor em junho 2022

Sabemos que a dinâmica urbana do município do Rio de Janeiro no fim da década de 1960, promoveu “a intensificação do processo de concentração de renda em curso culminou com a expansão da parte rica da cidade em direção a São Conrado e Barra da Tijuca” (FERREIRA, 2011, p.106). Assim, foi criado um eixo de expansão, patrocinado pelo Estado por meio das diversas obras na rede viária com vistas à integração urbana dessas áreas, mesmo que esparsamente habitadas na época.

Ao longo das últimas décadas, os investimentos públicos na Barra da Tijuca se intensificaram, incluindo também o Recreio dos Bandeirantes e partes de Jacarepaguá. Tais investimentos favoreceram a expansão imobiliária com a construção de diversos condomínios, shopping centers e hipermercados, todos voltados para as classes mais altas, fruto da articulação entre poder público e a

iniciativa privada, em que a população que compõem a classe baixa fica às margens, literalmente, dado que hoje, a Barra da Tijuca é cercada por favelas em todos os bairros com os quais faz divisa.

Foi dessa forma que o bairro se consolidou como nova centralidade, atraindo sedes de grandes empresas, profissionais liberais e sofisticadas redes de hotéis, bares e restaurantes. Consequentemente, a Barra da Tijuca representa um importante polo de oferta de emprego no município do Rio de Janeiro, razão pela qual conta com um intenso deslocamento diário de trabalhadores.

Entre os moradores que trabalham no Alto da Boa Vista, se destacam a grande quantidade de funcionários do PNT, profissionais liberais, pessoas que trabalham como empregados domésticos e motoristas de uma cooperativa local que atende chamadas por meio de aplicativos.

Durante a segunda fase do trabalho de campo, passamos a perguntar aos ABIs sobre a relação dos novos moradores com a oferta de emprego crescente nas últimas décadas na Barra da Tijuca. Os relatos convergem para uma relação de grandeza diretamente proporcional, dado que a proximidade com o trabalho sempre foi um problema para os moradores da região. Assim, a maior oferta de emprego nas imediações está diretamente relacionada com o aquecimento do mercado imobiliário informal, apontado pelos ABI como o principal indutor do crescimento das favelas localizadas ao longo da Estrada das Furnas.

Assim sendo, constatamos que além da maior oferta de empregos relacionada com o desenvolvimento urbano da Barra da Tijuca, outro importante fator promotor da expansão das favelas do Alto da Boa Vista, é o aquecimento do mercado imobiliário informal nessas áreas, a partir da reprodução de uma lógica de produção do espaço associada com a prática de construção para venda e locação de imóveis nessas áreas, bem como a entrada de novos agentes produtores do espaço que não são, necessariamente, moradores das favelas. Segundo Rafael Gonçalves (2013, p.320):

O crescimento do mercado imobiliário informal tornou ainda mais visível a estratificação social no interior das favelas, provocando não apenas o aumento do número de inquilinos, mas também uma mudança gradual do status social dos favelados: estes não podem mais ser considerados,

simploriamente, como ocupantes de terrenos, já que, mais do que nunca, a maioria dos moradores adquiriram ou alugaram suas moradias.

Esses agentes estariam reproduzindo, no Alto da Boa Vista, a mesma lógica de construção de moradias para a obtenção de renda existente em outras áreas do município, a despeito de toda a legislação ambiental que impacta diretamente nessa área do município.

Durante o trabalho de campo escutamos diversos relatos de moradores sobre construções em áreas além dos ecolimites instalados pela Prefeitura, fato que presenciamos e registramos conforme já exposto. Outro fator que chamou a atenção durante o trabalho de campo foi a grande quantidade de obras e circulação de pessoas com material de construção no interior das favelas. Um morador chegou a comentar que não consegue mais escutar o canto dos pássaros por causa do som das obras na favela. Outro comentou que “o som da favela é o barulho das furadeiras”. Um fator que consideramos indicativo dessa questão é o aumento da presença de lojas de material de construção ao longo da Estrada das Furnas, pelo menos duas, conforme Foto 15, e dentro das favelas.

Foto 15 - Loja de material de construção na Estrada das Furnas

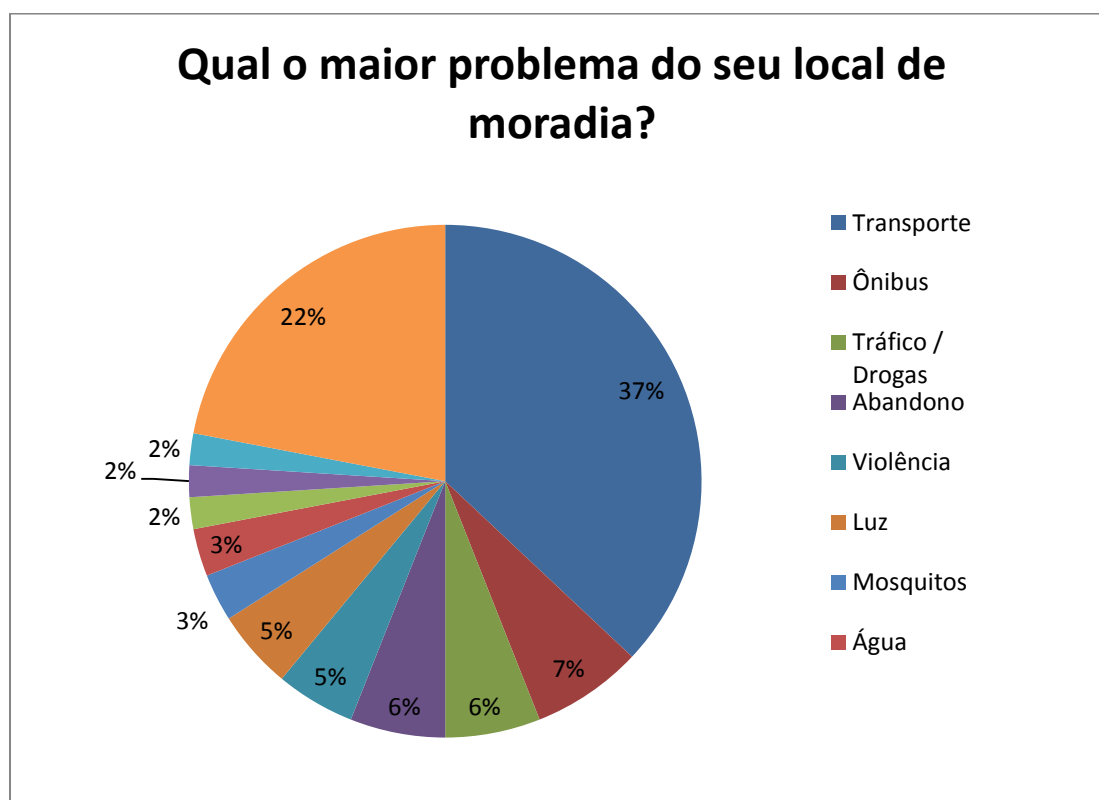


Fonte: foto do autor em Fevereiro de 2022

Nas duas perguntas abertas, procuramos identificar os principais problemas e as maiores qualidades dos locais de moradia. Os resultados consolidados demonstraram que o transporte aparece com o principal problema e a tranquilidade desponta como a maior qualidade.

Nas ocasiões em que estávamos nas favelas escutamos com frequência reclamações dos moradores sobre a falta de transporte público no bairro e a dificuldade de acesso por conta da distância para outras localidades do município. Infelizmente, a baixa qualidade do transporte urbano é uma realidade em diversas áreas do município do Rio de Janeiro e em várias metrópoles do país. Essas reclamações correspondem aos dados extraídos do formulário, conforme Gráfico 7:

Gráfico 7 – Formulário eletrônico: problemas do local de moradia



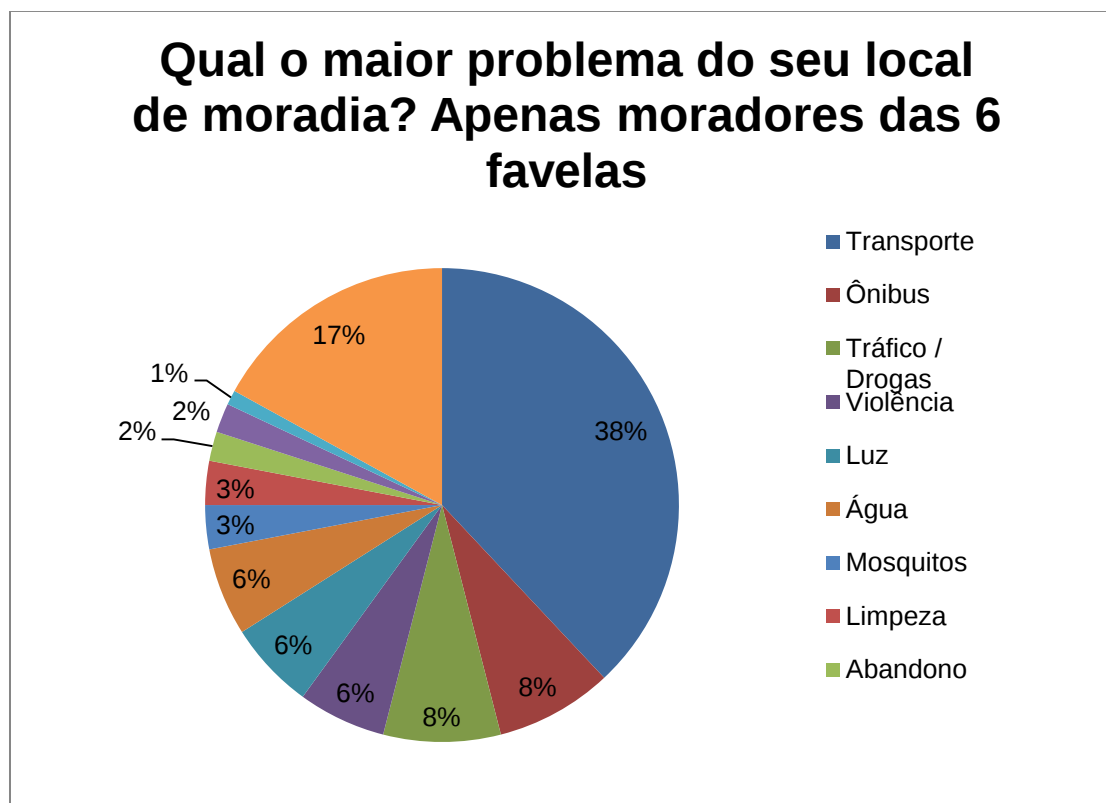
Fonte: Formulário eletrônico. Elaborado pelo autor em junho 2022

Vom base nas respostas de todos os moradores, transporte e ônibus foram mencionados por 44% do total, percentual que aumenta apenas dois pontos percentuais, para 46% (Gráfico 8), quando consideramos apenas as respostas dos moradores das seis favelas. Assim, verificamos que a falta de mobilidade afeta os

moradores do bairro como um todo, independentemente da classe social. No entanto, é fato que o problema fica ainda maior para os moradores que não possuem automóvel.

Durante o trabalho de campo, percebemos que a grande maioria das reclamações dos moradores das seis favelas é dirigida ao serviço prestado pela empresa de ônibus que atende o bairro. Foram diversos relatos sobre as más condições dos veículos, atrasos e intervalos muito grandes entre os carros. Além disso, muitos alegaram que as alternativas ao serviço de ônibus também não atendem à demanda de maneira satisfatória, pois existem poucos pontos de táxi no bairro e os motoristas de aplicativo muitas vezes não aceitam corridas para as favelas.

Gráfico 8 - Formulário eletrônico: maior problema – recorte das seis favelas



Fonte: Formulário eletrônico. Elaborado pelo autor em junho 2022

Vários moradores contaram que que já perderam ou chegaram atrasados a compromissos, tiveram que desmarcar algum evento ou simplesmente não conseguiram chegar em casa. Segundo informações, esses problemas aumentam muito durante os feriados e finais de semana, sobretudo durante à noite.

Além da mobilidade precária, também se destacaram na pesquisa entre os moradores das favelas o tráfico de drogas e a violência, com 14% das respostas. Os serviços prestados por concessionárias públicas de fornecimento de luz e água obtiveram 6% das respostas cada um. A exemplo dos problemas com transporte, a variação para os dados totais é irrelevante.

Ocorre que o fornecimento de energia no bairro é feito por meio de postes de luz com cabeamento aéreo, que é muito vulnerável a quedas de galhos e deslizamento de massa, eventos frequentes no Alto da Boa Vista. O problema atinge a todos e é tão recorrente que muitas residências e condomínios instalaram geradores de luz como medida paliativa às constantes faltas de energia.

Com relação ao abastecimento de água, verificamos que as reclamações estão relacionadas com problemas na captação de água nas nascentes da Floresta da Tijuca, que é afetada por períodos de estiagem e pelas constantes ligações novas que são realizadas e que diminuem a vazão das nascentes. Além disso, muitos moradores se queixam da não disponibilidade do serviço pela concessionária em algumas áreas do bairro.

Embora a sensação de insegurança seja marcante no bairro como um todo, durante o trabalho de campo escutamos narrativas de moradores que associam a violência nas favelas pela presença do tráfico de entorpecentes e de organizações criminosas, relatos que corroboram a reedição, também no Alto da Boa Vista dos mitos da marginalidade já mencionados.

Curiosamente, nas duas favelas em que o tráfico está presente, Tijuca e Mata Machado, das 128 respostas recebidas no formulário, apenas três podem ser relacionadas com insegurança, tráfico ou violência. Também notamos desconforto nos moradores das favelas ao serem perguntados sobre a presença de bandidos, fato que denota um silenciamento perante o poder das organizações criminosas que comandam o tráfico de entorpecentes.

3.3 O Espaço percebido: o mito da tranquilidade

“Você diz para o pesquisador que outros são as favelas, nós somos os moradores. Outros são os locais que ele listou”.

Durante os esforços para divulgar o formulário eletrônico, o questionário circulou por grupos de telefone e redes sociais, e, dessa forma, foi acessado também por moradores não favelados do bairro. Assim, recebemos algumas mensagens que revelam preconceito e discriminação com os habitantes das favelas. A mensagem acima foi enviada por membro de uma associação de moradores, não favelados, do Alto da Boa Vista, por áudio, em grupo de telefone. O morador, seguido por outros participantes do grupo, se recusou a responder o formulário eletrônico, pois não considera os favelados como moradores do bairro.

“Você pega o número de filhos por mãe na Lagoa Rodrigo de Freitas, Tijuca, Méier e Copacabana, é padrão sueco. Agora, pega na Rocinha. É padrão Zâmbia, Gabão. Isso é uma fábrica de produzir marginal.”

Trecho da entrevista do então governador do Estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, em 20/10/2007 ao portal G1. O ex-governador, hoje preso, respondia a uma pergunta sobre a questão das drogas³⁵.

Essas duas falas, realizadas em pleno século XXI, ilustram bem a visão da favela como problema, dando continuidade aos mitos da marginalidade já abordados nesta pesquisa. Tal visão partilhada por grande parte da sociedade carioca e amplamente difundida na mídia e na vida cotidiana dos moradores do município do Rio de Janeiro. Segundo Lago e Ribeiro “Nos dias de hoje, as representações dualistas das favelas retornam ao debate público sobre a sociedade urbana carioca”.

³⁵ Disponível em <https://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,MUL155710-5601,00-CABRAL+DEFENDE+ABORTO+CONTRA+VIOLENCIA+NO+RIO+DE+JANEIRO.html>

Os autores destacam o papel da grande mídia no aprofundamento dessa dicotomia e até mesmo de alguns trabalhos acadêmicos que revivem o antigo mito da favela como outro mundo social (LAGO; RIBEIRO, 1997, p.30).

De acordo com Henri Lefebvre (LEFEBVRE, 2019, p.107):

A alienação urbana envolve e perpetua todas as alienações. Nela, por ela, a segregação generaliza-se: por classe, bairro, profissão, idade, etnia, sexo. Multidão e solidão. Nela o espaço torna-se raro: bem valioso, luxo e privilégio mantidos e conservados por uma prática (o “centro”) e estratégias.

Neste sentido, julgamos que a alienação urbana esteja presente tanto na vida dos pobres, segregados nas favelas, quanto na dos moradores mais abastados, auto segregados nos condomínios de luxo e fechados. Assim, as classes dominantes no modo de produção capitalista, em que tudo é transformado em mercadoria, se apropriam do espaço (LEFEBVRE, 2020), alienando a maioria da população do direito à cidade e valorizando esse espaço partido.

Dado que o espaço é socialmente produzido, acreditamos que da mesma maneira que o trabalhador é alienado do produto de seu trabalho (MARX, 2013), o cidadão também é alienado do espaço, o que resulta em uma cidade partida, em um espaço hierarquizado, homogêneo e fracionado (LEFEBVRE, 2006).

Dessa forma, utilizamos os aspectos da vida cotidiana das comunidades que habitam as favelas do Alto da Boa Vista, observados ao longo do trabalho de campo e na vivência do autor no bairro, para tecer reflexões sobre as suas condições precárias de moradia, transporte, lazer, saúde e educação, que configuram a alienação urbana citada acima. Além disso, dadas as condições precárias de infraestrutura e o estigma da marginalização, buscamos resposta para a percepção interna de paz, tão mencionada pelos moradores dessas comunidades e que nos parece que se constitui um fetiche, um mito da tranquilidade.

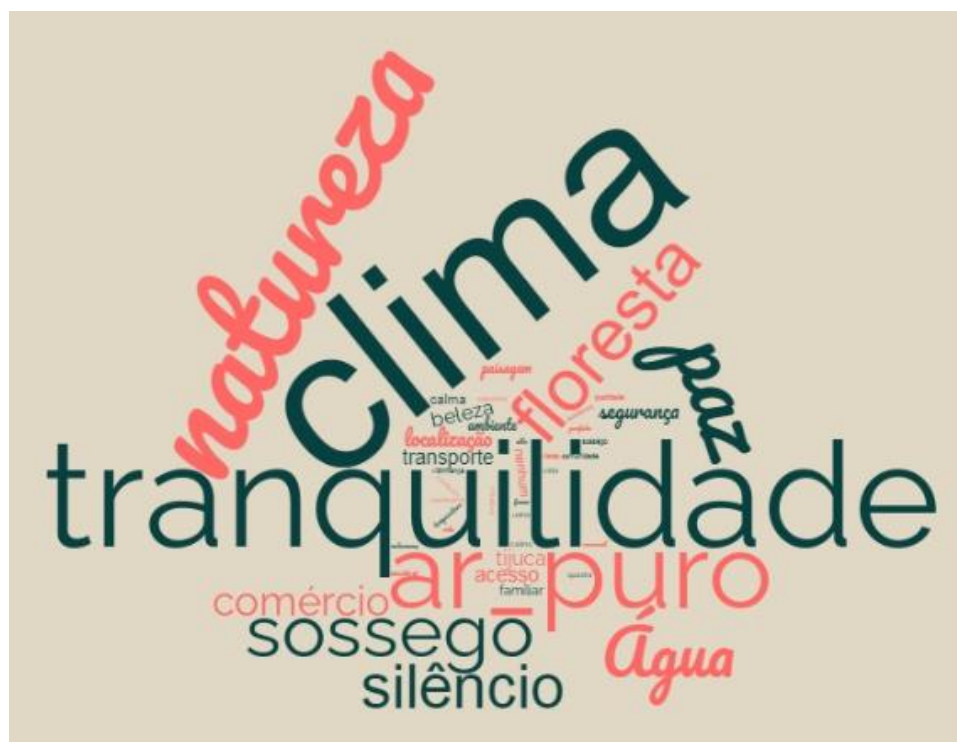
Até aqui verificamos que existe um empobrecimento da população do Alto da Boa Vista, com evasão de moradores com maior poder aquisitivo do bairro e aumento do número de domicílios nas favelas da região das Furnas. Notamos também que o adensamento nas favelas está diretamente relacionado com a

atuação do mercado imobiliário informal que, a partir da década de 1990, encontrou nas favelas do município uma possibilidade de geração de renda por meio da venda e locação de imóveis irregulares. Em seguida, atestamos que os principais problemas do bairro afetam todos os moradores a despeito da classe social ou local de moradia, ressaltando que os mais pobres são também mais vulneráveis sendo impactados com maior intensidade.

No entanto, durante o trabalho de campo, notamos também, uma tendência dos moradores das favelas e do bairro como um todo, a exaltar a tranquilidade do lugar, a despeito de todos os problemas mencionados. Tal constância na fala dos moradores nos levou a investigar a origem dessa sensação tão comum entre os habitantes das favelas do Alto da Boa Vista.

Portanto, além de dedicar atenção especial a essa característica durante o trabalho de campo, incluímos no formulário eletrônico uma pergunta aberta em que os moradores deviam responder qual a maior qualidade do local de moradia. A nuvem de palavras abaixo foi produzida com base nas respostas contidas no questionário (Figura 15).

Figura 15 - Nuvem de palavras: maiores qualidades do local de moradia



Fonte: Formulário eletrônico. Elaborado pelo autor em junho 2022

De um total de 300 respostas³⁶, 110 moradores apontaram *tranquilidade* como a principal qualidade. Esse percentual sobe de 37% para 40% se considerarmos apenas as respostas dos moradores das seis favelas pesquisadas, onde obtivemos 208 respostas.

Conforme mostra a nuvem de palavras, os aspectos naturais do lugar também ocupam lugar de destaque na pesquisa, fato que está de acordo com a fala dos moradores entrevistados durante o trabalho de campo. *Natureza* é a qualidade que surge em segundo lugar entre todos os moradores contando com 51 respostas, seguido de *Clima*, com 31. Essas três respostas correspondem a quase dois terços do total.

Além dessas três respostas, o formulário contou com outras, como paz, sossego, silêncio, que podem ser associadas com tranquilidade e ar puro, floresta e água que se relacionam com natureza. Ressaltamos, que nas orientações para preenchimento do formulário, solicitamos que problemas e qualidades fossem indicados com apenas uma palavra para cada.

Mas como podemos classificar como tranquilas áreas com histórico de exploração de trabalhadores, escravidão, ameaças de remoção de moradores e condições precárias de habitação e mobilidade? Segundo Lefebvre (2020 p.159): “Uma contradição do espaço se delineia e se precisa entre o efêmero e o estável”, o que nos parece ocorrer no caso das favelas em questão, uma contradição do espaço. Acreditamos que a percepção da tranquilidade relatada pelos moradores signifique a articulação as dimensões do espaço vivido, vida cotidiana dos moradores (que acaba ganhado maior peso nessa relação por causa das peculiaridades do lugar), com a produção do espaço segregadora de uma sociedade capitalista.

Ademais, notamos que muitos moradores associam a relatada tranquilidade ao próprio contato com a natureza, creditando a qualidade percebida com o distanciamento de áreas mais urbanizadas. Desse jeito, tranquilidade assume um sentido polissêmico, abarcando a percepção de paz associada ao contato com elementos naturais, à baixa densidade demográfica e a temperaturas mais amenas.

³⁶ Alguns moradores não responderam a todas as perguntas do formulário.

De certa forma, a polissemia creditada explicaria, ou pelo menos, justificaria a utilização do termo em locais que de fato são repletos de conflitos e contradições em que a desigualdade está estampada na paisagem. Ou seja, a tranquilidade seria a maneira encontrada pelos moradores de classificar e diferenciar o espaço das favelas do Alto da Boa Vista de outras favelas mais problemáticas e violentas do município e que não possuem a mesma proximidade com a natureza. Desse modo a tranquilidade, assim definida, mascara a real condição precária de habitação dessas comunidades.

No entanto, as práticas espaciais, que segundo Lefebvre, envolve a produção e reprodução do espaço de acordo com a realidade cotidiana historicamente desempenhada (LEFEBVRE, 1991; 1994), demonstram como a estratificação da sociedade em classes, reproduz no Alto da Boa Vista as mesmas características de outras áreas do município, resultando em um espaço homogêneo, hierarquizado, e fracionado. De acordo com o autor (LEFEBVRE, 2006)

A prática espacial de uma sociedade secreta seu espaço; ela o põe e o supõe, numa interação dialética: ela o produz lenta e seguramente, dominando-o e dele se apropriando. Para a análise, a prática espacial de uma sociedade se descobre decifrando seu espaço.

Assim o espaço percebido pelas comunidades que habitam as favelas da área ao longo da Estrada Furnas, é um espaço fetichizado pelo que denominamos mito da tranquilidade, prática social resultante do embate entre concepções, ou seja, representações do espaço influenciadas por suas características peculiares do sítio e pela comparação com outras áreas e a experiência da vida cotidiana das comunidades. É justamente na vivência cotidiana que devemos buscar a plenitude de nossa sociedade, pois é no dia a dia que experimentamos emoções a partir da produção das relações sociais, segundo Lefebvre (LEFEBVRE, 1991, p.214):

Saint-Just dizia que a idéia de felicidade era nova na França e no mundo. Poderíamos dizer o mesmo da ideia de infelicidade. A consciência da infelicidade supõe a possibilidade de outra coisa (de uma vida diferente) além da existência infeliz. Hoje, talvez, o conflito felicidade-infelicidade (ou

melhor: consciência da felicidade possível- consciência da infelicidade real) substitua e suplante a antiga ideia de destino. Não seria esse o segredo do mal-estar generalizado?

Logo, não devemos mais fechar os olhos para a desigualdade e naturalizar as péssimas condições de habitação de grande parte da sociedade, precisamos tomar consciência da infelicidade, que da sociedade no geral.

Identificamos como o Mito da Tranquilidade uma percepção do espaço oriunda de uma representação do espaço com características paradisíacas em conflito com as dificuldades, carências e diversas formas de exclusão presentes na vida cotidiana dos moradores das favelas do Alto da Boa Vista. Por isso, o Mito da Tranquilidade é uma das faces que mascara o direito à cidade, definido por Lefebvre como: “direito à vida urbana, à centralidade renovada, aos locais de encontro e de trocas, aos ritmos de vida e empregos do tempo que permitem o uso pleno e inteiro desses momentos e locais” (LEFEBVRE, 2001, p.139).

Assim, o Mito da Tranquilidade emerge fundamentado em discursos e atitudes recheados de conformismo e saudosismo, impregnado de ideologias que garantem a manutenção do *status quo* das classes dominantes e relegam aos moradores de favela a condição de sobreviventes.

Durante o curto período em que acompanhamos de perto o cotidiano das favelas e vivemos a experiência dos lugares, espaços em que a vida acontece, notamos que a referida tranquilidade, realmente se realiza na vivência do dia a dia como um privilégio. Não há como negar que essa percepção amenize as condições precárias de habitação dessas comunidades, sobretudo quando comparamos essas favelas com outras tantas do município que apresentam conflitos muito mais evidentes e violentos, uma questão de escala, de valorização do menos ruim. De acordo com Lefebvre (2001, p.102):

O urbano é a obsessão daqueles que vivem na carência, na pobreza, na frustração dos possíveis que permanecem como sendo apenas possíveis. Assim, a integração e a participação são a obsessão dos não participantes, dos não-integrados, daqueles que sobrevivem entre os fragmentos da sociedade possível e das ruínas do passado: excluídos da cidade, às portas do urbano.

Nesse sentido, o mito da tranquilidade assume uma função traiçoeira, semelhante ao de uma ideologia, que aliena, sufoca a revolta e cala, em certa medida, a voz de pessoas marginalizadas. Em sua crítica da vida cotidiana, Lefebvre (1991) nos lembra que é justamente na vivência da rotina, no trabalho, na relação com os outros, no lar, na busca pela satisfação de nossos desejos e necessidade, em uma palavra: no cotidiano, em que encontramos o lugar do impossível possível. O autor argumenta que a superação da alienação, que priva os produtores do espaço de sua obra, só pode ser materializada no cotidiano, com uma tomada de consciência crítica e radical, revolucionária.

Assim sendo, e dado que o espaço é essencialmente ligado à reprodução das relações sociais de produção, essa consciência revolucionária implicaria na destruição da sociedade de classes e a transgressão das relações de propriedade. Lefebvre (2001) argumenta que nos dias de hoje essa possibilidade seria utópica, ou seja, não é possível hoje, mas pode ser amanhã.

Iluminados por essa visão, acreditamos que uma mudança de atitude é necessária, dado que é impossível alterar a produção do espaço, inteiro, sem mudar a condição de desigualdade da sociedade. Todos os projetos e reformas urbanísticas tentados até hoje no município do Rio de Janeiro, sempre empurraram os pobres, para outras áreas, aquelas menos interessantes ao capital, posto que a desigualdade é cada vez maior e a estratificação da sociedade em classes estampa essa condição no espaço produzido.

Talvez uma proposta revolucionária possa ser iniciada com a elaboração de um pensamento crítico que questione a raiz dessa desigualdade, pontapé inicial para a elaboração de projetos e políticas públicas verdadeiramente comprometidos com a sociedade como um todo, que vai de encontro talvez do que David Harvey apontou como contradição entre apropriação privada e riqueza comum. (HARVEY, 2016). Aliás, entendemos que esse seria um dos caminhos para a desconstrução de diversas contradições do capitalismo, gênese de sua superação. Assim, a apropriação e a acumulação da riqueza comum, por uma pequena parcela de privilegiados, passariam a ser condenados pela sociedade e não festejados como mérito.

Essa mudança radical também pode ser expandida para diversos aspectos da

vida cotidiana que reforçam a dicotomia entre favela x bairro; morro x asfalto; ricos x pobres. É claro que conflitos e contradições nunca deixarão de ocorrer, dado que são inerentes às relações sociais e, por conseguinte, à produção do espaço. Ademais, qualquer projeção que mire o futuro (impossível possível) é determinada pela história construída até o presente vivido. “O possível faz parte do real, lhe dá o sentido, ou seja, a direção e a orientação, a via aberta para o horizonte” (Lefebvre 2019, p.61).

Isso posto, poderíamos, por exemplo, pensar em uma maior integração da comunidade dos bairros, a partir do fim de associações de moradores que separam ricos e pobres e representam interesses de classe, com maior participação de famílias das classes média e alta na rotina das escolas públicas e postos de saúde etc.

O mito da tranquilidade fica evidente na fala de moradores que habitam as favelas, mas também se manifesta na vida das classes mais abastadas, cada vez mais segregadas, vivendo atrás de muros e grades dos condomínios fechados e circulando nas ruas do município dentro de seus carros blindados. Assim, analisado sob esse outro prisma, o Mito da Tranquilidade também representa essa falsa sensação de segurança (e de cidadania), verdadeira alienação do direito à cidade também das classes mais favorecidas, aqueles que embora em melhores condições de acesso aos equipamentos urbanos, não são livres para viver a cidade em sua plenitude.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa buscou analisar o processo de favelização no Alto da Boa Vista, suas características as comuns com as demais áreas do município e suas particularidades. Ao mesmo tempo, procurou compreender a percepção de tranquilidade manifestada pelos moradores dessas áreas, marcadas por processos de urbanização precária e segregação de suas comunidades.

Fundamentados na análise de dados quantitativos e qualitativos expostos e com base na experiência do trabalho de campo, concluímos que as seis favelas citadas neste trabalho se encontram em acelerado processo de adensamento com discreta expansão de área ocupada. Essa dinâmica é evidenciada pela quantidade de novas construções no interior das favelas e pela verticalização das edificações.

Averiguamos que esse processo está diretamente relacionado como crescimento do mercado imobiliário informal, que encontrou nas favelas do município do Rio de Janeiro uma verdadeira mina de ouro, fonte geradora de renda para grupos que exploram a construção de moradias destinadas para venda e locação no interior de áreas que, em princípio, não interessavam ao mercado imobiliário formal.

Sabemos que tal prática é cada vez mais comum no município, como nas favelas da Muzema e do Rio das Pedras. Assim, notamos que a mesma lógica adotada por grupos de milicianos e traficantes de entorpecentes, que se aproveitam da ausência do Estado para auferir lucro por meio da construção de moradias e prestação de serviços, se repete no Alto da Boa Vista, a partir da reprodução dessa lógica por pessoas não necessariamente ligadas a essas organizações criminosas.

Atestamos com base no relato de moradores bem-informados e nos dados do formulário eletrônico preenchido por 332 habitantes do bairro, que a crescente oferta de emprego na Barra da Tijuca, bairro vizinho ao Alto da Boa Vista e que vem recebendo diversos investimentos públicos e privados ao longo das últimas décadas, está diretamente relacionada com a procura por imóveis nas favelas localizadas ao longo da Estrada das Furnas, bem como no bairro do Itanhangá.

Observamos que os moradores das favelas convivem com a ameaça de

remoção sob alegação de risco ambiental envolvido com a construção de residências em áreas localizadas dentro dos limites do APARU do Alto da Boa Vista.

Discutimos brevemente a instrumentalização da legislação ambiental, dado que apenas os moradores das favelas são ameaçados, apesar de, como demonstramos no exemplo da Cachoeira do Amor, diversas construções legalizadas oferecerem o mesmo tipo de risco ambiental, sem nunca terem sido alvo de processos semelhantes. Ademais, em algumas oportunidades, ouvimos relatos de moradores que mencionaram planos para a construção de condomínios e até mesmo de um resort de luxo em áreas ocupadas por essas favelas.

Ressaltamos que somos contrários a qualquer processo de remoção dessas comunidades e acreditamos que a plena integração dessas áreas depende de uma política de habitação comprometida com a população de baixa renda, bem como o desenvolvimento de políticas públicas voltadas para a educação, saúde e geração de empregos.

Sobre os problemas enfrentados pelos moradores das favelas, constatamos que o transporte é o mais grave e que a insegurança é uma questão cada vez mais premente, sobretudo pela presença, na última década, de organizações criminosas que comandam o tráfico de entorpecentes nas duas maiores favelas da região. Além disso, verificamos que os serviços de água, esgoto e luz também são precários, com o abastecimento de água dependente da captação em nascentes localizadas no interior do PNT e a rotina quase que diária de falta de luz. Recebemos poucas reclamações sobre o tratamento de esgoto das residências, mas o estado deplorável de poluição do Rio Cachoeira aliado com o cheiro de suas águas, indica o destino de tais ligações.

Sobre as questões mais problemáticas, a dificuldade de mobilidade é agravada pela violência, com ocorrência frequente de furtos e roubos em ônibus, e pela pouca oferta de serviços públicos na região, especialmente aqueles relacionados com saúde e educação, o que obriga os moradores a buscarem alternativas nos bairros vizinhos.

Apesar de sempre ter convivido com esses problemas, do preconceito, do histórico de escravidão e das lutas pelo simples direito de permanecer, na primeira oportunidade, os moradores dessas favelas exaltam a *tranquilidade* do lugar.

Contradições do espaço? Sem dúvida, privilégios de comunidades excluídas que denominamos Mito da Tranquilidade. Discussão que pretendemos continuar em trabalhos posteriores.

Ao iniciar esta pesquisa, este autor acreditava conhecer a realidade das comunidades que habitam as favelas do Alto da Boa Vista. Indo além, acreditava que conhecia as favelas, pois já tinha circulado por suas vias principais em algumas oportunidades. Ledo engano, No final dessa pesquisa, percebemos que ainda há muito a ser pesquisado e problematizado, dado que encontramos algumas respostas e diversas perguntas novas.

Concluimos esta dissertação discutindo a ressignificação que o termo favela vem recebendo atualmente. A favela que já foi solução para os cortiços se transformou em problema a ser eliminado - pelo menos nas zonas mais interessantes ao capital - e que na verdade deve ser encarada com solução para as pessoas que não teriam outra possibilidade de moradia nas grandes cidades brasileiras e do mundo.

Como já mencionamos, a favela vem sendo apresentada como parte integrante da cultura nacional com diversas representações, na maioria das vezes romantizadas, nos eventos em que o Brasil aparece para o mundo, como as aberturas dos megaeventos ocorridos no Rio de Janeiro e nos desfiles das escolas de samba.

Também notamos que diversas instituições passaram a utilizar imagens de favelas ou usar o termo em projetos e até mesmo no seu logotipo, como o Observatório de Favelas³⁷ e, Centro Social Comunitário Favela em Desenvolvimento³⁸, além da própria Prefeitura do Município do Rio de Janeiro.

A ressignificação do termo favela também encontra eco nas arquibancadas do Maracanã, estádio que já foi o maior do mundo, abriu as portas do futebol para mais de 200 mil pessoas, independentemente da classe social e hoje vive a implantação de um novo modelo, transformado em arena e adequado aos interesses do grande capital (MASCARENHAS, 2014). Existia uma tradição nos jogos entre os quatro grandes clubes do Rio de Janeiro, Vasco, Fluminense, Botafogo e Flamengo, em que a torcida dos três primeiros clubes gritavam *favela, favela, favela, silêncio na*

³⁷ <https://observatoriodefavelas.org.br/>

³⁸ <https://www.favelaemdesenvolvimento.org/>

favela! a cada gol de seu time contra o Flamengo, como forma de humilhar a torcida rubro-negra, Figura 16.

Figura 16 - Rivalidade reinventada entre Flamengo e Vasco.



Fonte: disponível em <https://wikifavelas.com.br/index.php/Arquivo:Festa.jpg>

<http://www.linhadefundo.com/2020/04/sao-januario-e-sua-magia.html>

Ocorre que, há alguns anos, a torcida que antes recebia o cântico como ofensa, se apropriou da condição de favelada e passou a responder cada gol do Flamengo com o grito: favela, favela, favela, **festa na favela**.

Hoje em dia, é comum a confecção de faixas e bandeiras de diversos clubes com os dizeres time do povo, time de operários, trabalhadores, favelados etc. Enfim, as torcidas passaram a competir por uma identidade popular, como algo legítimo e valorizado e que, há poucos, anos era motivo de vergonha. Indício de mudanças? Ficamos na torcida.

Ao final desta pesquisa constatamos que o crescimento das favelas do Alto da Boa Vista repete, embora com atraso de algumas décadas, a mesma dinâmica de crescimento de outras áreas do município. Acreditamos que tal defasagem esteja relacionada com as características geográficas, a presença do PNT e do APARU e pela precariedade da mobilidade urbana no bairro.

Notamos que a dinâmica do processo de favelização no Alto da Boa Vista, assemelha-se aos bairros vizinhos do Itanhangá e Jacarepaguá, talvez configurando um processo de difusão espacial³⁹. Sobre Mito da Tranquilidade, acreditamos que alcançamos uma de suas facetas, a relacionada com a proximidade com a natureza. Porém, acreditamos na formulação de outras hipóteses, associadas à sensação de segurança, imposta por organizações criminosas, e a autosegregação das classes mais privilegiadas em condomínios de luxo fechados. Conceitos e perspectivas que pretendemos aprofundar em uma nova oportunidade de pesquisa.

³⁹ Ver CORRÊA (2018).

REFERÊNCIAS

ABREU, Mauricio de Almeida. **Evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPLAN-RIO, 1987.

ABREU, Mauricio de Almeida. **Natureza e sociedade no Rio de Janeiro**: Biblioteca Carioca, 1992.

ABREU, Maurício de Almeida. **Reconstruindo uma história esquecida: origem e expansão inicial das favelas do Rio de Janeiro**. Espaço & Debates, v. 37, n. 14, p. 33-46, 1994.

BANDEIRA, Carlos Manes. **Parque Nacional da Tijuca**. Rio de Janeiro: Maktron, 1993.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASILEIRO, Alice de Barros Horizonte. **Espaços de uso comunitário em programas habitacionais no Rio de Janeiro: entre o discurso e a prática**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU/UFRJ), Rio de Janeiro, 2000.

BURGOS, Marcelo Baumann. **Dos parques proletários ao Favela-Bairro: as políticas públicas nas favelas do Rio de Janeiro**. Em: Zaluar, Alba; Alvito, Marcos (Orgs.). Um século de favela. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

CARLOS. Ana Fani Alessandri. **A (re)produção do espaço urbano**. São Paulo: Edusp, 1994.

CHALHOUB, Sydney. **Cidade febril. Cortiços e epidemias na corte imperial.** Rio de Janeiro: Companhia. das Letras, 2004

CHAVES, Rafael Luiz Leite Lessa. **Segregados que segregam: uma discussão sobre a defesa dos ecolimites pelos moradores por eles cercados.** Anais do XIV ENANPEGE... Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/78123>

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia.** São Paulo: Brasiliense, 2012

COMPANS, Rose. **A cidade contra a favela: a nova ameaça ambiental.** Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 83-99, 2007.

CORREIA, Roberto Lobato. **Caminhos paralelos e entrecruzados.** São Paulo: Ed. UNESP, 2018.

DAVIS, Mike. **Planeta favela.** São paulo: boitempo editorial, 2006.

DOLLFUS, Olivier. **A análise geográfica.** São Paulo: Difusão Europeia, 1973.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **A ideologia alemã.** São Paulo: Boitempo, 2007.

FERREIRA, Alvaro. **A cidade no século XXI: segregação e banalização do espaço.** Rio de Janeiro: Consequência, 2011.

FERREIRA, Alvaro. **A cidade que queremos: produção do espaço e democracia.** Rio de Janeiro: Consequência, 2021.

FERREIRA, Alvaro. **Favelas no Rio de Janeiro: nascimento, expansão, remoção e, agora, exclusão através de muros.** Biblio 3W, Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona, Vol. XIV, nº 828, 2009.

FONSECA, T. B. **Políticas de remoção: velhas práticas, novas justificativas. O caso das favelas localizadas no bairro do Alto da Boa Vista (Rio de Janeiro) e a instrumentalização conservadora da questão ambiental.** AMBIENTES: Revista de Geografia e Ecologia Política, v.2, n.1, 2020.

GONÇALVES, Rafael S. **Favelas do Rio de Janeiro. História e direito.** Rio de Janeiro: PUC Rio, 2013.

GONÇALVES, Rafael S. **Política, o direito e as favelas do Rio de Janeiro: Um breve olhar histórico.** Urbana: Revista do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade, v. 1, n. 1, p. 1-23, 2006.

HARVEY, David. **A produção capitalista do Espaço.** São Paulo: Annablume, 2001

HARVEY, David. **17 contradições e o fim do capitalismo.** São Paulo: Boitempo, 2016

KNOPMAN, Eduardo B. **A luta pela água no Maciço da Tijuca (Rio de Janeiro): o caso das favelas do Alto da Boa Vista.** Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2018.

KOWARICK, Lúcio, **A espoliação urbana,** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

IBGE. **Censo Demográfico 2010, primeiros resultados: aglomerados subnormais.** Rio de Janeiro, 2011.

LEEDS, A; LEEDS, E. **A sociologia do Brasil urbano.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

LEFEBVRE, Henri. **De lo rural a lo urbano.** 4ª ed. Barcelona: Ediciones Península, 1978.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. Rio de Janeiro: Ática, 1991.

LEFEBVRE, Henri. **The production of space**. Reino Unido: Oxford, Blackwell, 1994.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LEFEBVRE, Henri, **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de L'espace, 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: 2006.)

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte, Editora. da UFMG, 2019.

LEFEBVRE, Henri. **Espaço e política: o direito à cidade II**. Belo Horizonte, Editora. da UFMG, 2020.

LEMOS, Maria de Lourdes; PEREZ, Rhoneds; BEZERRA, Francisco Octávio. **Estudos arqueológicos do Parque Nacional da Tijuca**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

LENCIONI, Sandra. **Região e geografia**. São Paulo: Edusp. 2009.

MAGALHÃES, Paulo. **Mata Machado: as lutas sociais dos trabalhadores urbanos**. Tese de Mestrado em Antropologia Social - Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional. UFRJ. Rio de Janeiro, 1979.

MARICATO, E. **Política habitacional no regime militar. Do milagre brasileiro à crise econômica**, Petrópolis: Vozes, 1987.

MARTINS, José de Souza (Org.) **Henri Lefebvre e o retorno à dialética**. São Paulo, Heucitec, 1996.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política, livro 1**, São Paulo: Boitempo, 2013.

MASCARENHAS. Gilmar. **Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2014.

MAYA, Raimundo Ottoni de Castro. **A Floresta da Tijuca**. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1967.

MELLO, Marco Antônio da Silva. **Favelas cariocas: ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

MINISTÉRIO PÚBLICO ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO (MPE-RJ). **Ação Civil Pública número 2006.001.139217-4. 2006**. Rio de Janeiro, 2006.

PARISSE, Luciano. **Favelas do Rio de Janeiro: evolução- sentido**. Rio de Janeiro: CENPHA, 1969.

PERLMAN, Janice E. **O mito da marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

RIBEIRO, Luiz Cesar Queiroz. **Dos cortiços aos condomínios fechados**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

RIO DE JANEIRO (Município). Câmara Municipal. **Projeto de Lei nº 1307/2003. Regula-menta a área de proteção ambiental e recuperação urbana - Aparu do Alto da Boa Vista**. Rio de Janeiro, 2003.

RIO DE JANEIRO (Município). **Lei Complementar n.º 111, de 11 de fevereiro de 2011. Dispõe sobre a Política Urbana e Ambiental do Município, institui o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Sustentável do Município do Rio de Janeiro e dá outras providências**. Rio de Janeiro, 2011.

ROCHA, Lia de Mattos. **Uma favela “diferente das outras”? Rotina, silenciamento e ação coletiva na favela do Pereirão.** Rio de Janeiro: Quartet & Faperj, 2013.

ROSE, Lili. **Tijuca de rua em rua: da Praça da Bandeira ao Alto da Boa Vista.** Rio de Janeiro: Ed. Rio, 2004

RUA, João. **Urbanidades no rural: o devir de novas territorialidades. Campo-território.** Revista de Geografia Agrária, v.1, n.1, 2006.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço e tempo: globalização e meio técnico científico informacional.** São Paulo, HUCITEC, 1997

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. **Movimentos urbanos no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

SCHWARCZ, Lia Moritz. **O Sol do Brasil.** São Paulo: Cia das Letras, 2008.

SILVA, Felipe Rodrigo S. **Uso da água na bacia do Rio Cachoeira, Maciço da Tijuca (RJ): qualidade, escassez e conflitos locais.** Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2014.

SMITH, Neil. **Desenvolvimento desigual,** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **'Proteção ambiental para quem? A instrumentalização da ecologia contra o direito à moradia'.** Mercator (Fortaleza. Online), v. 14, p. 25-44, 2015.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; SPOSITO, Eliseu Savério (ORG). **A construção de uma pesquisa em ciências humanas**. Rio de Janeiro: Consequência editora, 2022.

VALLA, Victor Vicent. **Educação e favela**, Petrópolis: Vozes, 1986.

VALLADARES, Lícia do Prado. **Passa-se uma casa**, Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

VALLADARES, Lícia do Prado. **A invenção da favela: do mito de origem à favela.com**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

VAZ, Lillian Fessler. **Dos cortiços às favelas e aos edifícios de apartamentos: a modernização da moradia no Rio de Janeiro**. Lisboa: Análise Social, v. 24, n. 127, p. 581-597, 1994.

ANEXO 1 – FORMULÁRIO ELETRÔNICO

Pesquisa: Comunidades do Alto da Boa Vista

Tempo de resposta estimado: 1 minuto

Este formulário faz parte da pesquisa de mestrado, em andamento desde 2020, sobre as comunidades que habitam o Alto da Boa Vista. Autor: Marcelo Monroy Bentes, PPGeo UERJ.

1 - Qual seu local de moradia no Alto da Boa Vista?

☐ Mata Machado

☐ Tijucaçu

☐ Fazenda

☐ Furnas

☐ Agrícola

☐ Biquinha

☐ Outro: _____

2 - Trabalhou ou tem algum parente que foi funcionário de uma das antigas fábricas ou do PNT?

☐ Fábricas de papel (Furnas)

☐ Fábrica de Discos (Mata Machado)

☐ Fábrica de Tecidos (Rua Boa Vista)

☐ Pedreiras (Taquara e Furnas)

☐ Parque Nacional da Tijuca

☐ Não trabalhei e não tenho parentes ex-funcionários

3 - Em qual bairro trabalha atualmente?

☐ Alto da Boa Vista

☐ Barra da Tijuca

☐ Tijuca

☐ Outro: _____

4 - Qual a maior qualidade do seu local de moradia? (conforme pergunta 1)

5 - Qual o maior problema? (conforme pergunta 1)
